

Ana Paula El-Jaick
Simone de Mello de Oliveira
Viviane Biacchi Brust
Orgs.

Enlace entre Laboratórios



LAS - CORPUS - EL@DIS



Enlace entre Laboratórios

LAS – CORPUS – EL@DIS



PPGL/UFSM

Ana Paula El-Jaick
Simone de Mello de Oliveira
Viviane Biacchi Brust
Orgs.

I Jornada
**Enlace entre
Laboratórios**

LAS – CORPUS – EL@DIS

Caderno de Resumos

2012

PPGL/UFSM Editora

Programa de Pós-Graduação em Letras - UFSM
Campus Universitário Camobi. 97105-900 – Santa Maria, RS – Brasil
Fones: 0xx 55 3220 8359; 0xx 55 3220 8025
Email: ppgl@mail.ufsm.br Site : www.ufsm.br/ppgletras

Coordenação Editorial

Amanda Eloina Scherer

Editoração

Simone de Mello de Oliveira

Revisão

Ana Paula El-Jaick
Viviane Biacchi Brust

Capa

Simone de Mello de Oliveira, sobre quadro de Wassily Kandinsky, *Blue Painting*.

Jornada Enlace entre Laboratórios : LAS – CORPUS –
EL@Dis (1. : 2012 : [Niterói, RJ])
Caderno de resumos / I Jornada Enlace entre
Laboratórios : LAS – CORPUS – EL@Dis, 24 de agosto
de 2012, UFF ; Ana Paula El-Jaick, Simone de Mello
de Oliveira, Viviane Biacchi Brust org. – Santa Maria :
UFSM, PPGL, 2012.
216p. ; 21 cm.

1. Linguística 2. Língua 3. Literatura 4. Análise
do discurso 5. Comunicação I. El-Jaick, Ana Paula
II. Oliveira, Simone de Mello de III. Brust, Viviane
Biacchi IV. Título

Versão Eletrônica
ISBN 978-85-99527-29-0
Disponível em: corpus.ufsm.br/enlace

Comissão Científica do Evento

Profa. Dra. Amanda Scherer (UFSM)
Profa. Dra. Ana Paula El-Jaick (CAPES/UFF)
Profa. Dra. Bethania Mariani (UFF)
Profa. Dra. Carla Moreira (CAPES/UFF)
Profa. Dra. Fernanda Correa Silveira Galli (FAPESP/USP)
Profa. Dra. Lucília Romão (FFCLRP/USP)
Prof. Dr. Maurício Beck (FAPERJ/UFF)
Profa. Dra. Silmara Dela Silva (UFF)
Profa. Dra. Simone de Mello de Oliveira (CAPES/UFSM)
Profa. Dra. Vanise Medeiros (UFF)
Profa. Dra. Verli Petri (UFSM)
Profa. Dra. Zélia Maria Viana Paim (CAPES/UFSM)

Sumário

Apresentação: Efeitos de enlace Lucília Maria Sousa Romão	11
As Unidades de Polícia Pacificadora no discurso midiático impresso AFFONSO, Alessandra Vieira	13
O papel da mídia na obsolescência dos produtos ALMEIDA, João Flávio de	15
Discurso, saber e verdade. O que se pode d’isso saber? AMARAL, Maria de Fátima	18
Multiculturalismo: um acontecimento discursivo? BARBOSA DA SILVA, Diego	21
O Novo Acordo Ortográfico entre os países da CPLP: considerações sobre o político e o imaginário BARBOSA, Carla Moreira	24
<i>Blogs gays</i>: inscrições de filiação e rompimento no ciberespaço BASTOS, Gustavo Grandini	26
Construindo sentidos pela língua na história: a experiência de criar um dicionário BIAZUS, Camilla	30
O imaginário do sujeito “gaúcho” sul-rio-grandense e hispano- -americano no processo de dicionarização BRANCO, Natieli Luiza	33
Imagens do sujeito migrante italiano na Quarta Colônia: língua, cultura e história BRUST, Viviane T. Biacchi	36

Morar e circular: modos de o sujeito se significar no espaço urbano carioca. Uma análise do discurso do cinema-documentário BECK, Maurício	39
Discursividades sobre a língua no Brasil em Mário de Andrade BUSCÁCIO, Livia Letícia Belmiro	42
A criação do fundo documental Neusa Carson como forma de preservação da memória dos estudos linguísticos na UFSM CABRERA, Bruna C.	45
O sujeito se constituindo via silêncio CARNEVALE, Ana Maria	48
Discurso e memória: sentidos de bibliotecário CARVALHO, Mavi Galante Mancera Dall'Acqua	51
Gentílicos brasileiros: memória na e da língua CASTRO, Eulália Féo de	55
A produção de efeitos de sentidos: análise do diminutivo e aumentativo dos verbetes “china” e “mulher” CAVALHEIRO, Vanessa Flores	57
Institucionalização de sentidos e gramatização: o quéchua, o aimara e o guarani em análise COLAÇA, Joyce Palha	60
O gesto de interpretação nos discursos natalinos contra Hitler CORREA, Ana Paula Alves	64
Definição de gramática: saberes que ressoam e que retornam COSTA, Maria Iraci Sousa	67
Gramática e história: a moderna gramática portuguesa e a (re)construção do saber gramatical brasileiro após a NGB COSTA, Thaís de Araújo de	70

Publicidade, imagem e discurso: relatos iniciais de um projeto de tese	74
COUTINHO, Renata Corrêa	
Discursos do autismo: interfaces para Análise de Discurso, Psicanálise e Musicoterapia	77
DA SILVA CIRIGLIANO, Márcia Maria	
Relatos de um viajante: investigações em torno de um processo de construção da história do sujeito gaúcho pela língua	80
DELEVATI, Daiane da Silva	
O Gaúcho fronteiriço: relações entre o dizer e os saberes presentes nos dicionários regionalistas e/ou hispano-americanos	82
DENARDI, Graciele Turchetti de Oliveira	
Francês e Colégio Pedro II: uma língua estrangeira no trabalho de formação de um sujeito nacional brasileiro	85
DEZERTO, Felipe Barbosa	
O nome “linguística” na história do conhecimento sobre a língua	88
DIAS, Juciele Pereira	
Uma parada necessária(?), algumas dispersões possíveis	91
EL-JAICK, Ana Paula	
Comida e alimentação em enciclopédias dos séculos XIX e XX: do discurso médico ao discurso da arte	94
ESTEVES, Phellipe Marcel da Silva	
O funcionamento do mecanismo de busca <i>Google</i>: considerações sobre o discurso eletrônico	98
FARIA, Daiana	

Arquivo e(m) discurso: efeitos de leitura FERRAREZI, Ludmila	102
Os sentidos de “mulher” na sociedade atual e o verbete “mulher” apresentado na língua dicionarizada FIGUEIREDO, Luan Rodrigues de	105
<i>Blog</i>: a emergência do efeito-autor GALLI, Fernanda Correa Silveira	108
<i>Infâncias</i>: investigação das diferentes formas de organização do “discurso sobre” e suas consequências nas práticas sociais atuais GARCEZ, Marcelo Da Rocha	111
Sujeito, corpo e rede (eletrônica) GIORGENON, Daniela	114
Discurso e Ideologia: silenciamento de sentidos no prefácio à obra <i>Quarto de Despejo</i> de Carolina Maria de Jesus GREFF, Luiza B.	118
Considerações sobre o prefácio de dois dicionários GUERRA, Guilherme Bizzi	121
A ditadura militar discursivizada nas fotografias dos jornais <i>Última Hora</i> e <i>Folha de S. Paulo</i> LAMPOGLIA, Francis	124
O gaúcho do campo e da cidade: diferentes condições de produção em relação ao verbete “gaúcho” LIMA, Glenda Lima de	127
Uma perspectiva discursiva sobre a imagem do sujeito-professor constitutiva no processo de disciplinarização do Estágio Supervisionado nos Cursos de Letras LINCK, Ieda Márcia Donati	130

O discurso transverso na revista <i>Veja</i>: uma análise das orações subordinadas adjetivas e das apositivas	134
LUNKES, Fernanda	
A representação do professor frente aos conceitos estabelecidos pelos alunos	137
MALLET, Paola	
Que discursos sobre o "Gaúcho" circulam em instrumentos linguísticos que funcionam no ensino/aprendizagem de História?	139
MARTINS, Patrícia Gaier	
Escola e racismo: uma abordagem discursiva sobre livros didáticos de História	142
MATHIAS NETTO, Mário Sérgio	
Dizeres de língua nacional nos anos 1920: Amadeu Amaral e Antenor Nascentes	144
MATTOS, Thiago	
Pontos de fissura / continuação de espaços e de história: uma análise comparativa entre os contos “A caçada”, de Lygia Fagundes Telles, e “Continuidade dos Parques”, de Julio Cortázar	147
MELLO, Pricilla Marchiori	
Arquivo e (re)documenta(riza)ção: a criação do Centro de Documentação e Memória	150
OLIVEIRA, Simone de Mello de	
Revista Acadêmica: os modos de circulação e visibilidade do saber, dos sujeitos e dos sentidos	153
PAIM, Zélia Maria Viana	
Palavras sobre o silêncio: que silêncio?	156
PATTI, Ane R.	

O que se diz da morte: análise do discurso nos atestados de óbitos da Santa Maria - RS do final do século XIX PEDRAZZI, Fernanda Kieling	161
De língua nacional a transnacional: a língua brasileira no mundo globalizado RANGEL, Vanessa Lacerda da Silva	164
Rapensando discursivamente o imaginário sobre a resistência em <i>A marcha fúnebre prossegue</i> RESENDE, Mariana	167
Efeitos de sentidos do verbete <i>idoso</i> em dicionários de língua portuguesa RIBEIRO, Juliana L.	170
Dando voz aos saberes: oficina na CUICA RODRIGUES, Thainara Petri	173
Diferentes tipos de liderança: a discursividade jovem na mídia impressa SALES, Viviane	176
Sujeito e discurso: Aspectos da constituição identitária em redes sociais SANTOS, Ester Dias de Barros	179
Arquivos sobre o ead na rede eletrônica SANTOS, Roberta Kerr dos	183
Considerações sobre um percurso em andamento: a noção de língua nos anos de 1950 e sua constituição SCHNEIDERS, Caroline M.	187
Investigações iniciais acerca da imagem “oficial” do gaúcho SCHWUCHOW, Valéria	190

A designação da indumentária do gaúcho no <i>Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul</i> e no dicionário Houaiss	193
SILVA, Kelly Fernanda Guasso da	
Não somos números: formas de resistência no Morro da Favella	196
SOARES, Paula	
Reflexões da e sobre a prática docente por futuros professores	199
SPENCER, Louise Cervo	
A Linguística e o seu discurso sobre o ensino de Língua Portuguesa no Brasil	202
STURZA, Simone de Moura	
Subjetividades na mídia: as posições sujeito brasileiro e espanhol em propagandas multinacionais	205
TEIXEIRA, Karoline da Cunha	
Os sentidos do embate urbano – cidade e(m) movimento: produção de subjetividade em materialidades discursivas do <i>hip hop</i> fluminense	209
TRAJANO, Raphael de Moraes	
O imaginário da política de pacificação nas correspondências midiáticas cariocas	212
VALENÇA, Marcio	
A narratividade urbana e os sentidos da oralidade em práticas discursivas constituindo a significação de sujeitos	214
VARGAS, André Luís Campos	

Apresentação: Efeitos de enlace

Um livro que propõe a feitura de laços entre pesquisadores e a trança de trajetos teórico-analíticos de analistas do discurso: assim poderia ser definida esta obra. Nossa proposta consiste em criar um campo para enovelar questionamentos e tecer fios de dizer de pesquisadores de três laboratórios brasileiros, quais sejam, Corpus (UFSM), LAS (UFF) e E-l@dis (FFCLRP/USP). Mas também haveria outro modo de dizer (sempre há vários deixados em silêncio a cada tomada de palavra...): este livro sintetiza e dá materialidade a uma série de encontros na teoria e na vida, saborosos e ricos, que vêm sendo construídos há anos e que agora ganham forma de uma cooperação regularizada por encontros de trabalho, publicações e estudos compartilhados.

Constam deste livro trabalhos de orientandos de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado, que sinalizam o quilate da produção e reflexão teórico-analítica em curso nos laboratórios. Sob a orientação de Amanda Scherer, Verli Petri, Bethania Mariani, Vanise Medeiros, Silmara Dela Silva e Lucília Maria Sousa Romão, os referidos laboratórios desenvolvem pesquisas no âmbito dos estudos de Michel Pêcheux, tendo como norte o político na relação do sujeito com a língua, a história e o inconsciente. Na verdade, interessa-nos indagar sobre os efeitos de naturalização dos discursos, seus modos de inscrição e reprodução, fomentando interpretações sobre seus funcionamentos em dadas condições de produção, seja na investigação da história das ideias linguísticas, seja na contemporaneidade.

Por isso, os desdobramentos da teoria nos unem e atravessam em uma cartografia diversa de encontros: dicionarização, ensino de língua, leitura, mídia, rede eletrônica, significante e inconsciente... Tudo sondado no manifesto da voz do sujeito que teima em deixar suas pegadas em palavras e silêncios – em efeitos sempre em curso, no movimento do que é pura errância e deslocamento, o que produz em nosso trabalho o sinal de um começo sempre inaugural.

Esta é a nossa primeira publicação enlaçada: autores dos três laboratórios embaralhados e juntos na tessitura de diálogos em torno da teoria e da análise, da academia e da vida. É assim que propomos que o discurso nos una na singularidade e na diferença de (nos) dizer.

Lucília Maria Sousa Romão

As Unidades de Polícia Pacificadora no discurso midiático impresso

AFFONSO, Alessandra Vieira (UFF/LAS)¹
alevieira_81@hotmail.com

A partir de dezembro de 2008, surge um novo modelo de policiamento no Rio de Janeiro: as UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora). Nesta forma de denominação policial, temos a adjetivação *pacificadora* que recai sobre o vocábulo *polícia*, é a Polícia da Paz. O objetivo, com este trabalho, é refletir sobre a Polícia Pacificadora na mídia impressa, sob o enfoque teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (Pêcheux e Orlandi). Algumas são as questões que norteiam as reflexões empreendidas: (i) que sentidos estão postos na mídia impressa ao se noticiar sobre Polícia Pacificadora?; (ii) como as UPPs vão sendo discursivizadas nas reportagens?; (iii) quais são as filiações que sustentam esta forma de policiamento?; (iv) quais são os dizeres que sustentam uma discursividade acerca desta forma de policiamento? Tomamos como *corpus* reportagens das revistas *Veja* e *Caros Amigos* sobre a Polícia Pacificadora e delimitamos dois momentos da política da pacificação na mídia impressa selecionada: a sua implementação, no final de 2008, e, logo, a sua iminência na mídia, e, posteriormente, no final de 2010, após o acontecimento de novembro de 2010 (confronto armado da polícia com os traficantes nas comunidades de Vila Cruzeiro e Complexo do Alemão). A revista *Veja* é discursivizada como a principal revista da grande mídia e ocupa o primeiro lugar em tiragem no Brasil, resultando em sua ampla divulgação; a revista *Caros Amigos* é apresentada como a representante da imprensa alternativa brasileira. A escolha por essas duas revistas parte das seguintes questões norteadoras: até que ponto nelas inscrevem-se diferentes posições discursivas?; e até que ponto elas filiam-se em distintas formações discursivas? Após a análise do *corpus*, chegamos a duas formações discursivas: a formação discursiva

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem.

bélica (FD1) e a formação discursiva da denúncia (FD2), em que se inscrevem *Veja* e *Caros Amigos*, respectivamente. A FD1 cola-se ao discurso oficial e mobiliza uma memória em que a violência cometida pelos policiais torna-se legitimada e é discursivizada positivamente. Já na FD2, a violência advinda do Estado é problematizada. Nela há a denúncia de dizeres interditados e de vozes silenciadas no discurso oficial. Por fim, constatamos que as posições discursivas presentes em *Caros Amigos* são dissonantes daquelas que comparecem na revista *Veja*. Há, em *Caros Amigos*, uma contra-identificação com os sentidos postos e dominantes em *Veja*, manifestando um efeito de resistência aos sentidos legitimados e que circulam, na contemporaneidade, como naturais.

O papel da mídia na obsolescência dos produtos

ALMEIDA, João Flávio de (UFSCar)²

A problemática do consumo tem sido recorrente em estudos das mais variadas ciências, resultando em diversas facetas e possíveis conclusões. Intimamente atrelado ao capitalismo, o consumo assume uma importância significativa nas discussões modernas por ser uma das principais engrenagens deste motor, como assinala Bauman (2010, p.29): “Para manter vivo o capitalismo [...] bastavam subvenções estatais para permitir que o capital vendesse mercadorias e os consumidores as comprassem”. A despeito de todos os esforços estatais e privados, sem o consumo das mercadorias o ciclo se quebraria, e o sistema democrático-capitalista ruiria. As “oscilações das médias nos níveis de negócios da economia”, ou simplesmente “crises”, ocorreram em vários momentos da história capitalista, demandando rígida diligência na reedificação do sistema em vigor. Bauman (2010, p.10) cita George Soros, analista econômico, ao apresentar os percursos capitalistas como uma sucessão de “bolhas” que se expandem além de sua capacidade e explodem ao atingirem seus limites. Entretanto, ao final de cada crise a luz no fim do túnel parece ter sido a mesma: o consumo. Mas qual é o fundamento do consumo? Em que plano se dá sua origem e como se desfigurou em consumismo? Examinar de forma mais demorada e profunda tais equações é de grande importância para o estudo de outras implicações desta temática e, por isso, propomos examinar a justa medida do papel de cada ator desta problemática. Se o capitalismo induz ao consumismo para gerar lucros através da circulação mais rápida das mercadorias, ele exacerba, então, uma situação ontológica que é sua condição primeira. Não significa que o capitalismo seja decorrente dessa situação, ou que seja necessário, ou, ainda, que seja a sua forma mais acabada. Significa, apenas, que, sem este, seria uma tarefa mais difícil, senão impossível, criar a necessidade de consumo enquanto valor que ultrapassa as

² Mestrando em Ciências, Tecnologia e Sociedade (CTS) pela UFSCar.

necessidades de sobrevivência. Como se dá, portanto, o discurso hegemônico capaz de conduzir multidões em comportamentos uníssonos de aceleração de compra? Existem estudos significativos sobre o discurso das mídias desenvolvidos com o referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso francesa. Os trabalhos de Pêcheux (1997), Orlandi (1999), Voese (1998), Mariani (1998), Furtado (2000), Silva (2001), Guimarães (2001), Romão (2002), Gregolin (2003) e Payer (2005) delinearam um percurso caudatário de investigação a respeito do tema. Sob a ação da ideologia (PÊCHEUX, 1969), torna-se natural o aparecimento de apenas um sentido nos filmes, documentários, textualizações midiáticas etc., marcando um impedimento para o sujeito conjecturar que os sentidos poderiam ser outros, diversos daqueles que se estabelecem como dominantes ou já legitimados. Assim, o discurso midiático faz circular uma suposta coincidência entre os atos de linguagem e os fatos puros, instalando o mote da transparência e da univocidade, como se não existissem outros modos de dizer, relatar, narrar fatos, entrevistar personalidades, cobrir acontecimentos, fazer reportagens. Dessa forma, apagam-se os enunciados dos e sobre os equívocos, as fissuras, sabotando a possibilidade de a imprecisão, a inexatidão, os não-ditos e o silenciamento serem falados. Cria-se, então, um ideário em que, ao sujeito-consumidor desse discurso, resta acreditar que existe uma correspondência, termo a termo, entre as palavras e o mundo, entre os relatos e os fatos. Visto dessa forma, está marcado um lugar supostamente constituído pela ausência de sombras, em que as palavras impressas ratificam os fatos, em que os relatos correspondem à verdade pura e em que um poder está permanentemente funcionando como uma credencial simbólica de verdade. Não seria difícil levantar exemplos desse efeito de legitimidade expresso em formulações cotidianas – *“vi no cinema”, “saiu no jornal”, “eu vi no programa de TV”, “apareceu no telejornal”* – que, ditas no contexto da comunicação global, funcionam virtualmente como efeitos de garantia de certificação, de grife de prestígio e de fonte de legitimidade, emprestados da voz poderosa da mídia e transferidos àquele que lê, assiste, compra, assina, enfim, consome um produto midiático. Tal imaginário de certificação e de veracidade coloca o órgão de imprensa

em uma determinada posição, qual seja, um lugar de prestígio, de saber e de poder em que existe um mérito já dado *a priori*, fazendo falar a representação da verdade, independentemente do que diga, de como produza sentido, de quais efeitos movimentam-se nos registros midiáticos, de que significantes lance mão para elaborar a costura dos dados, da credibilidade das fontes e de quais recursos use para editar a informação de um determinado modo.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Z. *Capitalismo Parasitário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- FURTADO, T. H. *As lacunas de sentido no discurso jornalístico: do repórter ao editor da Revista Veja*. 2000. 132 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Departamento de Letras e Linguística, Porto Alegre, 2000.
- GREGOLIN, M. R. (Org.). *Discurso e mídia – a cultura do espetáculo*. São Carlos: ClaraLuz Editora, 2003.
- GUIMARÃES, E. (Org.). *Produção e circulação do conhecimento – Estado, Mídia, Sociedade*. Campinas: Pontes Editores, 2001.
- MARIANI, B. *O PCB e a imprensa*. Campinas: Editora da Unicamp e Editora Revan, 1998.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso – princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 1999.
- PAYER, M. O. Linguagem e sociedade contemporânea – sujeito, mídia, mercado. *Rua – Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp* – Nudecri, n.11, 2005.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1997 [1969].
- ROMÃO, L. M. S. *O discurso do conflito materializado no MST: a ferida aberta na nação*. 2002. 310 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Ribeirão Preto, 2002.
- SILVA, T. D. da. A língua na escrita jornalística. In: GUIMARÃES, E. (Org.). *Produção e circulação do conhecimento – Estado, Mídia, Sociedade*. Campinas: Pontes Editores, 2001.

VOESE, I. *O Movimento dos sem-terra na imprensa: um exercício de análise de discurso*. Ijuí: Editora Unijuí, 1998.

Discurso, saber e verdade. O que se pode d'isso saber?

AMARAL, Maria de Fátima (UFF/LAS)
mfamaral1@gmail.com

Este estudo busca trazer à luz o lugar da palavra na constituição subjetiva. Trazer, para a clínica com crianças que nascem com uma marca no real do corpo, um discurso particularizado. Para tanto, precisamos questionar o que constitui a formação desse outro discurso. Partimos da hipótese de que um diagnóstico precoce que pode levar a um prognóstico grave, submetendo o bebê a uma marca no real do corpo, poderia impedi-lo de fazer a passagem da ordem da necessidade, do puro orgânico, para o estatuto de sujeito. Consideramos que, antes de poder dizer “eu falo”, o bebê que recebe o diagnóstico de Encefalopatia Crônica da Infância (ECI) se vê capturado por processos de significação do saber da medicina que antecipam para ele um sentido, um destino. O que experimentamos, nessa clínica com bebês portadores do diagnóstico de ECI, é a escuta da pregnância do discurso médico sobre o discurso materno, produzindo, assim, um efeito de engessamento, ou, ainda, de submetimento aos signos da ordem médica. O trabalho analítico traz à cena o lugar da palavra. A clínica com bebês encefalopatas é marcada pela certeza do diagnóstico e seu prognóstico que marca e assujeita pacientes. Essa posição assujeitada do sujeito é estudada, em Análise do Discurso, como relativa à inscrição em uma formação discursiva do dizer. De acordo com Orlandi (2006), as formações discursivas projetam as formações ideológicas na linguagem. “As palavras, expressões, proposições adquirem seu sentido em referência [...] às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem” (ORLANDI, 2006, p.17). A Análise de Discurso propicia uma análise da materialidade discursiva dos discursos médico e materno, na tentativa de desterritorializar o conceito de doença – o lugar do preestabelecido –, de desterritorializar um discurso totalitário e fechado em signos que promovem significações, e também na tentativa de provocar um efeito equivocante na posição de assujeitamento que a mãe, campo do Outro na constituição do sujeito,

pode vir a sofrer frente ao discurso médico. Essa equivocação é uma operação efetiva, com efeito de corte. É o que Orlandi (2008, p.9) chama de “Região de equívoco”, em que se ligam materialmente o inconsciente e a ideologia. Na clínica com bebês encefalopatas, constatamos que a fala que os terapeutas endereçam às famílias promove um discurso que porta significantes que emergem de um discurso fundador, um discurso autoritário que parece não vigorar no contexto imediato, mas que, no entanto, aparece como efeito, nas entrelinhas dos discursos. Esses sentidos, imbuídos de um discurso autoritário, referem-se a uma memória discursiva, à posição da medicina com relação ao saber, posição na qual ela não pode suportar o que há de real na língua. Ou seja, a medicina, para efetivar a sua prática, não pode comportar um saber *furado*, pois está pautada na assertividade, o que a faz precisar de classificações, nomeações e lugares predeterminados. Acreditamos que este estudo traz um real em jogo que nos coloca, de saída, uma dificuldade: o corpo está doente. Há uma doença no real do corpo. Mas isso retira do sujeito a condição de se constituir? Numa leitura lacaniana atravessada pelas considerações linguísticas que este estudo porta, podemos dizer que não, pois o que é próprio da linguagem é se prestar ao real da língua. Ao constataremos o não encontro do significante com o significado, a impropriedade do signo fica autenticada. Portanto, o que aqui se coloca é uma possibilidade de se dizer para além daquilo que está dito. O bebê, ao receber um diagnóstico, recebe uma marca que o envelope com um signo carregado de significações. No entanto, podemos apostar que a entrada do bebê no campo da linguagem retira-o da categoria do puro orgânico, inserindo-o no campo dos discursos. O discurso, na psicanálise, tem uma função operante bastante peculiar. Ele sugere um lugar operando. O lugar de um sujeito em letramento, ou seja, de um sujeito construindo seu próprio discurso. A psicanálise é uma experiência de discurso – e o discurso é a possibilidade que o sujeito tem de habitar a linguagem. Ao conseguir alcançar este primeiro passo, que é o de incorporar a linguagem – operação que Lacan faz equivaler à primeira identificação, a incorporação real do Outro real –, o sujeito por vir é levado, com destinos diversos, a organizar-se no campo da linguagem. O discurso é a possibilidade que o

sujeito tem de, além de habitar a linguagem, fazê-la entrar numa legalidade. Buscamos investigar o que possibilita que um sujeito advenha, ainda que em sua condição orgânica encontre-se com dificuldades – ou seja, mesmo que um bebê porte um diagnóstico de ECI, buscamos investigar o que possibilita que ele encontre condições de inscrever-se como sujeito. A inscrição do sujeito sugere algumas condições, às quais nos reportaremos neste trabalho, a fim de buscarmos considerações que possam contribuir para o exercício dessa práxis.

Referências bibliográficas

ORLANDI, Eni P. Introdução às ciências da linguagem. In: LAGAZZY-RODRIGUES, Suzy e ORLANDI, Eni P. (Orgs.). *Discurso e textualidade*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

_____. Nota ao leitor. In: PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

Multiculturalismo: um acontecimento discursivo?

BARBOSA DA SILVA, Diego (UFF/Arquivo Nacional)³
vsjd@uol.com.br

Em um estudo anterior (BARBOSA DA SILVA, 2011) sobre o *ethos* do enunciador de políticas linguísticas para a expansão do português da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), identificamos duas formações discursivas opostas no âmbito do contato de línguas. A uma demos o nome de *colonialista* e, à outra, de *multiculturalista*. A primeira está baseada numa relação de poder entre as línguas, poder político e ideológico e, conseqüentemente, de dominação. A homogeneidade prevalece sobre a heterogeneidade. Já na formação discursiva multiculturalista, ao contrário da anterior, não haveria aparentemente uma relação de poder entre as culturas e as línguas. Não haveria uma cultura, nem uma língua melhor, mais civilizada, original. A heterogeneidade prevalece sobre a homogeneidade. Essa análise, desse modo, chamou-nos a atenção para o fenômeno do multiculturalismo.

O termo multiculturalismo surgiu no período pós-guerra e pós-holocausto, no contexto de descolonização dos continentes asiático, africano e oceânico e de reivindicação de minorias sociais: negros, mulheres e indígenas. Enquanto política, o multiculturalismo foi adotado pela primeira vez no Canadá, nos anos 1960/1970, e logo em seguida pela Austrália, intensificando-se com o fim da Guerra Fria e do comunismo e, conseqüentemente, com a expansão da globalização e (re)fundação da União Europeia (KYMICKA, 1996; TAYLOR, 1998; OKIN, 1999). A política multicultural avançava na Europa à medida que se fortalecia a integração do continente e crescia o número de migrantes vindos da periferia do sistema capitalista. O objetivo desta pesquisa é pensar discursivamente os sentidos de multiculturalismo. O que está em jogo e o que não está quando se diz *multiculturalismo*? O que esses

³ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (UFF). Colaborador do Laboratório de Arquivos do Sujeito (LAS).

sentidos silenciam? Há paráfrases e deslizamentos em torno desses sentidos? O multiculturalismo é um acontecimento discursivo? Contrariando a maior parte dos cientistas políticos, pedagogos e antropólogos defensores do multiculturalismo, até que ponto o multiculturalismo seria um acontecimento discursivo ou apenas um acontecimento histórico, cujos efeitos de sentidos são controlados por uma formação discursiva dominante que visa construir, para o futuro, uma memória, uma ilusão de que não há uma formação ideológica dominante, de que não existem mais efeitos de sentidos colonialistas? Nosso *corpus* de análise, a princípio, é composto pela *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural* (2001) e pelo *Relatório Mundial da Unesco: investir na diversidade cultural e no diálogo cultural* (2009). A composição do *corpus* parte da hipótese de que a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), por ser uma organização internacional ligada à ONU, voltada para a cultura e educação, tendo como membros todos os países do mundo e uma tradição supostamente plural – ainda que apresente marcas de uma perspectiva ocidental/europeia do mundo, afinal, só podem ser membros da organização Estados nacionais, cujo conceito é europeu –, sustentaria um discurso multicultural. Nossa pesquisa ganha mais relevância após os atentados de 11 de setembro de 2001 e após a crise econômica de 2008, quando surgem enunciados de que o multiculturalismo está em crise (KERNERMAN, 2005; LENTIN, 2011; TITLEY, 2012; HEADLEY, 2012). Além disso, acompanhamos nestes últimos anos uma série de fatos em que, de uma forma ou de outra, transparece a polêmica em torno do multiculturalismo, como: a criação do *Ministério da Imigração, Integração e Identidade Nacional* na França, em 2007; as restrições à entrada de imigrantes na União Europeia, com a Aprovação da Diretiva do Retorno, em 2008; os plebiscitos na Suíça, em 2009, contra a construção de minaretes e, em 2010, a favor da expulsão de imigrantes que cometeram crimes graves; a expulsão de ciganos da França, em 2010; a proibição do uso do véu islâmico em locais públicos na França, em 2010; a decisão, em 2011, do Tribunal Europeu de Direitos Humanos de manter crucifixos nas escolas da Itália, modificando a decisão anterior do mesmo tribunal; também em 2011, os atentados na Noruega, em que morreram 76 pessoas;

além dos distúrbios em Londres, no mesmo ano de 2011. Tal contexto fez com que governantes conservadores – como Nicholas Sarkozy (França), Angela Merkel (Alemanha) e David Cameron (Reino Unido) – declarassem, em 2010 e 2011, que o “multiculturalismo fracassou”.

Referências bibliográficas

BARBOSA DA SILVA, Diego. *De flor do Lácio à língua global: uma análise discursiva das relações de poder nas políticas linguísticas para a promoção, a difusão e a projeção do português da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

HEADLEY, John. *The Problem with Multiculturalism*. New Jersey: Transaction, 2012.

KERNERMAN, Gerald. *Multicultural nationalism*. Vancouver: UBC Press, 2005.

KYMLICKA, Will. *Ciudadanía multicultural*. Barcelona: Paidós, 1996.

LENTIN, Alana; TITLEY, Gavan. *The Crises of Multiculturalism*. Zed Books, 2011.

OKIN, Susan Moller. *Is multiculturalism bad for women?* Princeton: Princeton University Press, 1999.

TAYLOR, Charles (Org.). *Multiculturalismo: examinando a política de reconhecimento*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

O Novo Acordo Ortográfico entre os países da CPLP: considerações sobre o político e o imaginário

BARBOSA, Carla Moreira (UFF/CAPES/LAS)⁴
carlabmor@uol.com.br

Para este Encontro, pretendo apresentar resultados parciais da pesquisa que venho desenvolvendo em torno do Novo Acordo Ortográfico entre os países que fazem parte da CPLP (Comissão dos Países de Língua Portuguesa). Trata-se de uma pesquisa de pós-doutoramento inscrita em um projeto maior intitulado *O brasileiro hoje: língua, cultura e novas relações sociais*, coordenado pela Profa. Dra. Bethania Mariani. Fundamentada teórico-metodologicamente na História das Ideias Linguísticas (AUROUX, 1992; ORLANDI, 1988) e na Análise do Discurso (PÊCHEUX, 2009), a pesquisa tem como objetivo analisar os gestos políticos discursivos – dos professores, dos pedagogos, dos alunos nos projetos pedagógicos – vinculados (e desvinculados) a práticas pedagógicas quanto ao ensino de língua portuguesa referentes ao Novo Acordo Ortográfico, a saber, às novas regras ortográficas. Pretende-se, ainda, apresentar uma discussão sobre o modo como a reconfiguração do espaço político-econômico mundial incita uma problematização das implicações do Acordo Ortográfico como política linguística, o que significa discutir seu caráter político. Finalmente, pretende-se, por ora, justificar a relevância das análises a serem feitas quanto aos saberes que se (re)produzem sobre a língua tendo em vista os investimentos políticos e os discursos que defendem a promoção da língua portuguesa no mundo.

Referências bibliográficas

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992.
ORLANDI, Eni. *Política linguística na América Latina*. Campinas, SP: Pontes, 1988.

⁴ Pós-doutoranda e bolsista PNPd/CAPES sob supervisão da Prof.^a Dr.^a Bethania Mariani.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4ª Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

Blogs gays: inscrições de filiação e rompimento no ciberespaço

BASTOS, Gustavo Grandini (UFSCar)⁵
gugrandini@uol.com.br

O ciberespaço tem propiciado novas formas de inscrição do sujeito na cena contemporânea. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's), entre elas a Internet, afetam os variados campos do cotidiano dos sujeitos, e, conseqüentemente, interferem nas concepções de "espaço, tempo, conhecimento, cultura, dentre outros" (GALLI, 2009, p. 190). Relações que envolvem arquivos, escrita, leitura, namoro, sexo, etc. passam a ter novas condições de existência e a afetar a forma como o sujeito produz discursos e sentidos. Efemeridade, fluidez e transitoriedade marcam as relações na sociedade ciber, na qual estamos sempre de passagem, saltando, de texto-tela para outro texto-tela (GALLI, 2009; GALLI; BASTOS; FERRAREZI, 2011). Lugar de "inter-relação homens-documentos-máquinas" (LEÃO, 2007, p. 24), o ciberespaço tem sido estudado por uma gama variada de áreas do conhecimento nas universidades brasileiras, cujos estudos se debruçam em questões sobre arquivo, consumo, recuperação de informações, construção de bibliotecas digitais, *marketing* digital, bancos de dados, crimes virtuais, direitos autorais, redes sociais, *blogs*, linguagens de programação, *internetês*, etc. Diante das redes do ciberespaço, acreditamos que seja possível observar a inscrição e as marcas do sujeito-navegador, suas filiações, movimentações e trocas; acreditamos, ainda, que na relação com o outro deixamos nossas próprias marcas constitutivas (SCHERER, 2006). Trabalhando com a estrutura teórica da Análise do Discurso de filiação francesa (doravante AD), compreendemos que a língua é da ordem do imprevisível (GALLI, 2012), não existindo uma relação direta entre o que se escreve e o que é escrito (AGUSTINI; GRIGOLETTO, 2008). Não é possível pensar o

⁵ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade. Bolsista CAPES. Pesquisador no E-l@dis – Laboratório Discursivo: sujeito, rede eletrônica e sentidos em movimento.

sentido como fechado e pleno, pois ele sempre é passível de ser outro (BALDINI, 2010). Orlandi (2010) entende que a linguagem não é espaço de transparência, visto que os sentidos sempre são suscetíveis de serem outros. Destacamos que, no ciberespaço, o sujeito se inscreve nas dobras de uma série de arquivos digitais, em que se tem marcas de durabilidade, instabilidade, resistência, estabelecendo novas (outras) relações com o espaço, a guarda (arquivamento) e o tempo (GALLI, 2012); nele, o sujeito-navegador filia-se aos dizeres de outros sujeitos inscritos nas redes do ciberespaço ou rompe com eles de forma constante. Nesta pesquisa, trabalhamos com os dizeres acerca da homofobia em *blogs* do tipo diário de *gays* brasileiros. O *corpus* é composto por recortes de quatro *blogs*, sendo analisados *posts* dos sujeitos-blogueiros e comentários dos sujeitos-leitores. Os pressupostos metodológicos da AD são adotados nos processos de análise do material selecionado, sendo que a seleção do material atendeu suas especificidades (INDURSKY, 1997), destacando que nosso interesse não está na quantidade de material analisado, mas na profundidade com que trabalhamos com esses fragmentos (LAGAZZI, 1988). Os *blogs* caracterizam-se como ferramentas que permitem a publicação de pequenos blocos de texto, apresentados e organizados, geralmente, em arquivos cronológicos, sendo de fácil utilização para buscas, leituras e postagens. A montagem e a utilização de um *blog* exigem poucos conhecimentos técnicos de informática, o que aumenta o interesse por esses espaços (FERRAREZI; BASTOS; SANTOS, 2011). O espaço dos comentários permite trocas que tornam o *blog* uma ferramenta atrativa para análises dos movimentos no ciberespaço – os deslocamentos e as posições contrárias que os sujeitos exibem em sua passagem em uma página colocam em jogo (novas) possibilidades discursivas (EFIMOVA, 2009). Temos a circulação de sentidos dos mais diversos em *blogs* do tipo diário: podemos encontrar espaços que permitem trocas entre interessados em determinada temática, como as páginas criadas por *gays*, anoréxicos, homofóbicos, racistas, bibliotecários, falantes de inglês, católicos, vegetarianos, imigrantes, brasileiros residentes no exterior, políticos, etc. Motivados por interesses comuns, os sujeitos transitam e colaboram na construção desses espaços, mas sem a garantia de total filiação entre os dizeres do

sujeito-blogueiro e os dos sujeitos-leitores que têm a possibilidade de inscrever seus dizeres ali, o que acarreta tensão entre os que se filiam ou rompem com determinados sentidos. Romão (2005) considera que os *blogs* são construídos juntamente entre os sujeitos que são os responsáveis pelas páginas, o(s) sujeito(s)-blogueiro(s), e os sujeitos-leitores que inscrevem seus dizeres e deixam as marcas de sua interferência, resultando na construção de um texto modificado a cada (nova) inscrição. Como conclusões desse trabalho, enumeramos três pontos que têm chamado nossa atenção na análise dos *blogs* estudados: i) sensação de liberdade que permeia o sujeito-navegador na Internet, que crê poder dizer tudo, estando livre de obrigações éticas, legais e morais, vislumbrando estar protegido e, em muitos casos, conseguindo espaço para assumir-se homossexual, colocando em jogo discursos que, em outros espaços, não é autorizado a inscrever, julgando-se protegido por uma personalidade *fake* (tal naturalização permite pensar o conceito de ideologia na AD); ii) *gays* preconceituosos que colocam em jogo sentidos de não aceitação para com outros *gays*, principalmente os efeminados; e iii) discurso e linguagem como espaços de rompimento(s) permanente(s), em que o sujeito se filia ou não às inscrições de um determinado *blog*.

Referências bibliográficas

- AGUSTINI, C. L. H.; GRIGOLETTO, E. Escrita, alteridade e autoria em Análise do Discurso. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 22, p. 145-156, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca22/arqs/matraca22a08.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2011.
- BALDINI, L. J. S. Um pouco de possível senão eu sufoco... In: ROMÃO, L. M. S.; PACÍFICO, S. M. R. *Efeitos de leitura, sujeitos e sentidos em movimento*. Ribeirão Preto: Alfabeta, 2010, p. 57-65.
- EFIMOVA, L. *Passion at work: blogging practices of knowledge workers*. 2009. 257 f. Tese (Doutorado)-Universiteit Utrecht, Utrecht, 2009.
- FERRAREZI, L.; BASTOS, G. G.; SANTOS, J. C. F. Blogs e museus eletrônicos: um estudo discursivo. In: ROMÃO, L. M. S.; GALLI, F. C. S. (Org.). *Rede eletrônica: sentidos e(m) movimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

GALLI, F. C. S. Leitura na internet: o (entre)cruzamento de dizeres e de subjetividades. *Gragoatá*, Niterói, v. 27, p. 189-204, jul./dez. 2009.

_____. As dobraduras do discurso. *Fragmentum*, Santa Maria, n. 32, p. 13-17, jan./mar. 2012.

GALLI, F. C. S.; BASTOS, G. G.; FERRAREZI, L. Sentidos de (hiper)leitura em (dis)curso. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 36, n. 61, p. 190-205, jul./dez. 2011. Disponível em:

<<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/2142/1776>>.

Acesso em: 06 abr. 2012.

INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

LAGAZZI, S. *O desafio de dizer não*. Campinas: Pontes, 1988.

LEÃO, L. As derivas e os mapas. In: _____ (Org.). *Derivas: cartografias do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 2007.

ORLANDI, E. P. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia – discurso eletrônico, escola, cidade. *RUA*, Campinas, v. 2, n. 16, p. 5-17, nov. 2010. Disponível em:

<<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/home/capaArtigo.rua?id=91>>. Acesso em: 20 dez. 2011.

ROMÃO, L. M. S. Um estudo sobre o discurso na era digital. *Revista do GELNE (UFC)*, v. 7, p. 49-60, 2005.

SCHERER, A. E. Subjetividade, inscrição, ritmo e escrita em voz. In: MARIANI, B. (Org.). *A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e psicanálise*. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 13-20.

Construindo sentidos pela língua na história: a experiência de criar um dicionário

BLAZUS, Camilla (UFSM/CORPUS)⁶
camillabiazus@yahoo.com.br

O cenário da atualidade se encontra marcado, segundo Birman (2001), por uma cultura do imediatismo e do consumismo, provocando a falta de espaços que possibilitem a expressão e produção de subjetividades. Isto se mostra ainda mais preocupante quando nos referimos à população vítima de exclusão social. Conforme Petri (2009), a sociedade constrói uma relação direta e uniforme entre o que é normal e o que não é, concebendo isso como uma verdade absoluta. Com o intuito de desconstruir essas verdades, a autora lança-se no terreno da discursivização das diferenças. Para ela, a diferença está muito vinculada à imagem, àquilo que nos é mais aparente, como, por exemplo, um portador de síndrome de Down: quando a diferença não se faz tão notável (no caso de uma pessoa com surdez, por exemplo), isso nos passa despercebido, não produzindo a sensação de estranhamento. Neste contexto, pode-se pensar em jovens carentes, que vivem em condições desfavoráveis e num contexto social de vulnerabilidade. Esses sujeitos também são vistos como diferentes, excluídos da ordem social e, muitas vezes, rotulados: ora como pessoas fracas, fragilizadas, vítimas das circunstâncias, ora como marginais, incapazes de uma vida digna e melhor. Diante desta realidade, acredita-se que a escrita pode ser pensada como um potente instrumento pessoal e social, responsável pela produção de subjetividade, pois é um ato que promove o resgate do simbólico e convoca a subjetividade a uma constante (trans)formação. Com base nesta realidade social, esta pesquisa tem como ponto de partida propor a orientação-acompanhamento da elaboração de um dicionário por jovens que fazem parte da Associação Cuíca (Cultura, Inclusão,

⁶Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Laboratório Corpus. Professora orientadora: Profª Drª Verli Petri.

Cidadania e Artes), que desenvolve atividades culturais com a população carente de Santa Maria (RS), priorizando a inclusão social e o desenvolvimento de crianças e adolescentes através do trabalho com a educação musical. A partir da elaboração de verbetes por crianças e jovens será possível analisar a produção escrito-artístico-criativa deles, a fim de observar como o ato da linguagem, enquanto um espaço de produção de si e de possibilidade de subjetivação no laço com o Outro, pode ser constitutivo da construção identitária. O referencial teórico que dará suporte à pesquisa será a teoria da Análise de Discurso, priorizando as noções de língua, sujeito e história em detrimento de outras. Para isso, o objetivo geral deste estudo é compreender o processo de construção de sentidos para o sujeito-criança e o sujeito-adolescente, através da proposta de criação de um “dicionário particular” – que fará referência à história pessoal e singular de cada participante – e de um “dicionário compartilhado” – que será elaborado em grupo com o propósito de retratar a experiência de fazer parte do Cuíca. Como a pesquisa será desenvolvida na Associação Cuíca – responsável pela promoção da inclusão social através da música e de tudo que dela advém (disciplina, organização, respeito, etc.) –, será foco deste estudo as relações que esses sujeitos estabelecem não só com a música, mas também com a instituição. Cabe ressaltar que a construção do dicionário é entendida, neste estudo, como a criação de alguns verbetes, e não de um dicionário completo, desconstruindo um pouco a noção tradicional de dicionário, uma vez que nosso objetivo não é gramatizar uma língua (cf. AUROUX, 1992), mas, sim, observar processos de produção de sentidos, via escrita. Para a análise das informações coletadas, primeiramente serão eleitos os verbetes criados pelos participantes, os quais serão trabalhados dentro da pesquisa para que, assim, posteriormente, esses verbetes possam ser reagrupados a partir das regularidades encontradas entre eles. Feito isso, serão descritos e analisados os processos de produção de sentido, dando ênfase especial às paráfrases e metáforas, tal como essas categorias de análise vêm sendo utilizadas por Orlandi (2007, 2012). A partir disso, será feita uma relação entre os verbetes criados pelos participantes e os verbetes do dicionário tradicional, a fim de compará-los e de explicitar a possibilidade de existência de diferentes

designações e sentidos em relação a um mesmo objeto. Além disso, o material analisado também servirá de base para reflexão acerca dos conceitos de autoria, interpretação, historicidade e memória, trabalhados por Orlandi (2007, 2012).

Referências bibliográficas

- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Orlandi. Campinas: UNICAMP, 1992.
- BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade*: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- PETRI, V. A diferença no discurso e o discurso na diferença. In: BRAGANÇA, S. & PARKER, M. *Igualdade nas diferenças – O significado do “ser diferente” e suas repercussões na sociedade*. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2009, p.33-42.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- _____. *Discurso em análise*: sujeito, sentido e ideologia. Campinas, São Paulo: Ponte Editores, 2012.

O imaginário do sujeito “gaúcho” sul-rio-grandense e hispano-americano no processo de dicionarização

BRANCO, Natieli Luiza (UFSM/CORPUS)⁷
nati.branco@yahoo.com.br

Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa “Língua, sujeito e história: o gaúcho no processo de dicionarização da Língua Portuguesa no/do Brasil” e tem por objetivo refletir sobre a produção/circulação de sentidos nos dicionários, em seus prefácios e no verbete “gaúcho” e, assim, verificar como se dá o imaginário sobre o sujeito, a língua e a história. A questão que norteia também esta pesquisa é a reflexão sobre o imaginário a respeito do sujeito “gaúcho” em suas relações com o sujeito “gaúcho” hispano-americano, visando identificar como isso se dá no movimento entre a manutenção e a atualização de saberes, via dicionarização. Os dicionários, conforme Auroux (1992), são instrumentos discursivos que estabelecem relação entre sujeitos e saber linguístico. São instrumentos de reprodução de um imaginário, produzidos com uma história; o dicionário é um espaço de circulação de saberes. O funcionamento discursivo presente nesses instrumentos remete a uma produção de sentidos entre língua e sujeito. Se tomarmos dicionários de diferentes épocas, perceberemos que há transformações, atualizações, renovações. O dicionário possibilita “observar os modos de dizer de uma sociedade e os discursos em circulação em certas conjunturas históricas” (NUNES, 2006, p. 11). Segundo Nunes, no dicionário “as significações não são aquelas que se singularizam em um texto tomado isoladamente, mas sim as que se sedimentam e que apresentam traços significativos de uma época” (Idem), ou seja, o dicionário não é somente lugar de consulta, de certeza, ele faz parte de uma historicidade, de uma época e é, portanto, “lugar de observação do léxico” (NUNES, 2001, p.101). Concebemos dicionário como discurso, e discurso é o funcionamento da linguagem, onde podemos perceber os sentidos e a constituição de

⁷ Bolsista PET Letras – Laboratório Corpus. Orientação: Profª Drª Verli Petri.

sujeitos através dela. Porém, não há sujeito nem sentidos completos. Não há uma significação dada – os sentidos se constituem em formações discursivas que se relacionam com o simbólico. Os sentidos se movimentam, pois se fixam na língua e na história. De acordo com a Análise do Discurso de linha francesa que vem sendo desenvolvida no Brasil nas últimas décadas, elabora-se, neste trabalho, uma análise comparativa e discursiva entre os dicionários, seus prefácios e definições, a fim de verificar possíveis aproximações ou diferenciações entre uma imagem de gaúcho e outra. Tomamos como *corpus* o *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*, de Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes (1984), e o *Diccionario del Español de América*, de Marcos Augusto Morínigo (1996). Concebemos *dicionário* como objeto discursivo e *prefácio* como material para estudar as condições de produção do discurso, os quais, juntamente com os verbetes, possibilitam-nos refletir sobre a instituição/constituição do imaginário do sujeito gaúcho e hispano-americano. Como resultados, podemos destacar que, nos prefácios do dicionário espanhol, o que aparece de forma mais intensa é a questão da unidade/diversidade linguística, cada um promovendo ou o espanhol peninsular, ou o espanhol hispano-americano. No dicionário regional sul-rio-grandense, o que se ressalta é a linguagem regional do gaúcho, suas “características linguísticas próprias”. No prefácio do *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*, percebemos a preocupação dos autores em conservar a tradição gaúcha. Nesse ponto, concordamos com Petri (2008) a respeito de que, neste caso, “o dicionário é elaborado como um lugar de preservação de ‘patrimônio linguístico-cultural’”, pois o objetivo é mais do que uma obra de consulta, e, sim, uma obra de preservação da língua e da cultura gaúchas. Podemos perceber que, nos prefácios do *Diccionario del Español de América*, apresenta-se uma descrição longa e completa do processo de realização desse dicionário e um estudo sobre a língua hispano-americana e peninsular. Isso reflete que os dicionários e seus prefácios não são vistos apenas com um imaginário da certitude, mas com sentidos outros, que permitem construir um saber sobre a língua. Em relação ao verbe “gaúcho”, o *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul* traz sua definição em dezesseis páginas. O sujeito

dicionarista busca suas referências em literatura, músicas tradicionalistas e, também, em outros pesquisadores. No decorrer das dezesseis páginas, o sujeito dicionarista diz, repete, mantém, exemplifica a definição de *gaúcho*. Para marcar sua posição, o sujeito dicionarista acrescenta ao verbete exemplos de outros textos, de outros autores. O que destacamos, com isso, é a importância de conservar a imagem do sujeito gaúcho sempre tão presente nos dicionários. Por outro lado, o *Diccionario del Español de América* apresenta a definição de gaúcho em três páginas; porém, traz mais definições do sujeito “gaúcho”. Nessas designações de gaúcho, o sujeito dicionarista está preocupado com a história e a cronologia, com uma visão mais enciclopédica do que a do dicionário sul-rio-grandense. Concluímos, com isso, que o dicionário é um espaço de circulação de saberes que, mantendo e atualizando sentidos, permite construir uma relação entre língua e saber linguístico.

Referências bibliográficas

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1992

NUNES, J. H. *Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. Campinas, SP: Pontes Editores; São Paulo, SP: FAPESP; São José do Rio Preto, SP: Faperp, 2006.

NUNES, J. H. O espaço urbano: a “rua” e o sentido público. In: ORLANDI, E. *Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas: Pontes, 2001, p. 101-109.

PETRI, Verli. A produção de efeitos de sentidos nas relações entre língua e sujeito: um estudo discursivo da dicionarização do “gaúcho”. *Revista Letras*. nº 37. p. 227-243. Jul/Dez, 2008.

Dicionários analisados:

Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul. NUNES, R.C. NUNES, Z.C.; 2 ed. Porto Alegre, RS: Martins Livreiro, 1984.

Diccionario del Español de América. MORÍNIGO, M. A. 2ª edição, 1996.

Imagens do sujeito imigrante italiano na Quarta Colônia: língua, cultura e história

BRUST, Viviane T. Biacchi (UFSM/CAPES/CORPUS)⁸
vivibrust@hotmail.com

O objetivo de nossa pesquisa tem sido pensar a questão do imigrante no sul do Brasil a partir da língua, do sujeito e da história, neste espaço que hoje continua sendo designado como “Quarta Colônia de Imigração Italiana no RS”. Visamos também a refletir sobre as tomadas de posição identificáveis do sujeito imigrante italiano e seus descendentes em relação ao Estado – língua e patrimônio –, a partir das primeiras décadas do século XX, considerando que estas são diversas, uma vez que vários são os aspectos que se transformam durante esse período, como a própria história que constitui esse sujeito. Nossas hipóteses – no atual estágio deste estudo – para a referida questão são que, nas primeiras décadas, tal sujeito era movido pela utopia; num segundo movimento, esse sujeito, marcado pela utopia, cede lugar para o sujeito que a perde, em função do medo e do funcionamento do poder opressor do Estado que, anteriormente, o havia recebido muito bem; no terceiro movimento, que corresponde àquele que denominamos de *sujeito político*, este sujeito negocia para poder continuar e continua estabelecendo, com o Estado, que passa a (re)conhecê-lo como cidadão, um acordo envolto na noção de pertencer, entendendo-se esta como “efeitos se sentido”, os quais resultam de complexos processos de significação em que contam o sujeito individuado, os processos de identificação, o Estado com sua articulação simbólico-política, o espaço de vida e as condições de existência pensadas na sociedade tomada pela história, conforme nos diz Orlandi (2011, p.24). Para fundamentar este estudo, tomamos como embasamento teórico a Análise de Discurso (AD) fundada na França por Michel Pêcheux. Nesse percurso teórico, insere-se também o trabalho de Eni Orlandi, caracterizado tanto pelo diálogo permanente com a

⁸ Mestranda em Estudos Linguísticos. Professora orientadora: Proª Drª Verli Petri da Slveira.

Análise de Discurso pechetiana, quanto por uma contínua construção dessa linha de estudos e de pesquisa no Brasil. Dessa disciplina de entremeio e de interpretação, tomamos as noções de língua, de sujeito e de história, e a definição de seu objeto de estudo: o discurso. Ela considera, ainda, que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Ideologia também é a função da relação necessária entre linguagem e mundo, relação da ordem simbólica com o mundo, já que se faz de modo que seja preciso que a língua se inscreva na história, cujos efeitos linguísticos materiais caracterizam a discursividade (ORLANDI, 2009). Assim, discurso é considerado como “um objeto sócio-histórico onde o linguístico intervém como pressuposto” (Idem, p.16). Isso vai tornar possível as reflexões sobre o sujeito, visando a compreender a língua como fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, constituinte do homem e de sua história. Além disso, a AD considera os processos e as condições de produção da linguagem pela relação língua/sujeitos que a falam em situações em que se produz o dizer, quando o político e o simbólico se confrontam. Com a finalidade de trabalharmos os discursos produzidos – e aqui os discursos produzidos não são só de caráter verbal –, tomamos como ponto referencial exemplares de outras materialidades discursivas: as imagens – as quais fazem parte da memória de arquivo e que reproduzem dois monumentos construídos no espaço habitado pelos imigrantes italianos e os próprios monumentos – que representam o imaginário do imigrante por ele mesmo. Da memória evocada por essas imagens, buscamos pesquisar as condições de produção em que foram construídos esses monumentos, que, como “qualquer objeto simbólico, que aqui tomamos como um discurso, não significam apenas em si” (ORLANDI, 2011, p.15). Além de buscarmos na história e no sujeito essas questões, encontramos na memória social discursos que aludem tanto à destruição de um monumento quando da vigência da política de línguas do Estado Novo (1939-1945) e a sua substituição por monumento de caráter religioso, quanto à desconstrução de outro e sua reconstrução nos primeiros anos do século XXI. Queremos continuar a refletir, ainda, a partir dessas materialidades, o reflexo da política linguística do Estado/Nação, pois, quando se dá a interdição da língua, há também a interdição dos sujeitos e da sua história. Há que

pensar, por fim, sobre a reconstrução e as ressignificações dos monumentos, o que nos leva a incursionar pela leitura de que há, nesse processo, a presença de outro momento nacional – também internacional, globalizado, talvez, avaliamos – caracterizado pela tolerância, aceitação da diferença, da diversidade, da pluralidade cultural, do respeito às diferenças como constitutivos da nação brasileira. Enfim, entre a posição-sujeito imigrante e a posição-sujeito do analista, outros questionamentos surgem, como este: que relações de sentido ficam sendo estabelecidas nesse confronto entre o simbólico e o político nesse espaço constituído de e por sujeitos sociais?

Referências bibliográficas

ORLANDI, Eni Pulcinelli. (Org.). *Discurso, espaço, memória*: caminhos da identidade no sul de Minas. Campinas, SP: RG, 2011.

_____. *Análise de Discurso*: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009 [1999].

Morar e circular: modos de o sujeito se significar no espaço urbano carioca. Uma análise do discurso do cinema-documentário

BECK, Maurício (UFF/FAPERJ/LAS)

pardalbeck@gmail.com

Tendo como base a Análise de Discurso, inicialmente formulada pelo círculo de intelectuais em torno do filósofo francês Michel Pêcheux, nos anos de 1960, e, posteriormente, desenvolvida por Eni Orlandi no Brasil, este trabalho visa a uma análise do discurso de documentário cinematográfico carioca. Na perspectiva da Análise de Discurso, entendemos “discurso” como efeito de sentido entre interlocutores em dadas condições de produção histórica. Por conseguinte, em relação ao discurso cinematográfico, trata-se de compreender seus efeitos de sentido, tendo em vista que o cinema interpela o indivíduo enquanto espectador, para usar a variação da conhecida fórmula althusseriana, proposta por Xavier (2008). A sequência de imagens em movimento produz sentidos ao mesmo tempo em que (re)produz sujeitos/espectadores por meio da opacidade/transparência da tela. O processo material do discurso fílmico é marcado pela combinação coextensiva (sincronia) e pela sucessão (diacronia, sequência de quadros) de imagens, conforme a técnica da montagem. Por outro lado, mesmo o que não está presente na cena também pode estar sendo significado por meio de alusão: algo na cena remete a algo fora de cena, assim como o dito que remete ao não-dito ou ao já-dito. Entretanto, o que não é visto, mas aludido, não pode ser confundido com o imperceptível. À imagem que pode e deve ser vista contrapõe-se aquela que não pode e não deve ser vista, que passa despercebida. O objetivo específico desta comunicação é investigar os processos de significação e os modos de (auto)visibilização dos sujeitos segregados enquanto protagonistas de documentários dirigidos por Vladimir Seixas, relativos aos habitantes da cidade do Rio de Janeiro. O *corpus* a ser analisado será constituído por um documentário: *Hiato* (2008). O curta documenta a visita de um grupo de sem-tetos e de moradores de

favelas ao *Shopping* Rio Sul no ano 2000, além do modo como o grupo foi recepcionado pelos lojistas, seguranças e clientes habituais do local. Investigar o discurso desse documentário possibilitará uma melhor compreensão dos processos subjacentes que engendram identificações inconscientes conforme o espaço urbano que os sujeitos habitam e no qual circulam. Como esses sujeitos são significados no discurso do documentário de Seixas? Como o espaço urbano do Rio de Janeiro é mostrado? Para Orlandi (2009), o conceito de discurso formulado por Pêcheux (1997) abarca o discurso imagético. Em outras palavras, não se trata de novas materialidades discursivas, mas de um processo discursivo com modos de expressão próprios. Sua especificidade não extrapola a definição pecheuxtiana de discurso. Não se trata de transcrever imagens em palavras, dada a irredutibilidade da forma material do imagético, uma vez que, para Orlandi (2009), a imagem significa por si. Não cabe, por conseguinte, traduzi-la em descrições verbais, na suposição de dizer de modo "objetivo" aquilo que todos já estão vendo. Contudo, é possível mostrar o que não é visto, mas mesmo assim é significado na tela. Em outras palavras, aquilo que, embora não captado pelo olhar inconsciente da câmera, se faz presente pela sua ausência. Creio que, além de mencionar o que é não-visto (mas ainda assim significado), seja preciso compreender como o não-visto é, ainda assim, significado. Cabe mostrar também como o imagético funciona conferindo visibilidade espetacular ao que está enquadrado na tela e adjacências e, dialeticamente, como ele funciona deixando imperceptível uma parcela de suas próprias condições de produção. Em síntese, para investigar o deslocamento das fronteiras do visível é preciso partir do princípio de que o efeito de evidência propiciado por uma determinada imagem (estática ou em movimento) deve ser remetido ao que se faz visível a todo e qualquer sujeito espectador. No caso do documentário a ser analisado, trata-se de delinear as fronteiras imaginárias, evidentes mas invisíveis, que significam, distinguem e distribuem “moradores do asfalto” e “moradores de favelas”, moradores ocupantes “de direito” e moradores “sem-direito”. Talvez um conceito que potencializará a investigação do discurso imagético do documentário, tendo em vista a história do espaço urbano carioca, seja o de lacuna paralática (ŽIŽEK,

2008). Lacuna que cinde a cidade entre asfalto e favela. A paralaxe (ou lacuna paralática) é um conceito que remete à ótica – trata-se da diferença na posição aparente de dado objeto visto por sujeitos em perspectivas distintas. Žižek articula a paralaxe à categoria de contradição (contradição é uma categoria e não um conceito justamente porque está para-o-objeto). Por conseguinte, não se trata de defesa da relatividade e variabilidade dos pontos de vista, mas, antes, de que, entre pontos de vista distintos, uma diferença constante permanece. No caso da análise proposta, trata-se de analisar as linhas de fronteira que constituem uma forma de *apartheid* topológico na cidade, linhas que dividem, distribuem, delimitam e que, sobretudo, significam os sujeitos cariocas conforme habitam o asfalto ou a favela (além de outras conhecidas distinções significativas no espaço urbano: zona sul, zona norte, zona oeste). Linhas variadas, multiformes, cambiantes, mas que reproduzem, todas elas, uma cisão de classes.

Referências bibliográficas

ORLANDI, Eni. *IV Seminário de Estudos em Análise do Discurso*, UFSCAR, São Carlos, 2009.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana Mabel Serrani. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997 [1975].

XAVIER, Ismail. *O Discurso Cinematográfico: A Opacidade e a Transparência*. São Paulo: Paz e Terra, 2008 [1977].

ŽIŽEK, Slavoj. *A Visão em Paralaxe*. Tradução de Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2008.

Discursividades sobre a língua no Brasil em Mário de Andrade

BUSCÁCIO, Livia Letícia Belmiro (UFF/LAS/CAPES)⁹
liviabuscacio@hotmail.com

Em fase de escritura, o projeto de tese “Mário de Andrade, um arquivo de saberes sobre a língua no Brasil” é orientado pela professora doutora Vanise Gomes de Medeiros e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF). A pesquisa se baseia no interstício da História das Ideias Linguísticas (AUROUX) com a Análise de Discurso (PÊCHEUX, ORLANDI). Para esta apresentação, trarei alguns gestos interpretativos sobre Mário de Andrade em relação a dizeres sobre a língua no Brasil, que balizam meu projeto de tese. Em minhas leituras de Mário de Andrade, percebi uma discursivização do nacional materializada em um projeto de escritura literária e de pesquisa sobre o que seria o Brasil e, também, o brasileiro e a língua: a projeção de uma memória de futuro (MARIANI, 1997) para o Brasil marca a herança e a construção de um vir a ser, sujeito e nação (JOBIM, 2010) pela língua e na língua. Segundo Mariani (2004), no século XIX circulavam discursividades sobre a língua no Brasil, comparecendo em três formações discursivas (FDs), “a dos literatos e políticos, a dos gramáticos e a dos eruditos” (MARIANI, 2004, p.18), ligadas à construção do nacional na língua e pela língua, o que se dá na tensão entre os dizeres político e ideológico sobre a nação brasileira, em porvir. Desse modo, essa tensão atravessa a memória discursiva da língua no Brasil, produzindo ideias e saberes linguísticos (AUROUX, 1992) que irão constituir a hiperlíngua brasileira (AUROUX e ORLANDI, 1998). A partir da leitura do arquivo discursivo (PÊCHEUX; MARIANI; ROMÃO) de Mário de Andrade, cujo recorte para a minha tese incide nas correspondências entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira publicadas por Moraes (2001), analisarei o funcionamento das posições

⁹ Doutoranda em Estudos da Linguagem.

discursivas no dizer do literato sobre a língua, por meio da denominação da língua no Brasil como processo discursivo (MARIANI e JOBIM, 2007) que orienta a leitura do arquivo. Como o dizer do literato em Mário de Andrade se enlaça às formações discursivas que veiculam (e, por que não dizer, instituem) um imaginário de construção do nacional da língua no Brasil? É possível pensar em Mário de Andrade como um arquivo discursivo onde o dizer sobre a língua se enlaça ao dizer sobre a criação literária e ao próprio processo de escritura, confluindo imaginários de nação e de sujeitos brasileiros, o que produziria um acontecimento linguístico (ORLANDI, 2002) na hiperlíngua brasileira e na memória? Conforme Courtine (2009), para se pensar na inscrição do acontecimento na memória discursiva, é preciso analisar a materialidade das formações discursivas, ou seja, “a existência de uma FD como ‘memória discursiva’ e a caracterização de ‘efeitos de memória’ em discursos produzidos em tal conjuntura histórica devem ser articulados aos dois níveis de descrição de uma FD” (2009, p.106). Nesta fase da minha pesquisa de doutorado, tenho por propósito verificar como a tensão das posições discursivas no dizer do literato sobre a língua se filiam (se é que se filiam) às três formações discursivas descritas por Mariani, através da análise da atribuição de nomes à língua no Brasil, materializada nas correspondências de Mário de Andrade e Manuel Bandeira (2001). O dizer do literato se filiaria a outras formações discursivas? Pretendo também averiguar como no autor de literatura, devido ao princípio da organização discursiva da função-autor (FOUCAULT, 1992; ORLANDI, 2007, 2009), encontram-se abrigadas posições discursivas em tensão sobre a língua no Brasil. Assim, buscarei analisar como em Mário de Andrade residem em confluência o dizer do gramático, do filólogo e do literato sobre a língua, o que se materializa no nomear a língua no Brasil. Dizeres que se tecem e tensionam na memória.

Referências bibliográficas

- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.
- AUROUX, Sylvain; ORLANDI, Eni. Introduction: L’hyperlangue brésilienne, *LANGAGES*, nº130, p. 3-7, 1998.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político*. São Carlos: Ed UFSCar, 2009.

JOBIM, José Luís. O original e o próprio, o derivado e o impróprio: Mário de Andrade e as teorizações sobre trocas e transferências literárias e culturais. In: *Estudos Galego-Brasileiros – Língua, Literatura, Identidade*. 1 ed. v.4. A Coruña: Universidade da Coruña, 2010, p. 211-229.

MARIANI, Bethania. *Colonização linguística*. Línguas, política e religião no Brasil (séculos XVI a XVIII) e nos Estados Unidos da América (século XVIII). Campinas: Pontes, 2004.

MARIANI, B. S. C.; JOBIM, J. L. A questão da língua nacional e a literatura pós-colonial no Brasil. In: PONTES JR., Geraldo; ALMEIDA, Claudia (Org.). *Relações literárias internacionais: lusofonia e francofonia; Relations littéraires Internationales: lusophonie et francophonie*. 01 ed. Rio de Janeiro: Instituto de Letras da UERJ & Eduff, 2007, p.40-61.

MORAES, Marcos Antonio de (Org.) *Correspondências Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2ª ed. São Paulo: EDUSP – IEB, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Língua e conhecimento linguístico; para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso; uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2009 [1988]

_____. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. 5ªed. Campinas: Pontes, 2008 [1988].

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. [et al] *Papel da memória*. Campinas, SP: Ed. Pontes, 2007 [1990].

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). *Gestos de leitura*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011 [1994].

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. *Exposições do Museu da Língua portuguesa, arquivo e acontecimento e(m) discurso*. São Carlos: Pedro & João editores, 2011.

A criação do fundo documental Neusa Carson como forma de preservação da memória dos estudos linguísticos na UFSM

CABRERA, Bruna C. (UFSM/CORPUS)¹⁰
bruna.cielo.c@gmail.com

Esta pesquisa, descrita aqui neste breve resumo, propõe a preservação da memória para o estudo da História das Ideias Linguísticas do Rio Grande do Sul, especificamente a partir da história de vida, acadêmica e pessoal, de Neusa Martins Carson, podendo fomentar a criação de um Fundo Documental sobre ela. O trabalho está sendo realizado no âmbito do Laboratório Corpus - Laboratório de Fontes de Estudo da Linguagem, vinculado ao programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM, orientado pela professora doutora Amanda Eloina Scherer. A perspectiva deste projeto é organizar um acervo sobre a trajetória acadêmica e pessoal de Neusa Carson, com o objetivo de estudarmos sua contribuição para o crescimento e a visibilidade da área da Linguística dentro da UFSM. A política de Fundo Documental propicia, também, uma reconstrução da memória histórica dentro da Instituição. Neste sentido, podemos afirmar, fundamentados em Bosi (1987, p.48), que, “hoje, a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente”. A partir da doação do acervo pessoal da referida professora (documentos, fotos, artigos, publicações, projetos de aula), é possível repensar e reconstruir sua trajetória profissional e acadêmica através da conservação de sua memória com o apoio de seu filho Hugo Carson. Neusa Martins Carson foi professora do Curso de Letras da UFSM e do Curso de Pós-Graduação da PUCRS, pesquisadora em descrição linguística sobre línguas presentes no Brasil, desenvolvendo a gramatização da língua indígena Macuxi, no estado de Roraima. Em seus arquivos pessoais, constam diversas exposições sobre o assunto, muitas delas internacionais. Este Fundo Documental é uma construção do

¹⁰ Iniciação Científica (FIEIX), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Amanda Eloina Scherer.

conhecimento científico acerca das questões de memória tanto individual quanto coletiva (pois engloba uma parte do processo de gramatização da língua Macuxi que, de outra forma, nunca poderia ser estudada fora da área onde é falada), identificando, assim, a conservação da memória cultural de seus estudos e, também, da produção do conhecimento científico de suas pesquisas, pois, conforme Orlandi (2012, p.43) nos afirma: “As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória”. Assim, nossa pesquisa tem os seguintes objetivos norteadores: análise da documentação recolhida sobre a pesquisadora, digitalização da mesma,¹¹ criação de um *site* sobre o tema, disponibilização do resultado da entrevista com a professora Bellotto, organização de uma exposição e de um seminário sobre o tema, além da criação de uma política de Fundo Documental para outros futuros projetos. Para cumpri-los, estamos realizando estas atividades neste momento: estudo da vida da professora; estruturação das funções da entidade produtora do fundo; higienização dos documentos; elaboração do quadro de arranjo do fundo; arranjo dos documentos em grupos e subgrupos, de acordo com sua natureza; identificação e ordenação das séries documentais dentro de cada grupo e/ou subgrupo; estabelecimento e aplicação de códigos de localização no acervo; acondicionamento e armazenamento dos documentos organizados. Com o aparato tecnológico, uma grande parte do material recolhido já está sendo digitalizada para, posteriormente, ser disponibilizada no *site*. O processo de digitalização também servirá para conservar e facilitar o manuseio desse acervo.

Referências bibliográficas

¹¹ Esta digitalização segue os pressupostos do CONARQ - Conselho Nacional de Arquivos descritos em “Recomendações para Digitalização de Documentos Arquivísticos Permanentes”, 2010. Para tal, dispomos de um *scanner* de mesa indicado para digitalizar documentos planos em folhas simples, característica dos documentos que compõem o Fundo Documental neste processo inicial de organização. O formato de imagem utilizado para as digitalizações é o TIFF - *Tagged Image File Format*, que apresenta uma elevada definição de cores. Ele é amplamente conhecido e utilizado em diferentes plataformas de informação tecnológica existentes.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 10 ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

O sujeito se constituindo via silêncio

CARNEVALE, Ana Maria (UFF/LAS)¹²
anacarnevale12@gmail.com

Para além dos sons, dos significantes, há, na cadeia discursiva, algo que permanece não-dito – não-dito pensado não como vazio, mas como algo da ordem da possibilidade, daquilo que pode vir a ser. Mas seria possível dizer que o sujeito escolhe o que diz quando fala? É ele livre em seu dizer? Para a Análise do Discurso (AD), o sujeito o é enquanto posição, ou seja, o discurso do sujeito se dá pela posição que ele ocupa no mundo, não sendo ele origem em si mesmo. Para Pêcheux (1997), o sujeito se utiliza de palavras, expressões e proposições, fazendo com que elas possam ter outros sentidos, sempre em relação à posição que o sujeito ocupa e com sua formação ideológica. É, pois, o sujeito, para a AD, um sujeito inserido no mundo, marcado pela historicidade, pela ideologia, e atravessado pelo inconsciente. Para a Psicanálise, o sujeito é o sujeito do inconsciente, submetido à linguagem, marcado por uma falta primordial. Seguindo o pensamento lacaniano, o sujeito é efeito entre significantes. É em uma cadeia discursiva, entre um significante e outro, que o sujeito do inconsciente pode comparecer. Desde sua entrada no universo da linguagem o homem sai do mundo natural, perde sua condição de ser apenas biológico, não respondendo mais via instinto. Ao perder sua condição biológica, ele é marcado por uma falta. Assim, o humano, sempre incompleto, vive uma incessante busca de completude – entretanto, impossível de ser alcançada. Pensemos, pois, neste sujeito que vive esta falta. Pensemos em como se constitui este sujeito. É via significantes que ele se constitui, via significantes ofertados pelo Outro, lugar por excelência dos significantes que serão doados ao sujeito a advir. Porém, para além destes significantes doados pelo Outro, que também se constitui a partir de uma falta primordial, há o que penso ser da ordem do silêncio, que poderia também constituir o sujeito. A questão que proponho é pensar o sujeito que se

¹² Doutoranda pela Universidade Federal Fluminense, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Bethania Mariani.

constitui ali, na cadeia discursiva, entre S1—\$—S2 e o silêncio em sua constituição. Neste entremeio de significantes, o sujeito do inconsciente pode comparecer, mas seu discurso permanece sempre como enigma. Percorrer caminhos a partir do silêncio nos reporta ao que Orlandi (1995) formula sobre o tema. A referida autora traz a proposta do silêncio como fundante do sujeito. De acordo com ela, o silêncio é. Ele porta significação e sentido. Por atravessar as palavras, o silêncio fala por elas, apontando para a impossibilidade de um dizer pleno, possibilitando que outros sentidos se deem. Quando se diz alguma coisa, deixa-se de dizer outras tantas, o que aponta para o fato de que o dizer e o silêncio caminham juntos, posto que este se presentifica pelo dizer. Ainda que o silêncio constitua o não dito, ele é percebido pelo analista do discurso através do texto enunciado pelo sujeito. Assim, o silêncio revela que o não dizer também porta sentido, viabilizando um outro discurso. Desse modo, o sujeito histórico-ideológico é atravessado pelo silêncio que compõe a história e pelo silêncio que acompanha a ideologia, ambos fazendo parte da sua formação. Com a Psicanálise, o silêncio também pode ser tomado como constituinte do sujeito, mas de modo diverso da AD, posto não ter o sentido como horizonte. Seguindo Nasio (1989), para quem “o silêncio é o lugar que prepara a palavra para ser dita”, podemos dizer que a palavra se origina do silêncio. Pensar em um silêncio que constitui o sujeito, segundo Lacan, é fundamentá-lo em uma constituição para além dos significantes. É inserir, na constituição do sujeito, o silêncio que se transmite sem palavras, pois, como nos aponta Lacan, o discurso “sem palavras [...] pode muito bem subsistir” (LACAN, 1992[1969-1970], p.11). Proponho, assim, pensarmos este sujeito, inscrito histórico-ideologicamente e atravessado pelo inconsciente, como um sujeito que se funda via significante e via silêncio. Silêncio não apenas como possibilidade de sentidos, como aponta Orlandi (1995), mas também como algo da ordem da transmissão – transmissão pensada pelo viés da psicanálise. A partir disso, podemos dizer que o sujeito possui possibilidades para transformar suas histórias, para *traçar outros modos de contorcer, de brincar com os significantes recebidos* do Outro. Portanto, para a AD, o sujeito pode ocupar outras posições – “É a posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do

que diz” (ORLANDI, 2005, p.49) – e, para a psicanálise, o sujeito pode vir a saber fazer algo com seu sintoma – através de um processo de análise, desvendando os mistérios que se mantêm a ele obscuros via significante e via silêncio. Silêncio este que, muitas vezes, em uma sessão de análise, pode permitir ao sujeito a resignificação de sua história.

Referências bibliográficas

LACAN, J. O. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992 [1969-1970].

NASIO, Juan-David e outros. *O Silêncio em Psicanálise*. São Paulo: Papirus, 1989.

ORLANDI, E. *As Formas do Silêncio: no Movimento dos Sentidos*. São Paulo: UNICAMP, 1995.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, São Paulo: Ed. da Unicamp, 1997.

Discurso e memória: sentidos de bibliotecário

CARVALHO, Mavi Galante Mancera Dall'Acqua (USP)¹³
mavimancera@hotmail.com

Pensar o efeito imaginário da/sobre a profissão bibliotecário, num diálogo entre as perspectivas teóricas da Análise do Discurso (AD) e da Ciência da Informação, é o intento deste trabalho. Este profissional sempre esteve permeado por imagens caricatas e estereotipadas, um já-dito que, naturalizado, faz parecer evidente certo modo de concebê-lo. Segundo Walter e Baptista (2007, p.27), os estereótipos “costumam ser associados a conceitos negativos manifestados quando é emitido julgamento acerca de algum tema, de uma determinada pessoa, de um grupo, ou mesmo relacionado às ações”. Para a AD, as imagens (de si e do outro) são construídas pelos sujeitos, afetados pela ideologia e pelas condições sócio-históricas, a partir do jogo das formações imaginárias e das relações de poder em confronto no momento da enunciação. Tais imagens “constituem as diferentes posições. E isto se faz de tal modo que o que funciona no discurso não é o operário visto empiricamente, mas o operário enquanto posição discursiva produzida pelas formações imaginárias” (ORLANDI, 2005, p.40-41). As representações sociais tornam estas características relevantes na busca de mudanças pelos estudantes e profissionais da área, pois afetam o conhecimento teórico, os paradigmas, o mercado de trabalho, o comportamento do bibliotecário e a percepção de sua importância para a sociedade. Utilizando-se como estofo teórico a Análise do Discurso de filiação francesa (de Michel Pêcheux), visamos a interpretar um *corpus* constituído por questionário aplicado em duas Universidades (particular e pública) localizadas na cidade de Ribeirão Preto/SP, buscando também identificar as regularidades e as rupturas de sentidos, a manutenção ou a emergência das mesmas posições-sujeito. Interessa-nos escutar como a memória discursiva, através da imagem e da experiência relatadas de/sobre bibliotecário, foi historicamente

¹³ Graduanda em Ciência da Informação e da Documentação (FFCLRP-USP).

construída e materializada. Como critério de formação desse recorte, deflagrou-se sequências discursivas que, sob olhar de analista, têm a ver com a entrada discursiva “quem é o profissional que trabalha na biblioteca?”. Por fim, apontamos o efeito imaginário de que toda pessoa que trabalha na biblioteca é bibliotecário, o que parece naturalizado por força de repetição, de modo que não produz fissuras, colando a imagem do profissional àquele que fica no balcão de atendimento, realizando empréstimo/devolução de materiais ou guardando livros na estante, função que, normalmente, é exercida por auxiliares de biblioteca. Ao lado disso, é silenciada a necessidade de que se possua diploma em Biblioteconomia para exercer a profissão, em dizeres que indiciam apenas o trabalho, e não a formação. Uma questão ressaltada por Bastos (2010, p.106) diz respeito às condições de produção desses discursos, qual seja: a de que existe um grande número de profissionais que fica na biblioteca, mas não é bibliotecário, uma situação muito presente em nosso país. A imagem do bibliotecário como aquele que trabalha na biblioteca remete a uma região do interdiscurso, a qual acaba ressignificando e delimitando o local de atuação do profissional: a biblioteca, apenas. Esses dizeres promovem, ainda, a manutenção dos sentidos de desvalorização já falados antes; e, embora de maneiras diferentes, eles retornam, seja pelo funcionamento discursivo que marca o efeito de proximidade/intimidade com o lugar, seja pelo espaço no qual o bibliotecário exerce domínio de conhecimento e de poder sobre seu acervo, marcado pela historicidade. A emergência desses sentidos tende a silenciar outros, como, por exemplo, o da intimidade do profissional com os livros e com a leitura, e o da proximidade com os usuários do espaço. Com o avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC’s), desenvolver novas habilidades e competências tem sido uma exigência: o atual gestor da informação, com o intenso acesso às TICs, deve apresentar um perfil de empreendedor arrojado, com visão e atuação interdisciplinares, com capacidade para utilizar a informação tanto de forma competitiva quanto para o desenvolvimento social e humano (GUIMARÃES, 1998 *apud* WALTER e BAPTISTA, 2008, p.98-99). Na área da Biblioteconomia, inúmeras são as discussões sobre as possibilidades/os limites de atuação dos

profissionais da informação, sendo que as projeções de não-saber sobre o assunto são bastante comuns e recorrentes: “Mesmo o usuário habitual de bibliotecas pouco sabe a respeito das tarefas que os bibliotecários executam, e os não-usuários inevitavelmente saberão menos” (GROGAN *apud* FRAGA, MATTOS e CASSA, 2008, p.152). As palavras “biblioteca” e “bibliotecário” são permeadas por estigmas e paradigmas, trazendo consequências, às vezes, negativas para a profissão, tais como: i) a desvalorização pelo mercado de trabalho; ii) os baixos salários; iii) a ausência de investimentos; iv) o descaso; v) a falta de incentivo e apoio governamental; dentre outras que apontam para o desprestígio do profissional, como aparece em nosso *corpus*. Tais consequências reforçam a necessidade de se refletir, ainda que no âmbito acadêmico, sobre a (relevância da) posição-bibliotecário e a sua função institucional. Nesse sentido, nossas reflexões acerca da profissão ou sobre o profissional bibliotecário buscam apontar, no movimento do discurso e no constante jogo de repetição e deslocamento de sentidos, que as imagens são construídas pelos sujeitos em determinadas condições sócio-históricas.

Referências bibliográficas

BASTOS, Gustavo Grandini. *Bibliotecas comunitárias em discurso*. 2010. 157 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Ciências da Informação e da Documentação, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo, 2010.

FRAGA, Nádia Eloina Barcelos; MATTOS, Carla Eller; CASSA, Gabriela de Almeida. O marketing profissional e suas interfaces: o bibliotecário em questão. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.13, n.2, p. 148-167, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/136/490>> Acesso em: 26 dez. 2011.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v.17, n.3, p.27-38, set./dez. 2007. Disponível em :

<www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=12678>. Acesso em: 26 dez. 2011

_____. Formação Profissional do Bibliotecário. *Encontros Bibli*, Florianópolis, n.25, 1 sem. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2008v13n25p84>>. Acesso em: 26 dez. 2011.

Gentílicos brasileiros: memória na e da língua

CASTRO, Eulália Féo de (UFF)¹⁴
lhannonvesta@hotmail.com

Este projeto integra a pesquisa intitulada *Dizer (d) o brasileiro: língua e sujeito* (E-26/102-252/2009), da Prof.^a Dr.^a Vanise Medeiros (UFF), pesquisadora do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS/UFF). Decorre também de pesquisa efetuada pela Profa. Dr.^a Vanise Medeiros, apresentada e publicada recentemente em congresso (MEDEIROS e SOARES, 2011). Tal trabalho contemplou os gentílicos *brasileiro* e *brasiliense*, a partir de polêmicas que se instauraram com a fundação de Brasília e da necessidade decorrente de um gentílico para a capital do Brasil. Em pesquisa anterior, Medeiros (2003) observou que a construção de Brasília trabalhava uma memória fundacional de Brasil e recuperava uma proposta de Brasil em se fazendo república. Na imprensa do período JK, para além das querelas acerca da nova capital, outras se faziam presentes, como a nomeação de quem iria nascer em Brasília. Antigas designações retornaram, e, dentre elas, antigas denominações para o gentílico de Brasil. Uma consulta foi feita pelo governo à Academia Brasileira de Letras, que nomeou uma comissão para designar um nome. Em poucas palavras, o trabalho publicado no congresso ateu-se às contendas dos anos 1950. Com a presente pesquisa, temos como objetivo principal investigar gentílicos para Brasil – tanto como território colônia de Portugal, isto é, antes do século XIX, quanto como nação, ou seja, do século XIX ao XXI –, e seus sentidos – em diferentes materialidades –, seja no discurso lexicográfico, seja no histórico, seja no gramatical, a fim de compreender as tensões que dizem da relação sujeito e nação. Como suporte teórico, tem-se a Análise de Discurso (PÊCHEUX; ORLANDI) no encontro com a História das Ideias Linguísticas (AUROUX).

Referências bibliográficas

¹⁴ Graduanda pela Universidade Federal Fluminense (UFF), bolsista de Iniciação Científica (FAPERJ), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Vanise Medeiros.

MEDEIROS, Vanise; FERRARI, Alexandre. Na história de um gentílico, a tensa inscrição do ofício. *Revista da ANPOLL*, no. 32, Tema especial: Linguística, Linguagem, história e acontecimento, no. 32. 2012, ISSN 1414-7564, p.81-105, 2011.

MEDEIROS, Vanise. *Dizer a si através do outro: do heterogêneo no identitário brasileiro*. UFF, 2003

A produção de efeitos de sentidos: análise do diminutivo e aumentativo dos verbetes “china” e “mulher”

CAVALHEIRO, Vanessa Flores (UFSM)¹⁵
maninha.nessinha@yahoo.com.br

Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa “Língua, sujeito e história: o gaúcho no processo de dicionarização da Língua Portuguesa no/do Brasil”. Com o propósito de refletir sobre a produção de sentidos nas relações entre língua e sujeito observadas nos dicionários, foram selecionados os verbetes *china* e *mulher*, sendo analisado o significado atribuído a ambos no grau diminutivo e aumentativo. A partir da análise das aproximações e distanciamentos de sentidos, teceremos algumas considerações que a Análise do Discurso nos proporciona pela mobilização das suas noções teóricas. Para este trabalho, pretende-se fazer uma reflexão sobre a transformação de sentidos que os verbetes carregam, tanto na língua portuguesa brasileira (dicionário Houaiss, 2001), quanto na linguagem regional (dicionário de Bossle, 1947), pois trabalhar com o regional “é abordar formas de recuperação de uma memória coletiva e é também observar o funcionamento de uma ferramenta própria à manutenção de uma cultura bem local, mas é, sobretudo, adentrar o espaço das questões historicamente construídas” (PETRI, 2009). A partir disso, esta pesquisa foi construída com o intuito de trazer os diferentes discursos que motivaram a significação atribuída aos verbetes em análise. Toma-se como referencial a perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso de linha francesa e a História das Ideias Linguísticas, tais como estas vêm sendo desenvolvidas no Brasil por Eni Orlandi e José Horta Nunes, entre outros. Toma-se como *corpus* de análise o *Dicionário Gaúcho Brasileiro*, de João Batista Alves Bossle, e o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, de Antônio Houaiss. Os resultados ainda são parciais; apresentamos, então, o levantamento das diferentes acepções

¹⁵ Aluna de Iniciação Científica. Bolsista PET Letras - Laboratório Corpus. Professora orientadora: Prof^ª Dr^ª Verli Petri da Silveira.

que os verbetes *china* – em seu diminutivo *chininha* e aumentativo *chinocão* – e *mulher* – em seu diminutivo *mulherzinha* e aumentativo *mulherão* – revelam em nossa consulta aos já referidos dicionários. Em Bossle, a definição que se tem de *chininha* é: “china ainda menina, filha de china, caboclinha, acento carinhoso, o mesmo que chinoca, chinoquinha”; e de *chinocão* é: “chinoca bonita, vistosa, fornida” (1947, p.148-149). No Dicionário Houaiss, temos as seguintes definições de *mulherzinha*: “mulher pequena, menina precocemente desenvolvida, com gestual e formas que lhe dão aparência de mulher adulta, tratamento afetuoso atribuído à esposa no convívio familiar, mulher sem prestígio social, de classe inferior, mulher ordinária, vulgar, desprezível, mulher bisbilhoteira, metedicha, enxerida, qualificativo depreciativo atribuído ao homem afeminado”; e de *mulherão*: “mulher grande, forte ou gorda, mulher muito bonita e atraente, mulheraça” (2001, p.1976). Com essas definições, foi possível perceber que o diminutivo de *china* traz um sentido agradável, remetendo ao tamanho e à delicadeza, enquanto que o diminutivo de *mulher*, apesar de também ter um sentido afetuoso, traz um significado depreciativo: sem prestígio social, de classe inferior, vulgar. Sendo assim, é relevante a ruptura de sentidos do diminutivo de *china* para o diminutivo de *mulher*. Quanto ao aumentativo, temos significados bem aproximados nos dois dicionários em análise, remetendo à formosura e à beleza. A única diferença é que, em Houaiss, aparece a definição de *mulherão* como sendo mulher muito grande, forte ou gorda, o que não é colocado por Bossle. Através dessa análise, é possível perceber que, apesar de *china* e *mulher* serem, de certo modo, sinônimos, pelo menos no Rio Grande do Sul, esses verbetes podem apresentar ruptura de sentidos quando analisados através dos mecanismos linguísticos, como diminutivo e aumentativo. Além disso, *china*, em outras análises, é considerada prostituta, o que configura um sentido pejorativo; no entanto, quando analisada no diminutivo, esse significado desaparece, sendo atribuído um sentido agradável. Já *mulher*, definida nos dicionários como relativo ao sexo feminino, esposa e companheira, quando analisada no diminutivo passa a ter um sentido pejorativo, aproximando-se, então, do significado atribuído à *china*. Entendemos que o discurso nunca é único, pois, segundo Orlandi (1999, p.15), “a

palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento”. Os verbetes analisados em Bossle e Houaiss apresentam definições que são retomadas, mas que também apresentam algumas diferenças, o que configura os processos parafrásticos e polissêmicos, ou seja, o mesmo e o diferente. Ainda segundo Orlandi (1999), a paráfrase reitera o “mesmo”, a memória, o dizível, enquanto que a polissemia admite e permite o “outro”, abre-se para ele – e temos o deslocamento dos sentidos, ruptura de processos de significação.

Referências bibliográficas

BOSSLE, João Batista Alves. *Dicionário gaúcho brasileiro*. Porto Alegre, RS: Artes e ofícios, 2003 [1947].

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PETRI, V. Reflexões acerca do funcionamento das noções de língua e de sujeito no dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul. *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos*, n° 24, 2009.

Institucionalização de sentidos e gramatização: o quéchua, o aimara e o guarani em análise

COLAÇA, Joyce Palha (UFF/CAPES/LAS/UFS)¹⁶
joy.palha@gmail.com

O trabalho que aqui apresentamos faz parte de nossa pesquisa de Doutorado, realizado no programa de Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Bethania Mariani. Inicialmente, propusemos o título “Língua nacional e sujeito nacional: a constituição dos sentidos sobre língua e sujeito no Paraguai e no Peru”. É então a partir da discussão de língua e sujeito, especificamente como significados nos discursos que circulam sobre os/nos países já descritos, que empreendemos nossa pesquisa, delimitando nosso estudo baseado nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso (doravante AD), tal como pensada por Pêcheux e seu grupo na França (1990 [1969]) e desenvolvida no Brasil por Orlandi (1988), e da História das Ideias Linguísticas (AUROUX, 2009; ORLANDI, 1988). O objetivo da pesquisa, em um primeiro momento, é compreender a relação que há entre língua e sujeito, e de que modo, a partir da língua que fala, o sujeito se constitui. Partimos do enunciado “sentido e sujeito se constituem mutuamente” (ORLANDI, 2007), que se repete entre os estudiosos da AD, para iniciarmos nossa reflexão e pensarmos na constituição dos sujeitos paraguaios e peruanos quando estes tomam a língua espanhola ou as línguas indígenas (guarani, quéchua e/ou aimara). Afinal, do ponto de vista da AD, podemos afirmar que, ao tomar a língua, o sujeito se constitui e constitui seu dizer. Por esta concepção teórica, podemos dizer que, no Paraguai e no Peru, o sujeito, ao tomar o guarani ou o quéchua como língua, ao falar em língua indígena, coloca-se, mostra sua posição, se subjetiva pelo lugar de onde fala. Pensar nestas línguas como línguas nacionais nos faz querer compreender o sujeito nacional que fala nestas línguas. Faz-se

¹⁶ Doutoranda pela Universidade Federal Fluminense, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Bethania Mariani.

extremamente necessário ressaltar que a escolha dos dois países não foi aleatória. Tomamos o Paraguai por sua situação única no continente sul-americano, ou seja, por ser o único país que reconhece oficialmente sua língua indígena, o guarani. Por outro lado, entendemos que o Peru nos proporcionaria um estudo interessante por reconhecer, em sua Constituição, duas línguas indígenas, o quéchua e o aimara, sem que estas sejam oficialmente línguas do Estado, de educação e de cultura. Vale dizer que, como professora de língua espanhola, nos chama a atenção a forte representação que tem a língua guarani no Paraguai, visto que este idioma, além de ser língua materna da maioria da população, compartilha verdadeiramente o *status* de oficialidade no país com o castelhano. Por esse motivo, cabe a pergunta: como chegou a língua guarani a ocupar tal lugar e, em contraposição, por que as demais línguas indígenas não seguiram a mesma direção? Buscamos compreender também, com esta pesquisa, o que historicamente possibilitou tais situações tão diversas em ambos os países, que supostamente teriam passado pelo mesmo processo de colonização. Inicialmente, importa ressaltar que todo o processo que levou a língua indígena a ocupar o *status* de oficialidade não está separado do que se conhece como políticas linguísticas. E, neste ponto, está o trabalho de constituição dos sentidos sobre a língua que mudou durante os anos. Para refletir sobre questões políticas, pensaremos nas políticas de línguas (CALVET, 2007) que instituíram, por exemplo, o guarani como língua dos sistemas de educação, e pensaremos no político nas línguas, que, tal como postula Orlandi (2002, p.16), “se caracteriza assim como o lugar de disputa dos princípios que regem a vida social em suas diferenças, sendo ele próprio [o político] a prática dessas diferenças”. Para refletir sobre estas questões, começamos com a leitura e análise dos documentos oficiais dos países em estudo. Nesta primeira leitura, pudemos constatar que, já nos documentos oficiais, começando pelas Constituições de ambos os países, funciona uma classificação das línguas indígenas que então se apresentam como patrimônios culturais ou como aquelas que devem ser preservadas. Assim, uma língua compreendida como patrimônio, história que precisa ser preservada, não ocupa o lugar de língua de uso, de comunicação, língua de Estado. Além disso, funciona um apagamento destas línguas que aparecem

somente em um artigo na Constituição peruana e dois na Constituição paraguaia, o que demonstra o não-lugar destas línguas no Estado. Neste momento de pesquisa, nos debruçamos sobre o processo de gramatização (AUROUX, 1992) das línguas indígenas de ambos os países, por entender que tal processo funciona como instituidor de sentidos sobre a língua, além de promover seu uso. A criação de dicionários, gramáticas e materiais didáticos funciona não só como modo de promoção do guarani, aimará e quéchua, mas também como delimitador de sentidos sobre estas línguas. No movimento que se faz ao criar instrumentos linguísticos, cria-se também uma imagem de língua, uma língua imaginária (ORLANDI, 1988). Este é um dos aspectos pelos quais nos interessamos, pois o processo de escolha de qual língua será gramatizada não é natural, é político, são relações de forças em lutas ideológicas que mostram como evidentes os motivos de ascensão de tal ou qual língua. Entender a produção de instrumentos linguísticos de língua indígena colabora para a compreensão do projeto maior que é a institucionalização dos sentidos sobre a língua, bem como sua possibilidade de oficialização. Para analisar e compreender tal processo de gramatização, faremos um levantamento dos instrumentos já produzidos em guarani, aimará e quéchua, a fim de investigarmos o que tal produção nos coloca sobre as línguas indígenas e seu lugar além do que dizem (ou do que não dizem) os documentos oficiais do Paraguai e do Peru.

Referências bibliográficas

- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.
- _____. *Filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola, 2009.
- CALVET, Louis-Jean. *As políticas linguísticas*. São Paulo: Parábola Editorial; IPOL, 2007.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.) *Política linguística na América Latina*. Campinas, SP: Pontes, 1988.
- _____. *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *As formas do silêncio*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. In: GADET, Françoise ; HAK, Tony (Org.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani [et al]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990 [1969], p. 61-161.

Sites consultados:

Ministerio de Educación y Culto. Disponível em: <<http://www.mec.gov.py/cmsmec/?cat=1>> Acesso em: 29 de agosto de 2010.

Constituição Nacional da República do Paraguai. Disponível em: <<http://www.constitution.org/cons/paraguay.htm>> Acesso em: 29 de agosto de 2010.

Diseño Curricular Nacional de Educación Básica Regular. Ministério de Educación de Peru. Disponível em: <<http://www.minedu.gob.pe/>> Acesso em: 19 de setembro de 2010.

Constituição Política do Perú. Disponível em: <[http://www2.congreso.gob.pe/sicr/RelatAgenda/constitucion.nsf/\\$\\$Seach?CreateDocument](http://www2.congreso.gob.pe/sicr/RelatAgenda/constitucion.nsf/$$Seach?CreateDocument)> Acesso em: 29 de agosto de 2010.

O gesto de interpretação nos discursos natalinos contra Hitler

CORREA, Ana Paula Alves (UFSM/CORPUS)¹⁷
anapac@live.com

A obra *Ouvintes Alemães! Discursos contra Hitler*, uma tradução autorizada da quarta edição alemã *Deutsch Hörer!*, de Thomas Mann, reúne, em um documentário único, 58 discursos desse autor, transmitidos pela rádio *British Broadcasting Corporation* [Corporação Britânica de Radiodifusão, mais conhecida como BBC] entre os anos de 1940 a 1945, durante seu exílio nos Estados Unidos, na Segunda Guerra Mundial. Nesses discursos de Mann (2009), encontramos um processo complexo de formação ideológica a partir de um gesto de interpretação determinado pela questão histórica. A obra é relevante, pois apresenta uma série de discursos contrários à ideologia nazista, ideologia baseada na doutrina pregada por Hitler, o qual via a nação alemã como o espelho da grandeza da raça ariana, visando, assim, “uma raça mais pura” por meio da eliminação de todos os que não correspondiam a esse ideal. Como estudiosos do discurso, observamos que a interpretação está presente no exercício de qualquer ciência em geral e, em particular, nas ciências da linguagem, não havendo sentido sem interpretação. Tanto o cerne do gesto de interpretação quanto sua eficácia ideológica devem-se à relação dos fatos e do sujeito com a significação, uma vez que os fatos reclamam sentido e o sujeito tem a necessidade de atribuí-lo. A interpretação não é mero gesto de decodificação, de apreensão de sentidos; interpretar é expor-se à opacidade do texto, é explicitar o modo como um objeto simbólico produz sentidos (ORLANDI, 2004). No presente trabalho, propomos um estudo interpretativo de dois discursos: um produzido em dezembro de 1940; e outro correspondendo a uma transmissão especial produzida em dezembro de 1941. A escolha destes discursos se justifica pelo fato de ambos terem sido proferidos durante a celebração da festa natalina,

¹⁷ Iniciação Científica (PET-Letras), sob orientação da Prof.ª Dr.ª Amanda Eloina Scherer.

que é uma prática originada no discurso cristão ocidental. Tentaremos mostrar que o gesto de interpretação destes discursos está marcado pelo espaço simbólico, pela relação com o silêncio, pelas condições de produção e também pelo interdiscurso, pois no interior deles encontramos um discurso religioso onde Mann fala da importância desta festa e do seu significado, deixando, assim, marcadas história e religião. O referencial teórico tomado por base no estudo é a Análise de Discurso (AD) de linha francesa. Na perspectiva da AD, temos a língua no mundo, as maneiras de significar com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade, mas, sobretudo, como uma reflexão sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua (ORLANDI, 1999). Nessa mesma perspectiva, a ideologia é vista como parte do funcionamento da interpretação, e não como ocultação de sentidos. Através de um efeito ideológico, temos a ilusão do apagamento da interpretação no mesmo instante em que este efeito se realiza. Desse modo, temos a ilusão de que o sentido já existia. Entendemos esta ilusão no momento em que o fato de o sentido ser um e não outro é definido pelas condições de produção em que se dá o movimento interpretativo (ORLANDI, 2004). A noção de interpretação é tratada como o sentido pensado nas suas condições de produção. A Análise de Discurso não para na interpretação, mas trabalha seus limites e seus mecanismos como parte dos processos de significação. O interdiscurso se materializa nos discursos analisados pela questão da presença do discurso religioso, baseado em crenças e costumes cristãos no discurso antinazista de Thomas Mann. A grande problemática que levantamos é que, pelo gesto de interpretação, podemos desmitificar o tão poderoso discurso de Adolf Hitler e entender a sua produção enquanto produto da história alemã, discurso esse atravessado por outros, como o religioso. Portanto, ao trabalhar com esses discursos, podemos entender que os radiofônicos produzidos por Mann, em especial os dois trabalhados em nossa análise, são mais do que transmissões natalinas para manter o povo alemão informado durante a Segunda Guerra Mundial, são apelos que usam de várias estratégias discursivas para que o locutor possa

tentar convencer o povo alemão a rebelar-se contra a guerra. Percebemos também que o escritor Thomas Mann busca diplomaticamente trazer o discurso religioso ao se referir à cerimônia natalina, questionando a fidelidade dos alemães, porém, deixando claro que a escolha é do povo, ou seja, o livre arbítrio em sua duplicidade. Esse movimento confirma a contradição do conteúdo da ideologia política, em que o livre arbítrio traz consigo a noção de coerção. Desse modo, temos um sujeito livre, autor e responsável por seus atos e, ao mesmo tempo, um sujeito submetido, atravessado por uma autoridade superior (ORLANDI, 2011).

Referências bibliográficas

MANN, Thomas. *Ouvintes alemães!* Discursos contra Hitler (1940-1945). Tradução de Antonio Carlos dos Santos e Renato Zwick. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

ORLANDI, Eni. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 6 ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.

Definição de gramática: saberes que ressoam e que retornam

COSTA, Maria Iraci Sousa (UFSM/CORPUS/CAPES)¹⁸
iraciscosta@yahoo.com.br

A nossa proposta de tese de doutoramento busca compreender como se constitui a produção do conhecimento gramatical brasileiro a partir de uma perspectiva discursiva na sua relação com a História das Ideias Linguísticas. Desse modo, o nosso trabalho de pesquisa tem o objetivo de propor um estudo acerca do modo como se constitui a produção do saber metalinguístico na articulação entre a gramática e a linguística, tendo como pressuposto a heterogeneidade inerente ao sujeito histórico gramatical. Para isso, nosso estudo repousa sobre a definição de “gramática” por entendermos que se trata de uma questão que norteia e orienta o saber gramatical, inscrevendo-o em uma dada perspectiva. Nesse sentido, interessa-nos investigar, a partir do efeito de evidência da definição de gramática, que outros saberes ressoam significativamente na verticalidade e concretizam-se na horizontalidade do discurso do gramático. O ponto de partida para a abordagem do nosso estudo é a definição de gramática atribuída por Celso Pedro Luft na *Moderna Gramática Brasileira* (1976). Trata-se de uma obra que viemos estudando desde o período de Iniciação Científica, perseguindo o ponto de encontro entre o saber do gramático e o saber do linguista, e que, a cada recorte, nos faz remontar a diferentes filiações teóricas. Em nosso trabalho de dissertação, por exemplo, desenvolvemos um estudo acerca da definição atribuída à designação “sintagma” na *Moderna Gramática Brasileira*. Em tal estudo, questionamos o efeito de evidência atribuída a tal designação, procurando remetê-la à história, pois não há saberes descontínuos ou indiferentes à historicidade. Desse modo, procuramos traçar retrospectivamente um percurso da designação “sintagma” atribuída por Luft, reconstituindo uma rede de filiação de saberes que nos fez remontar a Mattoso

¹⁸ Doutoranda, sob orientação da Prof.ª Dr.ª Amanda Eloina Scherer.

Câmara e a Ferdinand de Saussure. Agora, em nosso trabalho de tese, debruçamo-nos sobre a definição de *gramática* atribuída por Celso Pedro Luft para compreender que outros saberes ressoam no interdiscurso e vêm a se atravessar na formulação do gramático. Nessa medida, considerando que as palavras significam pela relação que estabelecem entre si, é preciso remeter tal definição a uma outra formulação que está ressoando no discurso do gramático. Desse modo, apoiamo-nos sobre a noção de “ressonância de significação” proposta por Serrani (1993) para caracterizar a paráfrase entre duas ou mais formulações. Segundo a autora, trata-se de “ressonância porque, para que haja paráfrase, a significação é produzida por meio de um efeito de vibração semântica mútua” (Idem, p.47). Além disso, a noção de ressonância proposta por Serrani (Ibidem) implica considerar também o sujeito da linguagem, pois a paráfrase ressoa para alguém, isto é, tanto para o sujeito que produz a formulação quanto para o sujeito leitor. É nessa medida que reconhecemos que, enquanto sujeitos de linguagem e inscritos na história, a nossa leitura também não é isenta de um gesto interpretativo – e nem temos a pretensão da neutralidade. Ao aceitar esse lugar de desconforto, de questionar as evidências e de não se acomodar com o já-dito, é preciso ter o cuidado de dar visibilidade ao gesto interpretativo que orienta os recortes. Ao questionar as evidências de discursos outros, é preciso ter em vista também que o trabalho do pesquisador de história das ideias também está investido de uma interpretação. De fato, a constituição do *corpus* da pesquisa repousa sobre o nosso gesto interpretativo, do qual não podemos nos furtar. O próprio recorte é eleito por reconhecermos nele dizeres outros que ressoam sem que o gramático mencione diretamente que retoma tal definição de uma concepção chomskyana de gramática. E Noam Chomsky, por sua vez, nos conta que a sua definição de gramática repousa sobre duas tradições principais: “A primeira é a da gramática universal ou filosófica, que floresceu nos séculos XVII e XVIII; a segunda é a tradição das linguísticas estruturais ou descritivas, que alcançaram o ponto culminante de seu desenvolvimento há quinze ou vinte anos” (CHOMSKY, 1973, p.19). Trata-se de saberes inscritos na história, afastados por longos períodos de tempo, e que pertencem a condições históricas distintas. Desse modo, é preciso considerar que a

história da produção do conhecimento não se permite apreender em uma trajetória histórica retilínea, em que os saberes se estenderiam linearmente um após o outro. A história da produção do conhecimento constitui-se de renúncias e de retomadas, pois se trata de uma “temporalidade ramificada da constituição cotidiana do saber” (AUROUX, 1992, p.11). Considerando tais propriedades do *corpus* da pesquisa, é preciso considerar as condições históricas específicas em que a definição de gramática emerge para estabelecer o que ressoa de uma formulação a outra e, assim, buscar compreender de que forma tal definição de gramática orienta o saber do gramático.

Referências bibliográficas

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

CHOMSKY, Noam. Panorama e rumos atuais da linguística. In *Revista Tempo Brasileiro*. Tradução de Paulo Amélio do Nascimento Silva. Rio de Janeiro, n. 32, p. 18-35, 1973.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. Porto Alegre, RS: Globo, 1976.

SERRANI, Silvana M. *A linguagem na pesquisa sociocultural: um estudo da repetição na discursividade*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

Gramática e história: a moderna gramática portuguesa e a (re)construção do saber gramatical brasileiro após a NGB

COSTA, Thaís de Araújo de (UFF/LAS)¹⁹
araujo_thais@yahoo.com.br

Nosso trabalho, ainda em fase inicial, insere-se no campo de estudo da História das Ideias Linguísticas do Brasil (ORLANDI, 2002, 2009) – mais especificamente no que tange à (re)construção do saber gramatical brasileiro depois da publicação, em 1959, da NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) – na sua relação com a Análise de Discurso, de Pêcheux (1997 [1975]) e Orlandi (2007). Em pesquisa anterior (COSTA, 2010), a partir da análise de sete gramáticas publicadas entre 1959-1969, depreendemos o funcionamento do discurso gramatical após a reestruturação procedida com a implementação da terminologia oficial. Na ocasião, vimos que, apesar do efeito de censura, no que diz respeito aos nomes não legitimados/instituídos pela NGB, sentidos outros se faziam significar no corpo dos compêndios gramaticais, na maioria das vezes de forma marginal, em notas de rodapé e observações. Dentre as gramáticas analisadas, estava a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, cuja primeira edição foi publicada em 1961, já com a aquiescência ao que postula a NGB explícita tanto em seu subtítulo (“com base na Nomenclatura Gramatical Brasileira”) como no prefácio. À época, com a finalidade de depreender o funcionamento do discurso gramatical e o modo como a disputa de sentidos (sentidos oficiais X sentidos censurados) se fazia presente nas gramáticas pós-NGB, entramos de três formas distintas em nosso *corpus*, a saber: a partir dos títulos e subtítulos das gramáticas; a partir dos seus prefácios; e a partir do capítulo referente à colocação pronominal. No que diz respeito ao funcionamento da gramática de Bechara, vimos que, embora a adesão à NGB estivesse explicitada desde o subtítulo e fosse corroborada no prefácio, a ela, para justificar-se o comparecimento de

¹⁹ Doutoranda pela Universidade Federal Fluminense, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Vanise Medeiros.

sentidos outros, já no prefácio, foi atribuído um sentido de falta. Desse modo, conforme corroborou a análise do corpo de sua gramática, ao afirmar-se que não consiste em desrespeito incluir os termos referentes aos assuntos que não são ventilados pela NGB, unem-se sentidos legitimados e sentidos censurados – ainda que estes compareçam à margem daqueles – e assume-se, com isso, uma posição ideológica que tenta apaziguar, conciliar os sentidos em movimento. Tal posicionamento se manteve com pouquíssimas modificações durante 36 edições da *Moderna Gramática*, mas, em 1999, quando foi publicada a 37ª. edição – a qual, é preciso dizer, se mantém até os dias atuais, mesmo após as alterações procedidas em 2009 devido ao novo acordo ortográfico –, houve, conforme Dias e Bezerra, “uma substancial modificação, guiada por orientações advindas da linguística moderna”, que promoveu o rompimento com o “padrão tradicional de gramática” que tínhamos até então (2006, p.15). Dias (2009), ao analisar os títulos da primeira e da 37ª. edição da gramática de Bechara, afirma haver uma tensão entre o mesmo e o diferente que, segundo a autora, nos possibilitaria dizer, pela situação instalada pelos sentidos que sugerem o mesmo e pelo próprio movimento das edições (da 1ª. à 37ª.), que se trata da mesma obra; e, pelos sentidos que sugerem o diferente, que se trata de duas obras distintas que têm em comum somente o título e o autor. É justamente desta tensão apontada por Dias (Idem) que trata nosso trabalho. Pretendemos, numa dimensão mais ampla, em nossa tese, investigar como ela se materializa no prefácio e no corpo da obra de Bechara, e como essa publicação é significada e produz sentido na história da construção do saber gramatical brasileiro. De acordo com Baldini (1999), após a publicação da NGB houve um período de interpretação dos nomes tornados oficiais e, após a estabilização dos sentidos destes, iniciou-se o que o autor definiu como *período de repetição* desses sentidos já estabilizados. Entretanto, as reedições da *Moderna Gramática Portuguesa* publicadas a partir de 1999 parecem situar-se num lugar outro, em que há a produção de um efeito de distanciamento em relação àquilo que a gramática tradicional emprega. Como vimos anteriormente, as modificações realizadas na *Moderna Gramática* rompem, conforme Dias e Bezerra (2006), com o padrão tradicional de gramática, e isso ocorre de tal forma que os sentidos

filiados a esse lugar outro em que o sujeito se posiciona comparecem no corpo da obra, e não mais de forma marginal, como ocorrera nas edições anteriores. Sendo assim, interessa-nos, ainda, investigar quais caminhos os sentidos e os sujeitos percorreram até completar-se o deslocamento que nos sugere a sequência discursiva retirada de Bechara. Parece-nos, a uma primeira vista, que, para escapar da imposição terminológica instaurada com o advento da NGB e para continuar produzindo sentido sobre a língua, alguns gramáticos, como Bechara, antes significados como normativos, deixaram de dizer da língua deste lugar e passaram a dizê-la de um lugar outro. É o caso de investigar.

Referências bibliográficas

- BALDINI, Lauro José Siqueira. *A nomenclatura gramatical brasileira interpretada, definida, comentada e exemplificada*. 1999. 77f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Letras, Universidade Federal de Campinas, Campinas, 1999.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Edição revisada e ampliada. 37ª. edição. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999.
- _____. *Moderna Gramática Portuguesa* (curso médio) – com base na Nomenclatura Gramatical Brasileira. 1ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.
- COSTA, Thaís de Araújo de. *Gramáticas pós-NGB: do discurso oficial a outros discursos (im)possíveis*. 2010. 133 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2010
- DIAS, Luiz Francisco; BEZERRA, Maria Auxiliadora. Gramática e Dicionário. In: GUIMARÃES, Eduardo; ZOPPI-FONTANA, Mônica (Orgs.). *Introdução às ciências da linguagem*. A palavra e a frase. Vol.1. Campinas: Pontes, 2006.
- DIAS, Juciele Pereira. História das Ideias Linguísticas no Brasil: por uma reflexão sobre o movimento de edição do objeto histórico compêndio gramatical. In: *Tecnologias de linguagem e produção do conhecimento*. Volume II. Santa Maria: UFSM, 2009. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumell/index.php>> Acesso em: 04/03/2012.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso* – princípios e procedimentos. 7ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2007.

_____. *Língua e conhecimento linguístico*: para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Língua Brasileira e outras histórias* – Discurso sobre a língua e ensino no Brasil. Campinas: Editora RG, 2009.

Pêcheux, Michel. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997 [1975].

Publicidade, imagem e discurso: relatos iniciais de um projeto de tese

COUTINHO, Renata Corrêa (UFSM/CORPUS)²⁰
renatacorreacoutinho@gmail.com

Para consecução do trabalho que descreveremos a seguir, necessitamos esclarecer inicialmente que nossa filiação teórica e metodológica se dá pela Análise de Discurso fundada por Michel Pêcheux na década de 1960 na França e desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi e outros pesquisadores, “a qual articula, de modo particular, conhecimentos do campo das Ciências Sociais e do domínio da Linguística” para trabalhar com o discurso como um “objeto sócio-histórico em que o linguístico intervém como pressuposto”; assim, buscaremos, em nossa pesquisa, refletir sobre a maneira como a “linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua” (ORLANDI, 2005, p.16). Temos percorrido cotidianamente – desde nosso ingresso no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, em fevereiro de 2012 –, para que possamos nos inscrever na AD, uma rotina de novas leituras seguidas de discussões que nos auxiliam a pensar em questões relativas ao sujeito do/no discurso, às formações ideológicas nas quais ele se insere e às condições de produção das diferentes materialidades discursivas – *lócus* em que observamos os efeitos de sentido entre locutores, tal qual proposto por Pêcheux (1969[1993]). Assim, buscávamos, para definição de nosso *corpus* de análise, uma materialidade discursiva que, de algum modo, estabelecesse uma relação com nossa trajetória acadêmica, iniciada em 1997 na graduação em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda. Desde então, nossas pesquisas têm se originado de inquietações que são travadas nesse campo, mas que perpassam outras áreas do conhecimento, como a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia e os Estudos da Linguagem. Outra característica que procuramos

²⁰Doutoranda, sob orientação da Prof.ª Dr.ª Amanda Eloina Scherer.

contemplar na escolha do *corpus* se refere ao assunto abordado. Poderíamos ter selecionado diversas temáticas, frequentemente exploradas na publicidade, como a beleza, a juventude, a distinção social e a delimitação por gêneros, por exemplo; entretanto, nossa opção pautou-se pela realização de uma leitura que pudesse contribuir com as reflexões sobre a noção de língua portuguesa, com os estudos discursivos realizados acerca de materialidades midiáticas e, mais diretamente, com a Linha de Pesquisa “Língua, Sujeito e História” (PPGL/UFSM) – na qual estamos integradas. Em outras palavras, conforme afirma Orlandi (2005), a delimitação que fazemos como analistas “não segue critérios empíricos, positivistas, mas teóricos”. Como resultado dessa delimitação mencionada, elegemos como materialidade discursiva, para desenvolvimento do nosso projeto de tese, uma campanha publicitária configurada por um conjunto de anúncios constituídos de materiais impressos (*folder*, cartaz) e audiovisuais (quatro filmes publicitários, com duração de um minuto cada, veiculados na televisão), projetada para divulgação da 3ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP), “Escrevendo o futuro”. Realizada a cada dois anos, a OLP teve sua primeira edição em 2008. A principal informação divulgada nos anúncios publicitários é a realização de um concurso que seleciona as melhores produções textuais dos alunos nos gêneros poema, memórias, crônica e artigo de opinião; além disso, há a distribuição de publicação periódica com orientações pedagógicas para os professores inscritos e a possibilidade de formação a distância por meio de curso virtual, com uma metodologia de trabalho com foco na leitura e produção de texto, articulada aos conteúdos previstos para cada ano escolar. Conforme mencionamos anteriormente, a proposta de nosso trabalho é compreender e explicitar o processo de produção de sentidos concernentes à campanha publicitária desenvolvida para a Olimpíada da Língua Portuguesa; portanto, nossa reflexão não incidirá sobre a realização pedagógica destinada às escolas e aos professores participantes da iniciativa supracitada (a OLP é resultado da parceria entre o Ministério da Educação e a Fundação Itaú Social). Sabendo que é pela linguagem em funcionamento que se dá o processo de significação numa construção simbólica efetuada pelos sujeitos, em nossa leitura inicial

vemos convocados sentidos que buscam instituir o sujeito representado na publicidade da OLP como autor de sua própria história, o que nos leva à noção de esquecimento número um postulada por Pêcheux: afetados pela ideologia, “temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos preexistentes” (ORLANDI, 2005, p.35). Tais concepções aqui aludidas podem ser identificadas no enunciado principal da campanha, “Escrever é ser autor da própria história”, a partir do qual fizemos algumas interpretações preliminares. Nessa perspectiva, observamos que a posição sujeito assume, ao mesmo tempo, a configuração de dono de si e dos rumos de sua vida ao se posicionar como responsável por seu futuro, o que corresponde à forma sujeito-capitalista descrita por Haroche (1992). Conforme Scherer (2011), a escrita apresenta-se como uma espécie de “atestado de identidade” e de uma “experiência de si” que reforça a “ilusão do centro, na procura de assumir uma possível e ilusória totalidade”.

Referências bibliográficas

HAROCHE, Claudine. *Fazer dizer, querer dizer*. Trad. Eni Orlandi. São Paulo: Hucitec, 1992.

OLIMPIADA DE LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <http://escrevendo.cenpec.org.br/> Acesso em: 13 de junho de 2012.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. 6 ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. *Análise automática do discurso (AAD-69)*. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso*. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993 [1969].

SCHERER, Amanda. *Uma questão infinita*. Texto apresentado durante a II Jornada do E-L@DIS: conceitos e(m) rede. Ribeirão Preto, SP: USP, 2011.

Discursos do autismo: interfaces para Análise de Discurso, Psicanálise e Musicoterapia

DA SILVA CIRIGLIANO, Márcia Maria (UFF/CAPES/LAS)²¹
marciasilva105@hotmail.com

Este trabalho busca analisar os diversos discursos acerca do autismo e da criança autista, para fins de tese de doutorado, à luz da Análise de Discurso de linha francesa e da Psicanálise. Objetiva examinar as falas presentes na clínica do autismo, a partir de entrevistas com mães de autistas e com profissionais que com eles trabalham, no Instituto Benjamin Constant, escola para cegos fundada no Rio de Janeiro, em 1817. Atualmente, o Instituto também recebe crianças com distúrbios associados à cegueira, entre os quais o diagnóstico de autismo. Para analisar estes discursos e suas relações com o atendimento clínico em Musicoterapia, realizado com os autistas, mobilizam-se os conceitos de *discurso* em Michel Pêcheux (2008[1983]) e de *voz* em Jaques Lacan (2004[1962]). Mediante solicitação dos professores do Instituto, crianças com autismo são encaminhadas à Musicoterapia quando apresentam comportamentos involuntários agressivos, como gritos e automutilação, que os impedem de acompanhar a rotina escolar em sala de aula. Tais comportamentos assim se definem: gritos contínuos, sem razão aparente, em ocasiões nas quais até os alunos mais travessos sabem que serão punidos se gritarem, como em apresentações musicais ou na própria sala de aula; agressões, na medida em que se mutilam, por exemplo, apertando um copo de vidro com as próprias mãos e quebrando-o, sem esboçar qualquer manifestação de dor, ou mordendo as próprias mãos até tirar pedaço. Um atendimento musicoterápico se inscreve a partir da própria definição de Musicoterapia: utilização da música como elemento terapêutico (BRUSCIA, 2000). Aí não se prioriza tanto a estética ou o

²¹ Doutoranda pela Universidade Federal Fluminense, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Bethania Mariani.

virtuosismo musical na *performance*; os elementos musicais são utilizados para possibilitar a que o paciente se expresse, e é a partir disso que se vai construindo o fazer musical. Paralelamente, informações obtidas dos relatos de pais e responsáveis são registradas, decorrentes de contatos informais no setor, de reuniões de pais e dos conselhos de classe da escola. Percebe-se que a música ajuda a melhorar o comportamento das crianças e que elas começam a falar palavras soltas com os atendimentos musicoterápicos, tendo, por consequência, a reação positiva por parte das mães e dos profissionais, que passam a incluir a criança de modo diferenciado em seus relatos. Observa-se, no atendimento clínico, que a voz da musicoterapeuta, intercalando pausas e registros musicais variados, permite que a criança autista reaja positivamente, diminuindo sua agressividade ou saindo de um estado de isolamento ou automutilação. Na medida em que não fala de maneira compreensível aos demais, o autista “é falado” a partir de alguns lugares – os manuais de psiquiatria, os dicionários de Psicanálise (CHEMAMA, 1995) e as diversas falas do cotidiano escolar –, talvez na tentativa de o sujeito falante lhe atribuir sentido. Numa instituição como o Instituto Benjamin Constant, o autista é visto como um ser enigmático, que intriga – nem sempre fala, quase nunca verbaliza o que se espera. Sem razão aparente, muda seu comportamento de um estado de isolamento para um rompante de agressividade. Tal comportamento está a serviço de uma ideologia que comparece no discurso médico com as denominações dos transtornos do desenvolvimento, bem como das descobertas da neurociência. Em vista deste contexto, cabe perguntar: há voz no autista? Se não está no discurso, de acordo com os saberes mencionados, o que verbaliza? Investigando estas questões, busca-se verificar o quanto, escutando o que a criança autista vocaliza, haveria de possibilidade para colocar esta vocalização em uma estrutura musical que permitisse a que outros sons e palavras pudessem emergir. Tais intervenções dão à criança um lugar em que algo, para além da agressividade e automutilação, possa se inscrever, algo que possibilite passar da gritaria ao cantar e, deste, à melhor socialização. Pretende-se analisar o discurso institucional, o dos professores, o das mães de crianças autistas, bem como a definição de autismo em outros domínios, como o discurso médico e os verbetes

nos dicionários de psicanálise. No plano teórico, trata-se de um trabalho que busca contribuir para as articulações e fronteiras entre Psicanálise e Análise de Discurso, e, ainda, trazer alguns elementos da Musicoterapia à discussão.

Referências bibliográficas

BRUSCIA, Kenneth. *Definindo Musicoterapia*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CHEMAMA, Roland (Org.). *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004 [1962].

PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. São Paulo: Pontes, 2008 [1983].

Relatos de um viajante: investigações em torno de um processo de construção da história do sujeito gaúcho pela língua

DELEVATI, Daiane da Silva (UFSM/CORPUS)²²
delevatidaiane@yahoo.com.br

O presente projeto tem por objetivo identificar e analisar discursivamente as marcas linguísticas que remetem à língua do sujeito gaúcho, habitante do Rio Grande do Sul, no século XIX, em *Viagem ao Rio Grande do Sul*, de Auguste de Saint-Hilaire. Para tanto, tomamos como pressuposto teórico a Análise de Discurso de linha francesa, fundada por Michel Pêcheux, e a História das Ideias Linguísticas, representada por Sylvain Auroux, ambas desenvolvidas no Brasil principalmente por Eni Orlandi e José Horta Nunes. De acordo com essas perspectivas, procuraremos responder, ao longo do trabalho, às seguintes questões: (i) como significa a língua do sujeito gaúcho para o estrangeiro?; (ii) quais noções de língua sustentam o discurso do viajante no interior do RS?; (iii) que sentidos de língua passarão a ecoar na história (para brasileiros e não brasileiros, gaúchos e não gaúchos) a partir do contar do outro? Ao propormos uma análise sobre os relatos de Saint-Hilaire em relação à história do habitante gaúcho, através da língua, sabemos que é necessário levar em conta o homem na sua história, considerando os processos e as condições de produção da linguagem. E isso se dá pela relação que é estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam, observando-se as situações em que se produz esse dizer (ORLANDI, 2007). Assim sendo, uma questão fundamental para este estudo é refletir as condições de produção em que o discurso do viajante francês é produzido, além de pensar nos efeitos de sentido que emergem a partir desse discurso. Para tanto, é imprescindível entender que o discurso, na perspectiva que fundamenta este trabalho, é tomado como “efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2007, p.21). Além disso, esses efeitos podem ser múltiplos e variados; por

²² Mestranda em Estudos Linguísticos, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Verli Petri.

isso, o desafio que temos é tentar explicitar alguns dos efeitos provocados pelo discurso do viajante presente em *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Além de *língua* e *discurso*, outras noções são fundamentais para a realização desse processo investigativo que se pretende como a interpretação da interpretação, ou seja, nossa tarefa é interpretar a interpretação de um pesquisador francês do século XIX sobre a língua do habitante gaúcho. Para observar essa relação do texto com a exterioridade é preciso, primeiro, conceber o sujeito como aquele “materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história” (ORLANDI, 2007, p.49); então, só por elas se constitui enquanto tal, só por elas produz sentidos. Assim, ao lermos *Viagem ao Rio Grande do Sul*, não nos são revelados apenas os costumes, a vida, a história do habitante gaúcho, mas também vamos apreendendo um pouco sobre o sujeito que escreve sobre esse povo através da língua. Apreendemos, pois, um pouco sobre as relações que esses relatos estabelecem com a história, sobre as relações que eles estabelecem com a história do sujeito que fala a língua e também sobre aquele que fala sobre a língua, ou seja, a relação do discurso com a historicidade dos sujeitos. O sujeito, para a Análise de Discurso, é “descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam” (ORLANDI, 2007, p.20). O sujeito não é dono de seu dizer, pois sempre há um já dito, um não dito, ambos significando ao mesmo tempo, quando o sujeito se submete à língua. Assim, o sujeito não tem controle sobre os efeitos de sentidos que são produzidos. No entanto, essas ilusões – de que é origem do que diz e de que controla seu dizer – são necessárias e constitutivas de todo discurso. Nosso trabalho, dessa forma, a partir do que já foi dito, busca retomar uma história sobre o sujeito, sobre a língua, e assim, quiçá, fazer emergir novos sentidos para se pensar a constituição da história do habitante do Rio Grande do Sul, brasileiro.

Referências bibliográficas

ORLANDI, E. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 7. Ed. Campinas: Pontes, 2007.

SAINT- HILAIRE, A. de, (1779-1859). *Viagem ao Rio Grande do Sul*.
Tradução de Adroaldo Mesquita da Costa. Porto Alegre: ERUS, 1987.

O Gaúcho fronteiriço: relações entre o dizer e os saberes presentes nos dicionários regionalistas e/ou hispano-americanos

DENARDI, Graciele Turchetti de Oliveira (UFSM/CORPUS)²³
gracielet@hotmail.com

O gaúcho que surgiu a partir do início do século XVII é o resultado de uma mescla de raças e etnias que ocuparam o pampa do extremo sul da América, abrangendo o que hoje conhecemos como Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina: os índios, primeiros habitantes, os espanhóis, portugueses e negros que aqui se estabeleceram, alguns por vontade própria, mas a maioria forçada pelas circunstâncias históricas que vivenciou. Depois vieram os alemães, os italianos, os poloneses e pequenos grupos de outras partes do mundo. Do cruzamento destas raças, temperadas pelo frio, pelo minuano, pelo espaço generoso e sem cerceamentos, pela lida com o cavalo e com o gado, surge um tipo humano, sedento por liberdade e extremamente apegado a sua terra, o gaúcho. De acordo com as pesquisas de Petri e Branco, que investigam o sujeito gaúcho em dicionários brasileiros e hispano-americanos, “a representação do gaúcho foi evoluindo, tomando diferentes concepções, e isso é institucionalizado nos dicionários” (2010, p.3). O fato de serem sujeitos unidos pela proximidade geográfica, histórica, política e cultural também se faz representar na formação linguística, apontando diversas semelhanças de vocabulário expressas tanto na fala do gaúcho, especialmente na do sujeito que vive no campo, quanto no vocabulário apresentado nos verbetes dos mais variados dicionários argentinos e sul-rio-grandenses. A representação do sujeito que trabalha no campo, com o gado, e está apossado de tradições particulares que definem a sua história, tanto na Argentina como no Rio Grande do Sul, está pautada no sentido do nome “gaúcho” e nas características que unem os personagens representantes destas duas regiões. Ao falarmos em dicionários, remetemos a objetos discursivos

²³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Verli Petri.

que buscam refletir a história e a sociedade, trazendo, em seus verbetes, definições que eram até pouco tempo tomadas como verdades absolutas, lugar onde está exposta a língua culta, sem espaço para dúvidas, apenas certezas. Tomando a Análise do Discurso (AD) de linha francesa e a História das Ideias Linguísticas (HIL) como pressupostos teóricos, propomo-nos, neste trabalho de pesquisa, que resultará em tese de doutoramento intitulada “O Gaúcho fronteiriço: relações entre o dizer e os saberes presentes nos dicionários regionalistas e/ou hispano-americanos”, observar e analisar os efeitos de sentidos expressos na fala dos sujeitos que denominamos “gaúchos de fronteira” vinculados a uma análise comparativa/discursiva das palavras de igual ou semelhante grafia apresentadas nos verbetes de dicionários sul-rio-grandenses e hispano-americanos. Para tanto, tomamos como base os seguintes dicionários: *Diccionario del Español de América* de Marcos Augusto Morínigo e *Diccionario Folklorico Argentino* de Félix Coluccio, além de dois dicionários sul-rio-grandenses: *Dicionário Gaúcho Brasileiro* de João Batista Alves Bossle e *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul* de Rui Cardoso Nunes e Zeno Nunes, ambos associados à história de sujeitos que vivem em cidades da fronteira entre Brasil (Rio Grande do Sul) e Argentina. Os sujeitos selecionados para compor o *corpus* da investigação pertencem a cidades que fazem fronteira entre Brasil e Argentina (São Borja, no Rio Grande do Sul, Brasil, e Santo Tomé, na Argentina). São do sexo masculino, moradores da área rural, trabalhadores do campo, da lida com o gado. Os dicionários fazem parte do cotidiano de sujeitos que buscam, neste instrumento linguístico, firmar-se diante de dúvidas e incertezas. Porém, precisamos entender que o dicionário não é detentor do conhecimento verdadeiro e único, sendo suscetível a questionamentos, pois os sentidos que nele circulam estão dispersos, sempre podendo ser outros. De acordo com Petri (2010), é preciso levar em conta que há um processo de produção de efeitos de sentidos em pleno funcionamento, e que é nessas relações entre línguas e sujeitos que o dicionário se efetiva. Diante dos fatos já mencionados sobre a investigação, salienta-se que a pesquisa encontra-se em fase inicial, revelando resultados parciais. A partir dos dados coletados, busca-se analisar, de forma comparativa/descritiva, os verbetes e/ou

palavras de igual ou semelhante grafia presentes em dois dicionários hispano-americanos e dois sul-rio-grandenses. Com base nos resultados, procurar-se-á evidenciar a movimentação dos efeitos de sentido observados nos três pontos de análise (dois dicionários e fala dos sujeitos), e investigar a possibilidade de novas interpretações.

Referências bibliográficas

NUNES, José Horta. Dicionários: história, leitura e produção. *Revista Letras da Universidade Católica de Brasília*, 2010. Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewFile/1981/1305>>

_____. *Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. Campinas, SP: Pontes editores; São Paulo: FAPESP; São José do Rio Preto, SP: Faperp, 2006.

PETRI, Verli da Silveira. *Um outro olhar sobre o dicionário: A produção de sentidos*. Editora PPGL/Laboratório Corpus, 2010.

_____. e BRANCO, Natieli. *O Imaginário do/sobre o sujeito gaúcho e hispano-americano através de uma análise discursiva dos dicionários*, 2010. Disponível em: <http://www.senallp.furg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=35:o-imaginario-dosobre-o-sujeito-gaucho-e-hispano-americano-atraves-de-uma-analise-discursiva-dos-dicionarios-natieli-luiza-branco-ufsm&catid=1:2010&temid>

Francês e Colégio Pedro II: uma língua estrangeira no trabalho de formação de um sujeito nacional brasileiro

DEZERTO, Felipe Barbosa (UFF/LAS/Colégio Pedro II)²⁴
fbdezerto@hotmail.com

Primeiramente, é preciso dizer que o trabalho que aqui se apresenta se insere nas reflexões que venho desenvolvendo durante meu processo de elaboração de tese, que deverá se concluir até agosto de 2013. Em meu percurso de doutoramento, busco refletir sobre o processo de institucionalização da língua francesa no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, sem negligenciar a importância desta instituição para a educação brasileira, no que diz respeito ao seu papel de modelo, assegurado pelo Império e República do Brasil. Isso porque os programas do Colégio Pedro II eram elaborados de acordo com os decretos da Instrução Pública Secundária e deveriam ser seguidos pelas demais instituições públicas do Brasil, terminando por alcançar até mesmo algumas instituições privadas. Neste trabalho, tomamos a língua como objeto teórico, no quadro da História das Ideias Linguísticas (ORLANDI, 1998, 2001, 2002 e outros) e da Análise do Discurso francesa (PÊCHEUX, 1969, 1975, 1981, 1983; ORLANDI, 1996, 2003, 2005 e outros). Considerar a língua como tal é estar atento ao jogo de sentidos na forma como se representa essa língua para determinados sujeitos, em dadas conjunturas sócio-históricas, partindo do princípio de que os discursos que se produzem sobre a língua acabam também por significá-la. Nessa medida, tratamos os programas de ensino aqui analisados como discursos sobre a língua francesa, para, então, partir da materialidade linguística, do recorte feito a partir do texto do programa, para o objeto discursivo (PÊCHEUX, 1969), e, desse objeto, depreender o funcionamento discursivo que gerencia a forma de comparecimento dos sentidos dessa língua, nesse programa, e como essa língua é representada imaginariamente enquanto objeto

²⁴ Doutorando pela Universidade Federal Fluminense, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Bethania Mariani.

simbólico. Proponho, para esse momento de apresentação, um esboço analítico do programa de 1850. Início minhas análises nesse programa por se tratar do primeiro programa de ensino do Colégio Pedro II de que se tem registro, desde a sua fundação em 1837. Não de forma diferente do tratamento dado à língua francesa nos demais programas, busquei analisar o funcionamento da língua francesa e os efeitos de sentido na forma de seu comparecimento nesse programa que significa também por estar circunscrito em um espaço institucional oficial do governo imperial brasileiro, produzindo um imaginário sobre língua francesa em sua historicização no Brasil. Encontramos nesse programa, no qual o francês comparece em todos os sete anos de ensino secundário, uma série de nomes e obras consagrados da Literatura Francesa, a saber: BOSSUET, Orações Fúnebres; RACINE, Athalia; MONTESQUIEU, Selecta de Blair; MASSILLON, Petit Garême e FÉNELON, Morceaux choisis. Também foram encontradas, em outras disciplinas – história (média, moderna e do Brasil), geografia e retórica –, obras de pensadores franceses compondo seus conteúdos. O fato de a história, a literatura e o pensamento filosófico francês estarem presentes de tal forma nesse programa já nos mostrou a tendência humanística, herança jesuítica de educação, do ensino brasileiro neste momento de afirmação da nação brasileira. No que diz respeito ao francês, é-lhe conferido um *status* específico na formação secundária pretendida. A língua francesa está sendo colocada como um saber necessário para a formação secundária da nação brasileira, a partir do qual estão em jogo a historicidade e a memória dessa língua, como um legado cultural a ser conhecido por esses sujeitos da elite brasileira formada pelo Colégio Pedro II e pelo grande número de escolas no país que seguiam seus programas. Na poesia, no teatro, no pensamento político-ecclesiástico, no pensamento iluminista-enciclopédico, no pensamento científico, no conhecimento histórico-geográfico, os saberes que comparecem no programa recortam uma certa região de sentidos da memória da produção intelectual francesa e da história da França, criando, no interior do programa de francês, um espaço de circulação para certos sentidos de filosofia, literatura, política, história, ciências e geografia francesas. Estudar o francês a partir desse recorte de obras significa ter acesso a uma direção das produções intelectual e religiosa

francesas que aponta para uma moralidade via política e via Igreja, e também significa criar uma história da França pautada em grandes nomes e grandes feitos dos reinos franceses. Essas análises permitiram afirmar, então, representações do francês como a língua que trabalha em um projeto civilizatório para a formação de um sujeito brasileiro naquele momento. Projeto este que passou pela educação das elites brasileiras, e não de outras classes, e que convoca sentidos de língua francesa que passam pela França dos grandes reis, dos grandes pensadores e filósofos, da intelectualidade, da literatura, da moral católica, fazendo dessa língua um saber que funciona como porta e meio de acesso à cultura e à civilização francesas – um saber necessário à formação secundária brasileira imperial.

Referências bibliográficas

- ORLANDI. *Interpretação*: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. *Línguas e instrumentos linguísticos*. Campinas: Pontes, 1998. (Coleção História das Ideias Linguísticas.)
- _____. (Org). *História das ideias linguísticas*. Campinas: Pontes, 2001
- _____. *Língua e conhecimento linguístico*: para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *A linguagem e seu funcionamento*: as formas do discurso. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- _____. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET e HAK (Org). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010 [1969].
- _____. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988 [1975].
- _____. *A língua inatingível*: o discurso na história da linguística. Trad. Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004 [1981].
- _____. *O discurso*: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Orlandi. 5ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2008 [1983].

O nome “linguística” na história do conhecimento sobre a língua

DIAS, Juciele Pereira (UFSM/CORPUS)²⁵
juciele dias@hotmail.com

A problemática do processo de institucionalização da disciplina Linguística no Brasil tem sido nossa temática inserida no projeto de pesquisa “Linguística no Sul: Estudo das ideias e organização da memória”, desde 2006, sob a coordenação da professora Amanda Eloina Scherer. No presente momento, como parte de nosso trabalho de tese de doutoramento, temos como objetivo apresentar uma reflexão sobre a constituição do nome “Linguística” na história do conhecimento linguístico por relações com diferentes formas de institucionalização do saber metalinguístico brasileiro. Por se constituir no tempo, em determinadas condições de produção, ao longo de séculos (XVIII a XXI), a “Linguística”, mesmo quando nomeada pelo mesmo nome, não necessariamente é determinada pela mesma forma de saber. O nome “Linguística” se constitui na história e a história é constitutiva desse nome, movimentando-o, potencializando-o enquanto possibilidades de sentidos a serem atualizados, interpretados. Retomando Auroux (2001), pode-se dizer que a “Linguística” nasceu no século XIX por ter sido estabelecida uma relação entre esse nome e uma determinada forma de saber praticada naquele determinado momento da história. Nessa relação, ao mesmo tempo em que *Linguística* passa a nomear uma forma de saber, essa forma de saber passa a atribuir sentido(s) ao nome “Linguística”. Como exemplos de formas de saber que são nomeadas como “Linguística”, temos o parentesco genético das línguas; a explicação histórica; e as línguas nelas e por elas mesmas (AUROUX, 2001). O fato de “Linguística”, na história, nomear diferentes formas de saber pode nos causar certo estranhamento em relação a um imaginário de uma ciência (com UM objeto de estudo homogêneo), pois em determinados

²⁵Doutoranda, sob orientação da Prof.^ª Dr.^ª Amanda Eloina Scherer.

momentos da história são produzidos conhecimentos que contradizem práticas teóricas de momentos anteriores. Se, de um lado, no Brasil, em um momento, podemos estudar a “Linguística” como institucionalizada a partir de produções acadêmicas de Joaquim Mattoso Câmara Junior seguindo uma orientação europeia ou americana, de outro, podemos estudar seu processo de instituição em obras dos filólogos Silveira Bueno e Gladstone Chaves de Melo quando esses formulam modos de representar “Linguística” e “Filologia” como formas de saber com objetos de estudo e práticas teóricas distintas entre si. As diferentes formas do saber atribuídas ao nome “Linguística” e o modo como elas são definidas ao longo de um processo de institucionalização são determinantes da disciplinarização dessa ciência no Brasil. Nesse sentido, compreendemos o nome “Linguística” como constituído por diferentes formas de saber na história, por diferentes práticas teóricas que se afastam, que se opõem em determinados momentos ou que se aproximam em outros. A relação entre nome e forma(s) de saber não é uma relação natural, nem tão somente uma relação convencionada, ela é uma relação simbólica, determinada historicamente. O simbólico, com base em Guimarães (2005), está associado ao modo como designações de “Linguística” expõem esse nome ao real da história. Pelo viés da relação estabelecida entre o nome “Linguística” e uma forma de saber institucionalizada, temos a possibilidade de funcionamento da contradição e do político, que opera por jogos de forças entre o “diferente” (formas de saber e práticas teóricas) no “mesmo” (nome). Nessa relação do nome e definição da forma de saber, devemos salientar que, sendo o nome determinado pela história e constituído por efeitos de sentidos das formas de saber, justamente pela determinação histórica, não são todas as práticas teóricas acerca da língua que podem ser definidas pelo nome “Linguística”. É pela própria determinação histórica que, em certas condições de produção, é possível ser dito: isto é, isto não é Linguística. Como um dos possíveis objetos de estudo dessa problemática, em nossa apresentação traremos à baila efeitos de sentido do nome “Linguística” determinados pelas designações “língua falada” ou “língua popular” na história do conhecimento linguístico brasileiro, tendo como foco uma compreensão da edição brasileira de *Curso de Linguística Geral*, de

Ferdinand de Saussure, cuja tradução foi coordenada pelo filólogo Isaac Nicolau Salum, no final dos anos 1960. Essa obra foi publicada em um momento em que a Linguística estava se consolidando enquanto disciplina de graduação de cursos de Letras e estavam sendo fundados os primeiros cursos de pós-graduação em estudos linguísticos com a presença de professores de universidades do exterior, ao mesmo tempo em que professores brasileiros saíam para realizar pós-graduação fora do país, em especial nos Estados Unidos e na França (ALTMAN, 2004). Esse movimento em torno da pós-graduação possibilitou o desenvolvimento de diferenciadas teorias linguísticas constitutivas de determinadas formas de saber (ALTMAN, 2004) que, em determinadas condições de produção, dialogam entre si, mas, em outras, se afastam, fronteirando limites simbólicos constitutivos do saber. O nome “Linguística” se constitui em e por determinadas condições de produção e é definido por uma relação com uma forma do saber. A forma de saber se relaciona com uma memória institucionalizada sobre o saber (tradição), na qual sentidos já estão postos, cristalizados, e é pelos efeitos de sentidos dessa memória (discurso em circulação) que buscamos compreender a história do conhecimento linguístico brasileiro.

Referências bibliográficas

- AUROUX, S. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.
- ALTMAN, C. *As Pesquisas Linguísticas no Brasil (1968-1988)*. 2 ed. São Paulo: Humanitas, 2004.
- GUIMARÃES, E. *Semântica do Acontecimento*. Campinas: Pontes, 2005.

Uma parada necessária(?), algumas dispersões possíveis

EL-JAICK, Ana Paula (UFF/CAPES/LAS)²⁶
anapaulaeljaick@gmail.com

O presente trabalho se insere na pesquisa coordenada pela Prof.^a Dr.^a Bethania Mariani “O brasileiro hoje: língua, cultura e novas relações sociais”. Conforme sugerido no próprio título da pesquisa, partimos do pressuposto de que as relações sociais contemporâneas estão se configurando de tal modo a não responderem mais a preceitos ditados até fins do século passado. As relações de poder mudaram, o nosso imaginário mudou – e, afinal, o sujeito não é (nunca) o mesmo. O aporte teórico norteador desta pesquisa é a Análise de Discurso tal como formulada por Michel Pêcheux e a História das Ideias Linguísticas tal como pensada por Sylvain Auroux. A partir desse aporte teórico, esta pesquisa pretende investigar como, nesta sociedade multifacetada, se insere um grupo que se autodenomina *minoría*, o LGBT(T?), e, mais especificamente, o modo de essa minoria se posicionar contemporaneamente naquele que podemos considerar o clímax de engajamento produzido por tal minoria: a Parada do Orgulho LGBT(T?). A partir da pergunta-chave “Como essa minoria representa sua posição social neste evento?”, a pesquisa, ainda em sua fase inicial, revela várias dispersões possíveis (e necessárias?) a serem investigadas. Em primeiro lugar, podemos questionar nossa própria afirmação: a Parada Gay é um engajamento desse grupo? Afinal, a Parada também parece abarcar, nessa “discursividade contemporânea”, posições de sujeitos alienados em relação aos seus próprios atos, sujeitos descompromissados, não engajados em causa alguma. Assim, torna-se legítimo perguntarmos se as pessoas que participam da Parada Gay estão comprometidas com alguma proposta social. Dessa maneira, torna-se plausível questionar se ir à Parada Gay significa posicionar-se, confrontando ou defendendo alguma política pública que visa integrar essa *minoría* à *maioría* da sociedade. Tais questionamentos podem nos

²⁶ Pós-doutoranda pela Universidade Federal Fluminense, sob supervisão da Prof.^a Dr.^a Bethania Mariani.

levar a uma segunda dispersão: considerando que, de fato, as pessoas que se engajam na Parada Gay visam a uma inserção social, esse seria um engajamento de longo prazo, ou seja, é realmente necessário que, a cada ano, haja uma outra Parada? Terceiras, quartas, várias outras dispersões também comparecem, tais como: (i) de que lugar fala essa minoria (até para assim se posicionar, como *minoria*)?; (ii) qual é o papel, ou qual deve ser a ação do Estado sobre a Parada Gay (afinal, também é importante verificar as tensões que estão em jogo quando da execução de políticas públicas efetivas a respeito desse evento)? É claro que, no caminho errático das dispersões, os fios que essa pesquisa tem mostrado possível vão além de se limitar a vitimizar a minoria LGBT(T?). Afinal, se Lebrun (2008) flagra, em nossa vida social, sobretudo no espaço urbano, um “mundo sem limites”, é de se pensar, e notar, que há aqueles que acreditam que a permissão para a existência de manifestações como a Parada Gay é um exemplo de *falta de limites mundano*. É claro que um pensamento como esse pode acabar por produzir ao menos esta consequência: (o aumento d) a violência contra essa minoria. Dessa maneira, não seria mera coincidência o fato de que o tema norteador das últimas seis Paradas do Orgulho LGBT de São Paulo, uma das maiores do mundo, vem sendo a *homofobia*. Para além dessas dispersões possíveis (em suspenso) para nossa pesquisa, é preciso dizer que é também pretensão nossa o mapeamento de reportagens sobre a Parada Gay em jornais e revistas. Neste momento estamos fazendo o levantamento de artigos publicados em *O Globo online*. Assim, um dos objetivos da presente pesquisa é que tal mapeamento venha a compor um arquivo integrado ao *site* do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS) – arquivo este que deverá ser aberto ao público após sua devida análise. Com esse arquivo, esperamos que seja possível investigar como a Parada do Orgulho LGBT(T?) é significada no discurso escrito e/ou imagético nas múltiplas mídias da contemporaneidade.

Referências bibliográficas

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

_____. *A filosofia da linguagem*. Tradução: José Horta Nunes. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

LEBRUN, Jean Pierre. *A perversão comum*: viver juntos sem outro. Tradução de Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2008.

PÊCHEUX, Michel. *Análise de Discurso*. Textos escolhidos: Eni Puccinelli Orlandi. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

_____. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

_____. *O discurso*: estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni P. Orlandi. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

Comida e alimentação em enciclopédias dos séculos XIX e XX: do discurso médico ao discurso da arte

ESTEVES, Phellipe Marcel da Silva (UFF/CAPES-Reuni/LAS)²⁷
phellipemarcel@yahoo.com.br

Este trabalho se pretende uma exposição da pesquisa de doutorado que desenvolvo atualmente, chamada *Comida e sujeito nas enciclopédias dos séculos XIX e XX: uma leitura discursiva*. Ancorado no quadro teórico da Análise do Discurso francesa (ORLANDI e PÊCHEUX), pretendo investigar de que modo o discurso sobre *comida brasileira* se produz nas enciclopédias que foram editadas no Brasil entre os séculos XIX e XX, e como, ao se dizer de comida, também se constituem imagens de *sujeito brasileiro*. A teoria do discurso de Pêcheux se apoia numa noção de sujeito do inconsciente desejante que não se reduz a um utilitarismo, mas é “irredutível às necessidades” (HENRY, 1992[1977], p.163 e 169), e numa noção de ideologia que não se confunde com enganação, mas com a produção de evidências. Desse modo, constitui-se uma relação imaginária que nunca é “totalmente adequada ao seu objeto” (Idem). Uma vez que nem sujeitos se reduzem a suas imagens, nem a “natureza das palavras empregadas” — nos termos usados por Pêcheux, Haroche e Henry (2008[1978]) — é o que constitui seu sentido, podemos dizer que a Análise do Discurso é, eminentemente, uma teoria que leva em conta as condições materiais de produção do discurso, sua inscrição em diferentes formações discursivas (necessariamente no bojo de formações ideológicas) e as relações de deslocamento e repetição dos sentidos na historicidade. Na investigação, por isso, precisamos entender não apenas os sentidos que se constituem, que se produzem e que circulam sobre comida, mas também a que outros discursos eles se relacionam, construindo-se concomitantemente. É nesse sentido que, no índice remissivo da enciclopédia *Thesouro da juventude* (1935), que compõe o nosso material de análise e foi coordenada pelo acadêmico Clovis Bevilacqua,

²⁷ Doutorando da Universidade Federal Fluminense.

ao se procurar pela entrada “alimentação”, indicam-se os temas/verbetes “alimentos”, “comida”, “cozinha”, “nutrição”, “Como e quando comer”, “Como depende do trabalho”, “Fim da alimentação”, “Grande importância da variedade na alimentação” etc. Enquanto isso, a entrada “comida” está associada a “alimentação”, “Arte de comer”, “Bocca e a comida”, “Distribuição da comida”, “Por que os seus excessos são prejudiciais” e “comida sem mesa”. Os sentidos desses significantes vão se ancorando juntos, ora inscritos numa formação discursiva médica — que encara a alimentação como natural —, ora numa formação discursiva que enxerga o ato de comer como um fenômeno cultural humano, uma arte: essas duas matrizes de sentido discursivizarão a comida brasileira e o sujeito brasileiro, de acordo com nossas análises. Há, na história das ideias, desde o século XVII, uma separação entre dicionários de língua e dicionários enciclopédicos (NUNES, 2007, p.175-176). Enquanto os primeiros funcionam de modo a apresentar um conhecimento — ilusório — sobre a língua, os segundos possuem como ilusão o discorrer sobre as coisas do mundo, a cultura, as ciências e as artes. Por isso, nosso *corpus* se formou por instrumentos linguísticos que instituem uma produção de conhecimento sobre as coisas, sobre ciência, sobre artes e sobre cultura: é o caso das enciclopédias. Esses instrumentos funcionam em uma tentativa de apreensão daquilo que Pêcheux (2006[1983], p.41) chama de “coisas-a-saber”: a falta dos saberes que circulam nas enciclopédias provoca a ilusão de ameaçar a felicidade do sujeito, ainda nos moldes que propõe Pêcheux (Idem). Assim, se um sujeito não está inscrito em uma formação discursiva dominante, em que se produzem os conhecimentos que supostamente todos devem saber, sua felicidade, para a formação ideológica dominante, se mostra ameaçada. As enciclopédias ocupam o lugar de fornecer os sentidos para que esse sujeito pragmático possa satisfazer as necessidades da vida cotidiana, possa *saber aquilo que deve saber*. Consultam-se, nas enciclopédias, verbetes relativos a tudo aquilo que se deseja saber. As *coisas-a-saber* são discursivizadas nas enciclopédias de modo a se mostrarem um saber fechado totalizante; não é à toa que, por exemplo, a *Enciclopédia da mulher* (ABRIL CULTURAL, 1976[1973]), desde a apresentação de sua segunda edição, afirma: “A coleção

propõe-se oferecer às leitoras *tudo* o que elas precisam conhecer sobre o seu papel na sociedade e o *seu pequeno-grande mundo: o lar*” (p.4, *grifos nossos*). O pronome *tudo*, como objeto direto da oração relativa que aparece logo à frente — “que elas precisam conhecer” —, produz esse efeito de totalidade: as mulheres encontram, na coleção lançada pela Abril Cultural, não uma parcela dos conhecimentos necessários para que sejam proficientes em *seu pequeno-grande mundo* (um sintagma nominal que também promove um sentido de integralidade), mas uma completude de coisas-a-saber. Esse é o funcionamento discursivo das enciclopédias. No caso do discurso sobre comida, diz-se dos alimentos, dos ingredientes, de receitas, mas não apenas: para se falar do preparo de cardápios, alguns volumes lançam mão de um discurso sobre a mulher; para se falar da torra da farinha de mandioca, exclui-se o homem de determinadas etapas do processo de preparo; para se falar das refeições, recomendam-se ingredientes considerados mais leves ou mais pesados etc.

Referências bibliográficas

ABRIL CULTURAL. *Enciclopédia da mulher*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1976 [1973].

NUNES, José Horta. Um espaço ético para pensar os instrumentos linguísticos: o caso do dicionário. In: ORLANDI, Eni P. *Política linguística no Brasil*. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto: Formulação e Circulação dos Sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

_____. *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.

_____. *Terra à vista — Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006 [1983].

PÊCHEUX, Michel; HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso. *Linguasagem: Revista eletrônica de popularização científica em ciências da linguagem*,

Tradução de Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. São Carlos, n. 03, p.01-19, out/nov. 2008 [1978]. Mensal. Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao03>>. Acesso em: 26 maio 2011.

O funcionamento do mecanismo de busca *Google*: considerações sobre o discurso eletrônico

FARIA, Daiana (USP/E-I@dis)²⁸
daiafariad@gmail.com

Partimos do pressuposto de que a Internet é um espaço peculiar de (res)significação que muito nos diz sobre a dinâmica da sociedade contemporânea, a qual, segundo TRIVINHO (2005), é conduzida segundo um regime invisível da velocidade tecnológica que funciona como um epicentro descentrado de estruturação da vida humana; descentrado na medida em que a configuração social-histórica contemporânea, impulsionada pela técnica sofisticada, é disposta em rede imaterial planetária (TRIVINHO, 2005). Vemos que a Internet tem representado, de fato, um dos principais motores da sociedade contemporânea, que se coloca diversificada e heterogênea, sendo denominada por alguns como a sociedade em rede (CASTELLS, 2002). No atual estágio da Internet, além de vermos altos índices de difusão, de acesso, de participação, de interação dos sujeitos navegadores, observamos, diante disso tudo, grande parte das relações sociais sendo atravessadas, de alguma forma, pelas Tecnologias de Informação e Comunicação, as chamadas TIC's, e, principalmente, pela *web* e pelo funcionamento do *online*. Temos, com isso, uma (res)significação das formas de interação social, de inscrição do sujeito do/no discurso e, sobretudo, do funcionamento da linguagem, perpassado por configurações outras de tempo e de espaço. No que tange ao tempo, estamos diante de um tempo que “não é mais inteiro, mas indefinidamente fracionado em quantos instantes, instantaneidades, quanto permitem as técnicas de comunicação e de telecomunicação” (VIRILIO, 1999, p.57). No que tange ao espaço, acreditamos que a Internet se estrutura rizomaticamente (DELEUZE, 1995): uma estrutura que considera o heterogêneo como forma de expressão da multiplicidade, desconstruindo linearidades (que a metáfora do

²⁸ Universidade de São Paulo / Mestre / E-I@dis

labirinto comumente utilizada para dizer da Internet pode evocar) e dicotomias, propondo uma estrutura não-hierárquica de trajetos e possibilidades variados (ARAÚJO, 2005). A imagem rizomática da rede pode ser observada a partir das múltiplas possibilidades de inscrições do sujeito do discurso (PÊCHEUX, 2008) – cindido, movente e múltiplo, nesse arduo e plural espaço de (res)significação que é a Internet. É sob essa ótica que pensamos a Internet, não definida por uma forma, por limites extremos, bordas, mas por sua forma rizomática, por seus pontos de convergência e de bifurcação, “um todo aberto, sempre capaz de crescer através de seus nós, por todos os lados e em todas as direções” (KASTRUP, 2004, p.80). Isso posto, propomos análises das discursividades instaladas nesse espaço, observando o funcionamento discursivo do *site* de busca *Google*, por ser o buscador mais difundido entre os usuários. A partir disso, observamos que o *Google*, enquanto buscador mais utilizado, possui algumas especificidades, as quais estão intrinsecamente relacionadas com as marcas discursivas instauradas nesse espaço. As buscas realizadas giraram em torno de Dilma Rousseff e Marina Silva, nomes que já circularam em contextos peculiares da história do Brasil, ocupando posições de forte militância: a primeira nos movimentos de resistência à ditadura militar; e a segunda nos movimentos de contestação aos desagravos sofridos pelos seringueiros. Além disso, ressaltamos que esses nomes estavam inseridos numa conjuntura política também peculiar: a campanha eleitoral de 2010, no Brasil, cenário da primeira eleição democrática com mulheres candidatas à presidência, potencialmente elegíveis. Em particular, selecionamos alguns trechos produzidos por ferramentas auxiliares do mecanismo de busca em questão, o *Google*, para observarmos como essas materialidades específicas, inseridas nessas condições de produção, promovem efeitos de sentidos na rede eletrônica. Para corroborar com as nossas premissas, mobilizamos os pressupostos conceituais da teoria de Análise do Discurso de matriz francesa (PÊCHEUX, 1997), interpretando os modos de produção, constituição e circulação do discurso eletrônico. Propomos observar como os *sites* de pesquisa (o *Google*, particularmente) se ancoram na pretensa ilusão de completude, traço próprio da língua e ainda mais vociferado por tais mecanismos. O funcionamento dessas técnicas de

busca e o ranking de resultados propostos pelos buscadores trazem à tona/tela um conjunto peculiar de enunciados que se engendram sobre a hipótese que os alinham em torno de um tema, aquele buscado pelo usuário, mas que, apesar desses alinhamentos, e diria até agenciamentos, se dispersam. Contudo, ancorados nessa perspectiva teórica, propomos reflexões em torno da materialidade da Internet e das condições de produção do discurso promovido nesse espaço de significação, considerando que os sentidos não são indiferentes à matéria significante. Ao falarmos em discurso, as condições de produção se fazem intrinsecamente relacionadas e entram, deveras, em funcionamento com a linguagem no fluxo da história. Além disso, estando no terreno do discurso, também consideramos o papel desempenhado pela materialidade. Como vimos, estamos diante de uma materialidade diferente: com indícios de matéria, mas que se pauta, na maior parte, no imaterial. Apesar disso, esse é um traço dessa materialidade específica, desse espaço, ou melhor, ciberespaço. Sendo condições de existência desse espaço de significação, observamos que, de fato, a materialidade própria da rede incita efeitos de sentidos que ora convergem com aqueles instaurados por materialidades outras, ora se deslocam, embrenhando-se pelas trilhas rizomáticas do discurso eletrônico. Tudo isso provoca o nosso olhar na direção de indagar sobre o sujeito discursivo, a interpelação ideológica, os retornos e silenciamentos da memória discursiva e, sobretudo, as movências de sentidos nos arquivos discursivos tramados na teia digital.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Denize Correa. Hipertrópole digital: a cibermídia como cidade rizomática. In: LEMOS, André; BERGER, Christa; BARBOSA, Marialva (Orgs.). *Narrativas Midiáticas Contemporâneas*. 1. ed. Livro da XIV Compós, 2005, p. 191-206.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 10-36 (Coleção Trans)

KASTRUP, Virgínia. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In: PARENTE, A. (Org.). *Tramas da Rede: Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi [et al.]. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel; HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso. *Linguasagem: Revista eletrônica de popularização científica em ciências da linguagem*, Tradução de Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. São Carlos, n. 03, p.01-19, out/nov. 2008. Mensal. Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao03>>. Acesso em: 26 maio 2011.

TRIVINHO, Eugênio. Introdução à dromocracia cibercultural. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 28, p. 63-78, dez. 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/artic le/view/3338/2595>>. Acesso em: 25 maio 2011.

VIRILIO, Paul. O resto do tempo. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n.10, p.57-61, jun. 1999.

Arquivo e(m) discurso: efeitos de leitura

FERRAREZI, Ludmila (FAPESP)

Buscamos empreender algumas teorizações sobre o arquivo, especialmente a partir da perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, perscrutando as relações tecidas por entre os nós do discurso que se (des)dobra e se (con)torce a todo momento nos arquivos digitais, como para nos lembrar que a língua não se curva às tentativas de sua contenção, de delimitações de fronteiras rígidas que circunscrevam os sentidos e os espaços possíveis de leitura e significação. Propomos que o caráter múltiplo e frenético dos arquivos discursivos da/na Internet mascara a incompletude que os constitui, silenciando a construção ideológica dos sentidos que faz com que, em determinado arquivo, algumas zonas da memória sejam atualizadas, enquanto outras são apagadas, ainda que, na interatividade da rede, os dizeres postos em circulação por outros sujeitos possam desestabilizar o sentido dominante, instalando um litígio de vozes e discursos na fluidez do grande Arquivo. Isso nos leva a conceber o arquivo como discursos, sentidos em movimento, sendo mais do que informações, (meta)dados ou registros a serem descritos e organizados, devendo, portanto, ser considerados para além de sua esfera textual, instigando-nos a investigar não meramente *o que* ali é dito e disponibilizado, mas *como* isso significa, quais os sentidos que circulam nesse arquivo e que reclamam um gesto de leitura e interpretação em que pesem as relações de força em jogo no tecido sócio-histórico-discursivo. Inferimos que, num contexto em que as fronteiras de tempo e espaço seriam anuladas, atravessadas na velocidade de um clique, amplia-se a ilusão de potência de totalidade do sujeito, que reside no esquecimento de que não se pode ser/ter/dizer/saber tudo, já que tais (im)possibilidades são reguladas (e apagadas) por relações ideológicas de (des)poder. Reconhecemos, assim, a atualidade das reflexões pecheuxtianas, que ganham relevância ao trazerem uma maneira mais profícua de conceber o discurso e o arquivo – e os processos de significação que tomam corpo na chamada “sociedade da informação”.

Michel Pêcheux desenvolveu com afincos e ousadia uma teoria que não se submeteu ao reinante “paradigma de formatação do mundo, das ideias e das coisas” (FERREIRA, 2003, p.39), nem temeu trazer à luz o que era rejeitado por uma perspectiva positivista da língua(gem), abrindo espaço para uma concepção materialista do discurso que traz o sujeito para o centro desse novo cenário, colocando “em causa as evidências da ordem humana como estritamente biossocial” (PÊCHEUX, 2002, p.45). Ao assumirmos a posição de analistas do discurso, somos levados a perscrutar as “mil faces” que são silenciadas de uma palavra pelo mecanismo ideológico de naturalização dos sentidos quando, em determinado contexto sócio-histórico, um deles nos parece o único possível em sua aparente “face neutra”. Sob essa evidência do sentido único apaga-se o caráter material dos sentidos, a historicidade que os sustenta, indicando-nos que o sentido é dado em relação à exterioridade, às posições que o sujeito ocupa para interpretar e construir seu discurso, este entendido, aqui, como um conceito que implica pensar a língua em movimento. É desse lugar teórico que sustentamos uma concepção de discurso que se afasta da noção de transmissão de informação (que suscitaria os sentidos de neutralidade e utilitarismo), compreendendo-o como efeito de sentidos que se constituem de acordo com a sua remissão a uma determinada formação discursiva. Sendo assim, sob a ótica discursiva, consideramos o arquivo flagrando, em sua materialidade linguística, a inscrição histórica dos sentidos, o que nos faz levar em conta a exterioridade e heterogeneidade que constitui, segundo Romão, a “instância de dizer atravessada pelos dizeres de outrem, pela corredeira da linguagem que já tanto passou por terras distantes e carregada de efeitos trazidos de outros contextos sociais” (ROMÃO, 2012). Essa forma de compreender o arquivo diz respeito também àqueles materializados na Internet, levando-nos a refletir sobre as particularidades do suporte digital e da leitura de arquivos dispostos em rede. Na esteira de Romão e Benedetti (2008), podemos pensar a Internet como um grande Arquivo volátil, composto por uma cadeia de arquivos digitais que se comunicam e reorganizam a cada clique no *mouse*, formando uma teia heterogênea de sentidos dados pela memória discursiva. A partir dessa ótica, galgamos uma concepção redutora de arquivo, a qual silencia a sua

constituição ideológica e prevê, no meio eletrônico, uma operação estritamente mecânica de decifração de combinações binárias pela máquina, e dos discursos que elas representam, pelo sujeito.

Referências bibliográficas

FERREIRA, M.C. L. O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil. *Letras*, Santa Maria, n.27, p.39-46, jul./dez. 2003.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3.ed. Campinas: Pontes, 2002.

ROMÃO, L.M.S. Rios de dizer: foz e nascente nas tramas da linguagem. In: ROMÃO, L. M.S.; GALLI, F.C. S.; FERRAREZI, L. (Orgs.). *Cadernos do E-@dis*. São Carlos: Pedro & João, 2012.

ROMÃO, L.M.S.; BENEDETTI, C.R. A navegação do sujeito no discurso jornalístico impresso e eletrônico. *Verso e Reverso*, ano XXII, n.49, 2008.

Disponível em:
<<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/versoereverso/articloe/view/5757/5215>>.

Os sentidos de “mulher” na sociedade atual e o verbetes “mulher” apresentado na língua dicionarizada

FIGUEIREDO, Luan Rodrigues de (UFSM/CORPUS/PET-Letras)²⁹
lua-figueiredo999@hotmail.com

Este estudo está vinculado ao projeto de pesquisa intitulado “Língua, sujeito e história: o gaúcho no processo de dicionarização da Língua Portuguesa no/do Brasil”. Este presente trabalho busca refletir sobre a construção da imagem da mulher brasileira contrastando-a com a construção da imagem da mulher regional gaúcha através da comparação de definições presentes em dicionários tradicionais da língua portuguesa e em dicionários de regionalismos do Rio Grande do Sul, considerando que a circulação de discursos se dá em diferentes condições de produção, que, segundo Orlandi (1999, pag.30), “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação, e ainda a memória. A maneira como a memória ‘aciona’, faz valer as condições de produção, é fundamental.” As condições de produção estão diretamente relacionadas com os lugares ocupados pelos sujeitos e as formações sociais, a historicidade dos sentidos dos distintos dicionários e os lugares institucionais que condicionam a produção. O referido trabalho sustenta-se nos fundamentos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa tal como vem sendo desenvolvida no Brasil nas últimas décadas, especialmente por Eni Orlandi e José Horta Nunes. Os instrumentos linguísticos selecionados são: *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*, de Rui Cardoso Nunes e Zeno Cardoso Nunes, e o *Dicionário de Língua Portuguesa*, de Houaiss. Horta Nunes (2006, pag.11), sobre dicionário, diz que “trata-se de um dos lugares que sustentam as evidências dos sentidos, funcionando como um instrumento de estabilização dos discursos”. No intuito de observar como a construção da imagem da mulher brasileira se dá na sociedade atual em contraponto à mulher que aparece na língua dicionarizada, fizemos, primeiramente, um levantamento de verbetes que designam a

²⁹ Aluna de graduação, sob orientação da Profª Drª Verli Petri da Silveira.

figura feminina. A partir da análise das definições presentes nos verbetes, buscou-se compreender como a exterioridade contribui para a produção de diferentes efeitos de sentidos (desiguais) na formação da imagem da figura feminina brasileira em diferentes dicionários e nas diferentes condições de produção. Os verbetes selecionados foram “prenda”, do *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*, e “mulher”, do *Dicionário de Língua Portuguesa*. Inicia-se, então, a análise do verbete designativo de mulher no dicionário Houaiss. A descrição encontrada é: “Indivíduo do sexo feminino, considerado do ponto de vista das características biológicas, do aspecto ou forma corporal, como tipo representativo de uma determinada região geográfica, época, etc.”. Há outras definições encontradas, como, por exemplo: “Quando deixa de ser virgem”, “companheira conjugal, esposa” e, também, “amante, concubina”. Percebemos que as acepções estão calcadas em características biológicas ou em critérios sócio-culturais, ou seja, o substantivo ou designa a maturação do ser, ou estabelece a posição social desse sujeito mulher. Já no *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*, na designação para o verbete “prenda”, encontramos: “Joia, relíquia, presente de valor. Em sentido figurado, moça gaúcha.” Em tais acepções, percebemos que a figura feminina é descrita, retratada, no âmbito do tradicionalismo gaúcho, de forma idealizada, como um desejo, objeto de cuidados e repleto de valores, um *presente*. Através da análise comparativa entre as descrições dos verbetes, evidencia-se que a mulher da sociedade atual, aquela que vem se libertando cada vez mais de opressões e preconceitos machistas, conquistando autonomia e direitos que antigamente eram incontestáveis reivindicar, não é a mesma mulher que encontramos na língua dicionarizada. O dicionário, como função de objeto discursivo, traz a imagem de uma mulher que ainda possui função social tomada por obrigações que ou estão voltadas para afazeres domésticos (esposa), ou estão determinando uma posição social já definida (amante), ou estão criando uma imagem de um sujeito idealizado (joia). Acreditamos este estudo é de extrema importância, uma vez que o dicionário não é apenas um instrumento de consulta, mas, segundo Horta Nunes (2006), funciona como se fosse um detentor da cultura, é eficaz em descrever a língua e tem um papel

fundamental na reprodução, transformação e circulação dos discursos em uma sociedade.

Referências bibliográficas

HORTA, José Nunes. *Dicionários no Brasil: análise e história*. Campinas: Pontes Editores, 2006.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

NUNES, R. C.; NUNES, Z. C. *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. 3 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso – Princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

Blog: a emergência do efeito-autor

GALLI, Fernanda Correa Silveira (USP/E-I@dis)³⁰
fcs galli@hotmail.com

No atual projeto de pesquisa que venho desenvolvendo sobre “As dobraduras do discurso no espaço digital da internet”, tenho procurado refletir especialmente sobre a escrita e a autoria do/no *blog Outros Cadernos de Saramago*, disponível na página da Fundação José Saramago (<www.josesaramago.org>). Em trabalhos anteriores, procurei pensar o *blog* como um espaço de memória e de atravessamento de vozes, considerando o retorno dos discursos como (re)produção que se dá na e pela diferença. Na presente abordagem, proponho uma reflexão sobre a noção de autoria do/no *blog*, dada a relevância, de meu ponto de vista, de se pensar o conceito nas atuais condições de produção a partir de materialidades que circulam no ciberespaço discursivo que é o *blog*. A partir das contribuições foucaultianas sobre a temática e dos desdobramentos do conceito na perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha francesa pecheuxtiana, busco, então, refletir sobre a autoria do/no *blog* como uma posição-sujeito autor/leitor, o que me parece desmistificar a (im)pressão de unidade que o autor parece carregar, possibilitando a emergência do efeito-autor que, na (des)continuidade discursiva, produz um “novo” efeito de sentido. Destaco que esse estatuto do “novo”, da perspectiva teórica da análise do discurso, diz respeito aos efeitos outros de sentido dos dizeres (saramaguianos) que emergem nas atuais condições de produção – as das chamadas novas tecnologias. É com essa formulação pecheuxtiana de que os discursos retornam, de modo diferente, sempre, que procuro traçar essa reflexão sobre a autoria do/no *blog Outros Cadernos de Saramago*. No início do texto “O que é um autor?”, um registro da apresentação feita à *Société Française de Philosophie*, em 1969, Foucault fala sobre as críticas referentes a algumas questões que apareceram em *As palavras e as*

³⁰ Pós-doc (FFCLRP/USP/E-I@dis/FAPESP).

coisas, procurando justificar que: a) embora tenha citado nomes de autores, não estava preocupado com o que eles tinham dito ou querido dizer, mas seu foco era “encontrar as regras pelas quais eles tinham formado um certo número de conceitos ou de teorias que se podem encontrar em suas obras” (2002, p.32), buscando as recorrências no discurso; b) sobre a formação de famílias monstruosas e a aproximação de nomes tão opostos (como os de Buffon e Lineu, de Cuvier e Darwin), Foucault coloca que a preocupação não era formar famílias de sábios e pensadores dos séculos XVII e XVIII, mas, sim, buscar “as condições de funcionamento de práticas discursivas específicas” (2002, p.32). Foucault segue e aponta que a questão que se põe, de fato, para aquele momento, é a do autor, noção que “constitui um momento forte da individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas...” (2002, p.33). Contudo, Foucault adverte que deixará de lado, ao menos naquela tarde, a análise histórico-sociológica do personagem do autor – não tocará em questões relacionadas à sua individualização numa cultura como a da época, nem proporá uma reflexão em torno do estatuto que foi atribuído ao autor quando do início de pesquisas sobre a autenticidade e a valorização deste. Foucault se debruça, então, sobre a “relação do texto com o autor, a maneira como o texto aponta para essa figura que lhe é exterior e anterior, ao menos na aparência” (2002, p.34). Para tanto, ele parte da seguinte formulação de Beckett: “Que importa quem fala, disse alguém, que importa quem fala?”, e reconhece nessa indiferença um dos princípios éticos fundamentais da escrita contemporânea: “Uma regra imanente, constantemente retomada, nunca completamente aplicada, um princípio que não marca a escrita como resultado, mas a domina como prática” (2002, p.34). Essas considerações parecem apontar para o fato de que não só há textos desprovidos da função-autor, como também essa função se constitui “como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (FOUCAULT, 2003, p.26). Deslocando essa discussão para a perspectiva da análise do discurso francesa, é possível afirmar que a função-autor está sempre em funcionamento, ou seja, o texto não pode ser pensado sem a função-autor. Orlandi (2001), ao abordar a questão da autoria, problematiza e

reelabora a ideia de função-autor proposta por Foucault, (re)definindo-a como uma função discursiva do princípio de autoria. Para a análise do discurso, assim, um “texto pode não ter um autor específico, mas sempre se imputa um autor a ele” (ORLANDI, 2000, p.77). Desse modo, existe na base de todo discurso a concepção totalizante de sujeito, o que o converte em autor, lugar em que, segundo Orlandi (2001, p.73), se constrói a unidade do sujeito – em sua não-contradição, coerência e completude imaginárias –, e, por consequência, para onde se projeta o texto em sua unidade. Contudo, é preciso conceber a unidade na dispersão, já que tanto o próprio do discurso quanto o próprio do sujeito é a incompletude, a dispersão, a heterogeneidade. Ainda sobre a questão da função-autor sob a ótica discursiva, trago as colocações de Gallo, para quem “a elaboração da função-autor consiste, em última análise, na assunção da ‘construção’ de um ‘sentido’ e de um ‘fecho’ organizadores de todo texto” (1992, p.58). O fecho apontado por Gallo me leva a pensar no funcionamento das postagens do/no *blog Outros Cadernos de Saramago* como um (ciber)espaço discursivo em movimento que produz “num só momento o *novo* e sua própria memória”, conforme coloca Baldini (2007, p.3, *grifo meu*), já que “fazer sentido é re-significar o que preexiste e, nesse jogo, produzir a memória que sustenta o sentido novo”, que irrompe do “velho”. E isso parece se dar pelo efeito-autor.

Referências bibliográficas

- BALDINI, L. J. S. *A autoria é algo que se ensina?* In: Anais 16º Congresso de Leitura, Campinas, 2007.
- FOUCAULT, M. O que é um autor? In: FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Trad. Antonio F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 4 ed. Lisboa: Veja Passagens, 2002, p.29-88.
- GALLO, S. L. *Discurso da escrita e ensino*. 2 ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.
- ORLANDI, E. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 3 ed. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, E. *Discurso e Leitura*. 5 ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

Infâncias: investigação das diferentes formas de organização do “discurso sobre” e suas consequências nas práticas sociais atuais

GARCEZ, Marcelo Da Rocha (UFSM/CORPUS)³¹
markgarcez@hotmail.com

O presente trabalho visa estudar a noção de infância, partindo do período iluminista até nossos dias. O sujeito só existe na linguagem, e dela recortamos o discurso. Observa-se, então, uma noção de infância muito diferente com o passar do tempo. Por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a noção de infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade dos pintores (ÁRIES, 1981). É a partir do iluminismo que o período inicial da vida é designado, pois anteriormente os mundos das crianças e dos adultos eram os mesmos. Percebemos que pelo funcionamento da ideologia, pelo movimento dos discursos através da história, pelo modelo econômico, cada vez mais a palavra “infância” apresenta uma condição polissêmica para dar conta de toda produção discursiva *sobre* a infância. Os sentidos estão necessariamente sujeitos ao deslize, havendo sempre um “outro” possível que o constitua (ORLANDI, 2012). O discurso se movimenta e faz movimento. O deslocamento do discurso está enlaçado com o que veio antes, com o que foi dito anteriormente. Petri (2010) aponta para o fato de que o discurso resiste e produz efeitos que ecoam através dos tempos. A noção de infância está ligada às produções discursivas e às variações históricas, culturais e geográficas. Portanto, este trabalho se justifica pela importância de se entender a noção de infância, por apresentar a proposta de analisá-la através das épocas, e por ser uma nova maneira de olhar essa noção e seus efeitos de sentido. As mudanças do discurso sobre a noção de infância estão assujeitadas a alguns movimentos e mecanismos passíveis de serem observados, tais como a ideologia, as formações discursivas, a história, a antropologia, o

³¹ Mestrando, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Verli Petri.

direito, etc. A produção de sentidos e o apagamento convocados do interdiscurso nos possibilitam pensar que a noção de infância sofre influência da memória. Pêcheux (2007) aponta que a memória está presente nos discursos, no implícito, porque o que é discurso hoje está alicerçado no que já foi; por esse motivo, a memória ressurgue, é algo que está ali, reminiscências, ou seja, algumas noções que estão sempre aí fazendo eco na forma de criar, educar e ensinar os pequenos sujeitos. Entendemos que a Análise do Discurso (AD) oferece ferramentas para analisar os diferentes discursos, possibilitando, assim, perceber as mudanças ocorridas através dos tempos, assinalando pontos em comum que persistem, e os que se modificam conforme são convocados do interdiscurso. Orlandi (1999) diz que a análise do discurso não se trata apenas de transmissão de informação, ou da linearidade na disposição dos elementos da comunicação – existe uma relação entre sujeito e sentido afetado pela língua e pela história. A articulação entre Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas (HIL) servirá de base teórico-metodológica e referência para nossa pesquisa sobre a possibilidade dessa articulação. Horta Nunes (2008) observa que o ponto de contato da articulação entre a Análise do Discurso e a História das Ideias Linguísticas reside na visão histórica de ciência. Embora cada uma tenha seus métodos específicos, é no contato entre esses dois domínios e das questões que um coloca ao outro que temos ressonância em ambos. Portanto, transitaremos entre AD e HIL, buscando a noção de infância – nesse caso, a história da palavra “infância” e suas diferentes produções de sentido ao longo do tempo. Nossa metodologia pressupõe uma pesquisa bibliográfica percebendo diferentes materialidades discursivas para análise, dentre elas: textos históricos, cartilhas do MEC, ECA, bibliografia infantil, brinquedos, vestuário, etc. Esperamos, com este trabalho, conseguir analisar as diferentes noções de infância ao longo dos anos, entendendo sua importância desde sua concepção inicial, suas transformações e consequências nos dias atuais. Analisar tal palavra nos permite traçar o funcionamento da ideologia, das formações discursivas e a influência que o modelo econômico exerce na noção de infância.

Referências bibliográficas

HORTA NUNES, José. *Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas*. Letras (UFSM), 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

_____. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

PETRI, Verli. De "garganta do diabo" para "ponte sobre o vale do menino Deus": reflexões acerca das práticas sociais e dos modos de designar o espaço público. *RUA* [online]. no. 16, Volume 1, 2010. ISSN 1413-2109. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>> Acesso em: 11 de agosto de 2012.

Sujeito, corpo e rede (eletrônica)

GIORGENON, Daniela³²
danielagiorgenon@usp.br

Em nossa pesquisa de doutorado, em estado inicial de projeto, intencionamos estudar formações discursivas que circulam na e sobre a rede eletrônica, especificamente sobre os chamamentos/endereçamentos ao/do sujeito e seu corpo à conexão. Pretendemos expor a opacidade dos sentidos atribuídos à conexão a partir dos conceitos de sujeito, corpo, rede discursiva e de outros significantes, provenientes da Análise de Discurso de matriz francesa e da Psicanálise freudiana e lacaniana, assim como de noções de rede advindas de outros campos do saber, como da Cibercultura e da Topologia. Para o momento, levantamos alguns aportes teóricos que nortearão nossa escuta a formações discursivas inscritas em *blogs* (de) brasileiros que tecem sentidos sobre a conexão do sujeito e de seu corpo à rede eletrônica, de modo que este corpo-sujeito, como hipotetizamos, seja peça dessa rede. Tomando o significante como norteador dessa pesquisa, apontamos a polissemia do significante “peça” e levantamos algumas questões: o que esse corpo, esse sujeito navegador, é impelido a pedir/demandar à rede (eletrônica)? O que é pedido/demandado a esse sujeito-corpo a partir da rede (eletrônica)? Para pensarmos sobre essas questões nos pautamos principalmente no conceito de sujeito da psicanálise, no qual Pêcheux (1997) ancora-se para formular o conceito de *sujeito discursivo*. Para a psicanálise, o sujeito se constitui na e pela linguagem na medida em que é falado e desejado por um Outro (LACAN, 1998a, 1998b); assim, o sujeito se insere no campo da palavra pela via da alteridade, constituindo-se e constituindo-a entre (não) desejar e (não) ser desejado. Sujeito fal(t)ante pela intervenção da fissura da linguagem, da castração, do

³² Doutoranda em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo e Pesquisadora do E-I@dis (Laboratório Discursivo: sujeito, rede eletrônica e sentidos em movimentos). Projeto financiado pela FAPESP.

Nome-do-Pai, e que se situa entre o (im)possível de tudo dizer e a possibilidade de algo dizer, ou seja, entre um significante e outro. Freud (1996a) sistematizou o campo do inconsciente ao qual o homem é suscetível, e Lacan formalizou-o com a linguística, apontando a supremacia do significante ao significado, abrindo campo à pluralidade de sentidos. Se “Freud já dissera que tudo dependia da linguagem; Lacan precisa: ‘o discurso do inconsciente é estruturado como uma linguagem’” (ALTHUSSER, 1985, p. 63) e “um significante é o que representa um sujeito para outro significante” (LACAN, 1998b, p. 197). Ancorado nestas concepções, Pêcheux (1997a) formula o sujeito de sua teoria-análise como uma posição no discurso ocupada em dada condição de produção: posição-sujeito que, atravessada pelo recalque de origem inconsciente de não poder tudo dizer e pelo efeito ideológico que condiciona o que pode e deve ser dito, (im)possibilita-lhe filiar-se a certos dizeres. Pêcheux, Freud e Lacan, cada qual a seu modo, refletiram sobre um sujeito de/à linguagem, a qual também constitui o (seu) corpo (LACAN, 1998a; GALLO & ROMÃO, 2011; DIAS, 2008, 2011a, 2011b) e que o insere em redes de discurso, em redes de significantes, textecendo redes de (não) sentidos a cada tomada de palavra e a cada silêncio, já que, ao se dizer (in)certas palavras, o sujeito silencia outras. Rede que é feita de furos, de nós e de fios, como costura Leandro-Ferreira (2008, p. 44) e como tece Pêcheux (1997, p. 134): “fios que se sobrepõem”. Definições que nos impulsionam a furar os sentidos legitimados sobre a rede eletrônica/na rede eletrônica a que se conectam sujeito e corpo, e que se lançam ao desejo de completude, de tudo encontrar, de estar *online* o tempo todo; sentidos que fazem esquecer, obturar o significante “rede” que dá forma de furo (de fios e de nós) ao sujeito, ao corpo e ao eletrônico. Segundo Kastrup (2010), o conceito de rede é originário da topologia, sendo o nó o elemento dela constitutivo. A autora aponta a rede como um todo aberto, que sempre pode crescer, se expandir, o que, a nosso ver, traz a constituição da rede eletrônica, assim como do (nó do) sujeito que (acredita) se espalha(r) em conexões. E entre se constituir e se espalhar (em nós), Romão (2005) assinala que as possibilidades da rede são expostas ao sujeito de um modo que rompe com a linearidade textual, aparentemente não tendo fim, pelo efeito de clicar e de encontrar algo

(novo?), mas que os indícios de completude trazem também o furo do fio discursivo do sujeito que não encontra quem/o que procura, e que se intriga com o que pede à rede. Nessa tessitura, lemos em Castells (2003, p. 7) sua enunciação de que “a Internet é o tecido de nossas vidas”, e nos lançamos ao significante *tecido*, apontando-o como material que compõe o corpo humano, tecido por carne, veias, artérias, rede esta demarcada por Hipócrates na Antiguidade (MASSO, 2010), e por palavras. E nos lançaremos a ler outras tessituras sobre sujeito e corpo na rede eletrônica.

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. *Freud e Lacan. Marx e Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

DIAS, Cristiane. *O digital: cidade, cultura e corpo – a velocidade do mundo*. Campinas: LABEURB/UNICAMP, 2011a.

_____. Corpo-sujeito-máquina-escritura. In: ROMÃO, Lucília Maria Sousa; GALLI, Fernanda Correa Silveira (org). *Rede eletrônica: sentidos e(m) movimento*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2011b. p. 23-36.

_____. *Da corpografia: ensaio sobre a língua escrita na materialidade digital*. Santa Maria: UFSM, PPGL, 2008.

GALLO, Solange Leda; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Corpo e(m) discurso na rede. In: ROMÃO, Lucília Maria Sousa; GALLI, Fernanda Correa Silveira (org). *Rede eletrônica: sentidos e(m) movimento*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2011. p. 13-22.

KASTRUP, Virgínia. A rede: uma figura empírica da ontologia presente. In: PARENTE, André (org). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 80-90.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.

_____. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Tradução de M.D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. A ciranda dos sentidos. In: ROMÃO, Lucília Maria Sousa; GASPAR, Nádea Regina (Org.). *Discurso midiático: sentidos de memória e arquivo*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2008, p. 13-22.

MASSO, Pierre. A filosofia da rede. In: PARENTE, André (Org.). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2010, p.17-38.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997. (Coleção Repertórios.)

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. No país das maravilhas: uma metáfora sobre o dizer na rede. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*, ano 02, n.03, p. 1 - 12. 2005.

Disponível

em:

<http://www.letramagna.com/lucilia_romao%20.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2011.

Discurso e Ideologia: silenciamento de sentidos no prefácio à obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus

GREFF, Luiza B. (UFSM/CORPUS)³³

luizagreff@yahoo.com.br

Este trabalho vem sendo desenvolvido como Projeto de Iniciação Científica orientado pela Prof.^a Dr.^a Amanda Scherer, fazendo parte da linha de pesquisa Língua, Sujeito e História, vinculado ao Laboratório Corpus - Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem (Universidade Federal de Santa Maria), sob o projeto “História e memória: o imaginário sobre a língua do/no Brasil”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul. Através dos estudos que vêm sendo realizados, pretende-se compreender como o gesto de editoração promovido por Audálio Dantas (à época, jornalista na cidade de São Paulo e editor – e idealizador – da obra em questão) sobre a obra *Quarto de Despejo - diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, pode ser visto como um modo de silenciamento do sujeito-autora na composição final da obra. Os argumentos para iniciar tal discussão/investigação são as afirmações feitas por Dantas no prefácio da edição do ano de 1960 publicadas pela editora Paulo de Azevedo LTDA, do livro de Carolina, em que ele explicita ter promovido alterações e elisões do texto em sua versão *original*. Tais alterações são informadas em trechos, tais como: “Depois, selecionei trechos, sem alterar uma palavra, para compor o livro. Explico: Carolina conta o seu dia inteiro, com todos os incidentes, fiel até ao ato de mexer o feijão na panela. A repetição seria inútil” (DANTAS, 1960) ou “Tenho de acrescentar que, em alguns poucos trechos, botei uma ou outra vírgula, para evitar interpretação dúbia de frases. [...] De meu, no livro, há ainda uns pontinhos que aparecem assim (...) e indicam supressão de frases. Quando os pontinhos estão sozinhos, sem (), nos parágrafos, querem dizer que foi suprimido um trecho ou mais de um trecho da

³³ Iniciação Científica (FAPERGS), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Amanda Eloina Scherer.

narrativa original” (DANTAS, 1960). Além disso, há a compreensão do silêncio como um fenômeno que não *fala*, mas que *é*: ele significa por si só, sem necessidade de ser traduzido (ORLANDI, 1997). A questão sobre o gesto de editoração surge no momento em que se lê a obra como discurso de um sujeito descrito em PÊCHEUX (1980) como um “ente social, histórico, ideológico, subjetivo e dotado de natureza psicanalítica”, que busca se significar e significar o mundo em que está inserido e que tem seu caminho atravessado por um outro sujeito na sua posição sujeito editor. Pode-se antecipar que se entenderá esse apropriar-se do discurso como: (1) uma tomada de autoria; e como (2) um processo de silenciamento da voz do sujeito (ORLANDI, 1995). Pode-se antecipar também que o *silêncio* será tomado em sua dimensão política, pois, promovido, é uma forma de fazer dizer outra coisa que não o que estava a ser dito ou de não permitir que se diga – parte da dialética da opressão (ORLANDI, 1997). A partir desses entendimentos, entranham-se discurso e ideologia, inevitavelmente, visto que o processo de silenciamento e tomada de autoria é feito por um sujeito que “fala” de um lugar de poder. Procurar-se-á compreender como se produz esse efeito de silenciamento através do discurso e quais as suas possíveis significações, tendo em vista que essa alteração (elisão) compromete a constituição do discurso, “feita através da memória do dizer do sujeito, das condições de produção” (ORLANDI, 2005), da “Formação Discursiva que domina o sujeito” (PÊCHEUX, 1980) e, por conseguinte, de seus possíveis sentidos. Pretende-se desenvolver o trabalho a partir da leitura e do estudo de referencial teórico concernente a questões de Análise do Discurso de linha francesa, buscando compreender e aprofundar conceitos caros à discussão apresentada inicialmente, tais como Formação Discursiva (PÊCHEUX, 1997), Ideologia (MOUFFE, 1978), Sujeito (PÊCHEUX, 1997), Silenciamento de sentidos (ORLANDI, 1997), entre outros. A base teórica servirá para possibilitar a análise crítica do discurso apresentado no prefácio à obra literária referida anteriormente, a partir das noções de silenciamento e da posição sujeito editor. O trabalho encontra-se em fase de desenvolvimento e cabe fazer constar que, ao longo do estudo, novos questionamentos tem-se apresentado; com isso, surge inevitavelmente a necessidade de novas leituras, novas

discussões e, por conseguinte, a exigência de um referencial teórico em constante expansão.

Referências bibliográficas

DANTAS, Audálio. Nossa irmã carolina - apresentação de Audálio Dantas. In: DE JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Paulo de Azevedo, 1960. p. 5-12.

DE JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Paulo de Azevedo, 1960.

MOUFFE, Chantal. Hegemonía e ideologia em Gramsci. *Revista Arte e Sociedad Ideologia*, n. 5, México, 1978.

ORLANDI, Eni. *As Formas do Silêncio*: No movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. *Discurso e Texto*: Formulação e Circulação dos Sentidos. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

Considerações sobre o prefácio de dois dicionários³⁴

GUERRA, Guilherme Bizzi (UFSM/CORPUS)³⁵
gguerralettras@gmail.com

A partir da chamada Segunda Revolução Tecnológica, apresentada em *A revolução tecnológica da gramatização*, de Sylvain Auroux, percebe-se o grande destaque dado aos instrumentos linguísticos – os dicionários, as gramáticas e os livros didáticos –, embora seja verificado um baixo índice de procura, atualmente, por esses instrumentos que, apesar de serem responsáveis pela produção e circulação de sentidos, são deixados de lado, sobretudo devido ao livre acesso ao mundo virtual. Como exemplo, podemos citar os dicionários, os quais passaram a ser editados em versão *online*. Esse recurso permite ao usuário da internet fazer um uso rápido dele, possível de atender às suas necessidades; por outro lado, tal prática vai levar o usuário a se distanciar do contato com o material impresso e, consequentemente, fazer com que este tenha o seu valor diminuído. Eni Orlandi (2001, p. 8) afirma “ver a Gramática e o Dicionário [...] como partes da relação com a sociedade e com a história [...] partes de um processo em que os sujeitos se constituem em suas relações e tomam parte na construção histórica das formações sociais”, ou seja, as relações entre os sujeitos estão formadas pela circulação de sentidos, através da circulação do discurso nas redes de comunicação e caracterizando, consequentemente, a história de cada grupo social. Ressalta-se que a produção dos sentidos e do discurso está inteiramente fundamentada na relação com os instrumentos linguísticos. Cabe aqui a inquietação proposta por Petri (2010, p. 23): “Quem de nós lê o que está no prefácio do dicionário? Quem de nós reflete sobre a proposta do(s) autor(es)? [...] Quem de nós convida os alunos para refletir sobre isso?”. Assim como Petri (2010) trabalhou para que os prefácios dos

³⁴ Este trabalho foi pensado como trabalho final para a disciplina “História das Ideias Linguísticas”, cursada no I Semestre de 2012.

³⁵ Aluno de Iniciação Científica, sob orientação das Profas. Dras. Verli Petri da Silveira e Zélia Maria Viana Paim.

dicionários não sejam apenas páginas a mais de um volume, páginas que passam em branco, o objetivo principal deste trabalho é, através do viés da História das Ideias Linguísticas, analisar os objetivos do sujeito lexicográfico no prefácio de dois dicionários de diferentes épocas: *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 10ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira, 1960; e *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. Sendo assim, pretendemos, neste trabalho, realizar breves considerações acerca dos dicionários. Após esta introdução, adentraremos aos estudos dos dicionários, tendo como referência as obras de José Horta Nunes e de Sylvain Auroux, e analisaremos como o sujeito lexicográfico pretende trabalhar sua obra a partir da descrição do objeto material (dicionários a serem pesquisados), da circulação e das condições de produção. Este trabalho será desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica e de análise, acrescido de fundamentos teóricos diluídos na produção de escrita crítica. O dicionário “tem sua historicidade: ele se reproduz, se transforma, se renova e se atualiza” (NUNES, 2006, p. 11). Cabe aqui ressaltar um ponto importante: o dicionário, que é um instrumento que comporta a língua de certa nação, só sofrerá a sua transformação mediante a evolução da língua a que está ligado. Ou seja, no momento em que a língua se renova, se atualiza, o dicionário passará por uma transformação. Um bom exemplo disso é a reforma ortográfica de 2008, reforma em que os oito países que têm o português por língua oficial chegam a um consenso sobre o uso de mesmas regras. A língua sofreu alterações – na sua forma escrita – e, conseqüentemente, os dicionários foram atualizados. Em *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, a opção por apresentar brasileirismos fica clara no prefácio. Apesar de não ser possível reconhecer a área geográfica de um brasileirismo, mantém-se o registro como palavra brasileira, não considerando Estado e/ou região. A partir daí, tem-se o sentimento e a vontade de se mostrar como uma nação através de sua língua, uma língua com suas características – com seus *brasileirismos* – mas que tem o poder de unificar Estados, regiões, povos e culturas e de dar forma à “cara brasileira”. No *Minidicionário Houaiss da Língua*

Portuguesa, expõe-se que manter a mesma grafia, através do Acordo Ortográfico, é fundamental para uma boa política de língua. Neste ponto, percebemos como a ideologia cerca até mesmo um instrumento linguístico. No prefácio deste dicionário, o autor deixa explícita a preocupação em se manter o viés pedagógico do dicionário.

Referências bibliográficas

NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: análise e história*. Campinas: Pontes, 2006.

ORLANDI, Eni. *História das Ideias Linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unemat, 2001.

SILVEIRA, Verli de Fátima Petri da. *Um outro olhar sobre o dicionário: a produção de sentidos*. 1. Ed. Santa Maria: UFSM, PPGL – Editores, 2010.

A ditadura militar discursivizada nas fotografias dos jornais *Última Hora* e *Folha de S. Paulo*

LAMPOGLIA, Francis (UFSCar/PPGCTS)³⁶
francidusp@hotmail.com

O presente trabalho estuda o funcionamento discursivo de duas fotografias de capas dos jornais *Última Hora* e *Folha de S. Paulo*, publicadas em primeiro de abril de 1965, e que tratam das comemorações do aniversário de um ano do golpe militar, exemplares esses que se encontram disponíveis no *site* do Arquivo Público do Estado de São Paulo. Para tanto, utilizaremos como embasamento teórico a Análise do Discurso (AD) de matriz francesa fundada por Michel Pêcheux em 1969. Interessa-nos observar o modo como são produzidos efeitos de sentido e de que forma o sujeito se posiciona diante da repressão, da censura e do silêncio. A Análise do Discurso preocupa-se substancialmente com a inscrição histórica dos sentidos e com os modos de constituição, formulação e circulação dos discursos, trabalhando no lugar da interpretação e considerando a relação da linguagem com a história. A AD tem por objetivo destacar os traços dos processos discursivos, “já que esses processos estão na origem da produção dos efeitos de sentido, constituindo-se a língua como lugar material onde se realizam esses efeitos de sentido” (PÊCHEUX *apud* LAGAZZI, 1988, p. 52). O sentido está no vir-a-ser e sempre pode ser outro, já que a linguagem não é uma representação direta do mundo e há a possibilidade de, a cada tomada de palavra, o sentido se desarranjar e ser arranjado de outro modo, dependendo da posição ocupada pelo sujeito. Dessa forma, Orlandi afirma “que a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados. Eles estão sempre se fazendo, havendo um trabalho contínuo, um movimento constante do simbólico e da história. É condição de existência dos sujeitos e dos sentidos:

36 Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade pela Universidade Federal de São Carlos. Integrante do E-l@dis.

constituírem-se na relação tensa entre paráfrase e polissemia” (2005, p. 37). Neste trabalho, compreendemos o sujeito não como o indivíduo empírico, quantificável, mas como interpelado pela ideologia e pelo inconsciente, inserido em um dado contexto sócio-histórico e que enuncia a partir de uma dada posição discursiva. Tais assertivas impedem o analista de se considerar alguém fora da linguagem ou objetivamente blindado frente ao seu objeto, pois ele é sujeito à linguagem e ao funcionamento dela e constrói sentidos a partir de uma posição. Assim, ao enunciar e materializar seu discurso, o sujeito deixa de enunciar outros dizeres e apaga sentidos que a ideologia torna indesejáveis e desprezíveis para ele a partir da posição que ocupa, configurando-se no silêncio constitutivo postulado por Orlandi (2007), “que nos indica que para dizer é preciso não-dizer (uma palavra apaga necessariamente as ‘outras’ palavras)” (ORLANDI, 2007, p. 24). Inferimos, então, que a escolha que o sujeito faz em relação a suas palavras não decorre de um processo ingênuo ou neutro, mas está circunscrita ao campo do ideológico e do político. Desse modo, para poder enunciar, ocupar uma posição no discurso e antecipar-se imaginariamente em relação ao seu interlocutor, o sujeito necessita filiar-se ao já-lá (PÊCHEUX, 1969), ao interdiscurso, isto é, à superfície que sustenta e viabiliza o dizível. Cientes de que o estudo da linguagem se inscreve nas práticas sociais, assim como o estudo do discurso não existe fora da linguagem, já que história e língua se afetam mutuamente, entendemos a relevância de se estudar as capas dos jornais como materialidades discursivas que são atravessadas ideologicamente, marcando o contexto sócio-histórico em que foram produzidas e os efeitos de sentido que emanam das palavras. Os veículos de comunicação de massa, mais precisamente a mídia impressa, como jornais e revistas, possuem um papel mediador entre o leitor e a circulação de sentidos sobre a realidade. Contudo, ao relatar um fato, o sujeito-jornalista o faz de determinada posição discursiva, modulando a narração dos acontecimentos de forma a enquadrar-se nos interesses do jornal, o que denuncia a falácia de que o jornal retrata objetivamente a realidade tal qual ela é. O discurso jornalístico, acrescido do fator tempo, produz um material rico para os estudos da Análise do Discurso de matriz francesa, permitindo o acesso aos

sentidos que circulavam na época da repressão e que produzem ressonâncias até hoje em dizeres presentes na sociedade brasileira.

Referências bibliográficas

LAGAZZI, S. *O desafio de dizer não*. Campinas: Pontes, 1988.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Unicamp, 2007.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In.: GADET, F., HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1993 [1969].

_____. Mises au point et perspective à propos de l'Analyse Automatique du Discours. *Langages* n. 37, Paris, 1975.

O gaúcho do campo e da cidade: diferentes condições de produção em relação ao verbete “gaúcho”

LIMA, Glenda Lima de (UFSM/CORPUS)³⁷
glendaufsm@hotmail.com

Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa “Língua, sujeito e história: o gaúcho no processo de dicionarização da Língua Portuguesa no/do Brasil” e traz reflexões acerca da produção de sentidos sobre o sujeito gaúcho. A questão que norteia esta pesquisa é a de refletir como se dá o imaginário sobre o referido sujeito para diferentes falantes do Rio Grande do Sul (RS), observando de que forma as condições de produção estão fazendo sentido em cada um desses lugares de circulação da língua e como isso é institucionalizado nos dicionários. Vemos o dicionário como discurso, e discurso, segundo Orlandi (2001), é o lugar em que a ideologia e a língua se relacionam. Discurso, portanto, é o funcionamento da língua, história e sujeitos, e é o lugar onde podemos perceber os sentidos e a constituição dos sujeitos, via exterioridade constitutiva. Os sentidos se relacionam com a exterioridade, remetem-se à memória, à circunstância e não dependem de uma pretensa intenção do sujeito. Para que haja sentido, segundo Orlandi (2001), deve haver relação do sujeito com a língua e com a história, e a ideologia intervém nessa relação para o funcionamento do imaginário. É pela ideologia que há a constituição das imagens e do sujeito. A imagem que o sujeito passa é constituída historicamente, e o imaginário condiciona os sujeitos. O sentido muda dependendo de como os interlocutores se relacionam com a palavra, de como é sua ideologia, sua história. Diante disso, temos como objetivo entrevistar dois diferentes falantes do RS: o gaúcho do campo e o da cidade, a fim de refletir sobre a produção de sentidos que circulam em diferentes lugares da língua falada sobre o verbete

³⁷ Aluna de Iniciação Científica. Bolsista FIPE/UFSM. Acadêmica do 5º semestre de Licenciatura em Letras - Português da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora orientadora: Profª Drª Verli Petri da Silveira.

“gaúcho” e verificar se esses verbetes se assemelham ou se diferenciam dos que estão colocados no dicionário. De acordo com a Análise do Discurso de linha francesa, tal como foi concebida por Michel Pêcheux e vem sendo desenvolvida no Brasil, nas últimas décadas, por Eni Orlandi e pelos princípios metodológicos propostos por José Horta Nunes (2006) em seus estudos sobre os dicionários no Brasil, desenvolve-se, neste trabalho, uma análise comparativa e discursiva entre o que está posto no dicionário e o que se observa nas entrevistas realizadas, com o objetivo de verificar possíveis aproximações ou distanciamentos entre uma imagem de gaúcho e outra. Tomamos para estudo o dicionário de regionalismo do RS de Zeno Cardoso Nunes, de 1984, e duas entrevistas realizadas com diferentes sujeitos falantes do RS. As duas entrevistas foram mediadas pela seguinte pergunta: “O que significa ‘gaúcho’?”. Para tanto, cada um falou como entende e define o “ser gaúcho”. Em seguida, analisamos as respostas, a partir das quais obtivemos um resultado bastante diferente: o gaúcho falante do campo apresentou o “gaúcho” como “aquele que conhece, preserva e respeita os valores da sua terra; não tem medo de ‘chuva brava’; tem habilidade e conhecimento na lida campeira e grande orgulho por fazer parte da história, cultura e costumes do RS”. O gaúcho falante da cidade apresentou o “gaúcho” como “aquele que representa o ser ‘gaúcho’ através de roupas típicas da região, ou, ainda, frequenta constantemente o Centro de Tradições Gaúchas”. Depois de compararmos uma resposta com a outra, também fizemos uma comparação com o que está escrito no dicionário regionalista de Nunes (1984), o qual apresenta o “gaúcho” do século XIX em diante da seguinte forma: “Homem digno, batalhador, independente, bravo, patriota, valente, valoroso, leal, hospitaleiro; ou ainda, habitante do RS, dedicado à vida pastoril, perfeito manejador de cavalos e conhecedor das lidas campeiras”. Com isso, observamos que o gaúcho falante do campo enaltece a questão dos valores, dando ênfase ao que lhe é interior, à importância de ser “gaúcho”, aproximando-se, então, entre outras palavras de mesmo sentido, com o que está escrito no dicionário regionalista, como por exemplo: “Não tem medo de chuva brava”. Em relação ao dicionário, iguala-se a “valente e batalhador”. Já o gaúcho falante da cidade se distancia

completamente do que está escrito no dicionário regionalista. Enxerga e caracteriza o ser “gaúcho” de uma forma extremamente física e figurante, como por exemplo, quando diz “representam o ser ‘gaúcho’, através de roupas típicas da região”. Desse modo, a primeira hipótese que norteou nossa pesquisa com os falantes gaúchos entrevistados foi a de que, mesmo os dois fazendo parte de uma mesma cultura, não necessariamente seguiram uma mesma tradição; logo, a imagem que cada um apresentaria sobre o gaúcho teria diferentes sentidos. A segunda hipótese, ligada à primeira, nos mostra que os sentidos postos nos dicionários nem sempre irão corresponder àqueles que estão na língua em funcionamento, visto que, segundo Petri (2010), a língua está sujeita ao equívoco, e os sentidos poderão ser outros. Desse modo, a primeira conclusão a que se pode chegar é a de que a língua não está pronta, completa, só porque está no dicionário; ela, outrossim, está sempre em movimento. Assim sendo, há construções de diferentes representações de gaúcho.

Referências bibliográficas

NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. Campinas, SP: Pontes Editores – São Paulo, SP: Fapesp – São José do Rio Preto, SP: Faperp, 2006.

ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2001

PETRI, Verli. *Um outro olhar sobre o dicionário*. Santa Maria, RS. Agosto 2010

Dicionário utilizado como objetos de análise:

Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul. NUNES, Z.C. 2 ed. Porto Alegre, RS: Martins Livreiro, 1984.

Uma perspectiva discursiva sobre a imagem do sujeito- -professor constitutiva no processo de disciplinarização do Estágio Supervisionado nos Cursos de Letras

LINCK, Ieda Márcia Donati (UFSM/CORPUS)³⁸

imdlinck@gmail.com

Em nossa pesquisa de tese, buscamos compreender os efeitos de sentidos inscritos na constituição do discurso sobre o sujeito-professor na implantação dos estágios supervisionados obrigatórios nos Cursos de Letras no Brasil, a partir das relações de formações imaginárias pensadas por Pêcheux (1993 [1975]). Como analistas da perspectiva discursiva, não estamos à procura de um sentido, mas do processo que o constituiu. Tomamos como base teórica a Análise do Discurso (AD) de linha pecheutiana, tal como vem sendo desenvolvida no Brasil, na sua articulação com a História das Ideias Linguísticas (HIL). Entendemos, com Nunes (2008, p. 109), que a “AD e a HIL têm seus métodos específicos, mas, a partir do contato entre esses dois domínios e das questões que um coloca ao outro, temos ressonâncias tanto em uma quanto em outra direção”. Apoiamo-nos em Scherer (2005), para quem a história das disciplinas pode ser efetuada a partir de textos instrucionais; publicações (boletins informativos de associações de professores, revistas dessas associações, anais de congressos, ementários universitários); manuscritos de cursos e materiais de ensino, como manuais e gramáticas, entre outros. Ainda nesse sentido, Scherer e Brum de Paula (2002, p. 125) apontam que “a história de uma disciplina tem sua origem, de um lado, na história das ideias e, de outro lado, na história das instituições que ajudaram a constituí-la”. Importante a destacar nesse percurso é o modo como uma disciplina se estabelece no contexto universitário, a partir de materiais que são significativos na dimensão de sua difusão. A partir do percurso já feito, entendemos que o documento oficializa o dizer do/sobre o professor, pautado em um já dito que se insere em uma rede de filiações

³⁸ Doutoranda, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Amanda Eloina Scherer.

determinadas historicamente, e articulado ao complexo de formações ideológicas, sendo que alguma coisa fala antes, em outro lugar, independentemente. O interdiscurso foi concebido inicialmente por Pêcheux (1995, p. 162) como o “‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas [...] submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação” que caracteriza a Formação Ideológica (FI). O interdiscurso constitui-se como um lugar onde todos os sentidos estão, mas só vão significar quando convocados por uma determinada Formação Discursiva (FD). Pêcheux denomina “formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina ‘o que pode e deve ser dito’” (1995, p. 160). Nessa filiação, consideramos que o processo de disciplinarização não se inscreve em um período de tempo com datas fechadas, pois o conhecimento se inscreve em um horizonte de retrospectção e também projeta um horizonte de projeção (AUROUX, 1992). Mobilizamos também a noção de memória discursiva (interdiscurso) (ORLANDI, 2008), para investigar como determinados dizeres sobre o sujeito-professor são significados, retomados e ressignificados na constituição dos saberes que ressoam e permeiam a constituição da disciplinarização do Estágio Supervisionado. Uma vez que nosso trabalho se inscreve também no campo de estudos da História das Ideias Linguísticas, entendemos que “o ato de saber (a produção de conhecimento) não é ele mesmo algo sem relação com a temporalidade” (AUROUX, 2008, p. 141). Tendo em vista a noção de arquivo do ponto de vista discursivo, nosso percurso de análise se faz a partir de um arquivo documental-oficial constituído de leis, diretrizes, resoluções normativas e pareceres que determinam, asseguram, sustentam e normatizam a implantação do estágio supervisionado, nos Cursos de Letras, voltado à formação de professores de Língua Portuguesa. O arquivo de nossa tese será constituído por documentos oficiais, considerando que esses estão inseridos em “um domínio vasto e ainda pouco explorado para a história das disciplinas” (SCHERER, 2005, p. 14), sendo eles: Lei Nº 11.788; Lei 4024/61; Lei nº 5.540/68; Lei 5.692/71; Lei nº 7.044/82; Lei 9394/96-LDB; PCNs de Língua Portuguesa/1998; Parecer CNE/CES nº 492/2001; Resolução CNE/CES

nº 18/ 2002; Parecer CNE/CES nº 223/2006; Parecer CNE/CES nº 83/2007; e a Lei Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, os quais definem, nomeiam, regularizam e normatizam a prática do estágio supervisionado obrigatório. Na organização do *corpus* analítico, construímos recortes discursivos que obedecem aos critérios teóricos, pois, segundo Orlandi (2007, p. 62), “a delimitação do corpus não segue critérios empíricos (positivistas), mas teóricos”. Cada recorte constitui uma unidade de análise, resultante de gestos de interpretação e construção teórica. Os recortes selecionados a partir da regularidade linguística apontam para o funcionamento de diferentes enunciados discursivos, as condições de produção e os aspectos relacionados à historicidade, ideologicamente constituídos.

Referências bibliográficas

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas, SP: UNICAMP, 1992.

_____. *A questão da cientificidade das línguas*, seguido de A historicidade das ciências. Campinas: Editora RG, 2008.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2007.

_____. *Discurso e texto: formulação e articulação dos sentidos*. Campinas, Pontes 2005.

_____. *Língua e conhecimento linguístico; para uma história das Ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

NUNES, José Horta. Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas. *Letras*, Santa Maria, n. 37, p. 107-124, 2008.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In GADET, F.; HAK, T (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993 [1975].

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2 ed. Campinas: Pontes, 1995.

SCHERER, A. E. Linguística no sul: estudo das ideias e organização da memória. In: BRUM DE PAULA, M. R.; GUIMARÃES, E. (Orgs.). *Sentido e Memória*. Campinas: Pontes, PROCAD/CAPES, 2005.

SCHERER, A. E & BRUM DE PAULA, M. R. *Memória e história das idéias: o ensino do francês no RS do fim do século XIX ao início do século XX*. In: ORLANDI, E. P. E GUIMARÃES, E. (Orgs.). *Institucionalização dos estudos da linguagem*. A disciplinarização das ideias linguísticas. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.

O discurso transverso na revista *Veja*: uma análise das orações subordinadas adjetivas e das apositivas

LUNKES, Fernanda (UFF/CNPq/LAS)³⁹
flunkes@gmail.com

O presente trabalho integra uma pesquisa de doutorado em andamento, que está sob a orientação da professora Dra. Bethania Mariani, e que conta com auxílio do CNPq. De modo amplo, a pesquisa, cujo embasamento teórico-metodológico é a Análise do Discurso franco-brasileira (PÊCHEUX; ORLANDI; MARIANI), tem como objetivo analisar o discurso da revista *Veja*, de 1968 a 2010, em matérias que tratam sobre depressão e/ou sobre tranquilizantes e antidepressivos/tratamentos, e compreender alguns dos sentidos que são produzidos sobre o sujeito com depressão, os medicamentos e a depressão. Tal estudo se justifica por diversos fatores: a depressão já é considerada um “mal do século”; dados divulgados em 2009 pela Organização Mundial de Saúde estimam que nos próximos 20 anos esta será a doença mais comum do mundo e ultrapassará o câncer e as doenças cardíacas. A depressão, no entanto, é mote de polêmicas discursivas, pois, por um lado, há uma prática discursiva hegemônica a respeito do tratamento a partir de medicamentos cujas vendas, com índices altíssimos, garantem lucros estrondosos às indústrias farmacêuticas; por outro, vários profissionais de saúde, como médicos, psicanalistas, psiquiatras, vêm questionando esses índices e denunciando que está havendo, em relação a medicamentos psicotrópicos, não só um uso excessivo, mas também dispensável. Portanto, é necessário, a meu ver, que se compreenda como esses discursos sobre depressão e medicamentos comparecem em uma revista como a *Veja*, a mais vendida e lida no país (SCALZO, 2008), para que se possa compreender as filiações ideológicas da revista no que tange a um dos maiores problemas contemporâneos de saúde pública. Na pesquisa, as análises se voltam à materialidade verbal e não-verbal

³⁹ Doutoranda, sob orientação da Profª Drª Bethania Mariani.

da revista. As análises que estão sendo desenvolvidas na pesquisa buscam compreender os sentidos que os títulos e os subtítulos das matérias produzem, os sentidos sobre as designações para a depressão e para os sujeitos, como a revista aborda a Psicanálise em suas matérias, e outras questões que ainda estão em construção para posteriormente serem desenvolvidas. Também são analisadas as imagens que aparecem nas matérias, e nelas busco compreender como está sendo abordado o corpo do sujeito deprimido, que imaginário(s) sobre o corpo, sobre o sujeito e sobre a depressão está(ão) sendo construído(s). Para a análise, também foi-se mostrando de grande relevância, e cujos resultados preliminares serão o foco desta apresentação, as orações subordinadas adjetivas e as orações apositivas. Meu objetivo é compreender como elas funcionam e que sentidos produzem. Elas comparecem principalmente em enunciados que abordam os medicamentos. Pêcheux (2009 [1988]) e Henry (1992) dedicaram-se profundamente ao estudo desses aspectos no discurso por entenderem que esse “encaixe sintático” não se dá de modo neutro. A esse encaixe, Henry e Pêcheux designaram como “pré-construído”, ou seja, “para designar o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado” (Idem, p. 89). Em outras palavras, há um funcionamento ideológico, cujo modo de mobilização mereceu amplos estudos por parte destes autores. Para Pêcheux, deve-se considerar que nesse tipo de oração há “*separação, distância, ou discrepância na frase entre o que é pensado antes, em outro lugar ou independentemente, e o que está contido na afirmação global da frase*” (Ibidem, p. 88-9, *grifos do original*). No trabalho, as orações apositivas comparecem com mais frequência que as subordinadas adjetivas, mas nossa hipótese é a de que elas colocam também em funcionamento o que Pêcheux chamou de “retorno do saber ao pensamento”, o que torna possível ao analista compreender algumas inscrições ideológicas do sujeito no discurso. A análise preliminar do *corpus* com as sequências discursivas com as orações subordinadas adjetivas e as orações apositivas aponta para um funcionamento cujo sentido se dá de modo a vender um produto. Mais do que informar sobre um medicamento, nelas é possível compreender que ali se

mostra um discurso publicitário sobre o medicamento, filiando a revista numa formação discursiva de mercado, cuja notícia, mais do que informar, vende um produto. O encaixe das orações subordinadas e apositivas atua como uma “verdade” sobre um medicamento, como aquilo que todos sabem sobre o medicamento X, como aquilo que seria óbvio sobre um determinado medicamento. Os adjetivos e as assertivas feitas sobre os medicamentos, relacionados às vendas e à eficácia destes, colocam o medicamento como o grande personagem das matérias.

Referências bibliográficas

HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Tradução de Maria Fausta de Castro. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

ORLANDI, Eni. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. 3. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

A representação do professor frente aos conceitos estabelecidos pelos alunos⁴⁰

MALLET, Paola (UFSM)⁴¹

paolamallet@bol.com.br

Este trabalho tem como objeto de estudo a análise de representações do professor para os alunos de uma turma de sexto ano na Escola Estadual de Educação Básica Augusto Ruschi (Santa Maria/RS). O embasamento teórico está fundamentado nos autores inseridos no Interacionismo Sociodiscursivo, mais especificamente nos estudos teóricos de Vygotsky (2004, 2009). Além desses, Irandé Antunes (2003) é utilizada para complementar o estudo sobre as produções escritas, uma vez que a partir destas é que os dados de análise serão coletados para a presente pesquisa. Nesse estudo, pretende-se analisar representações do professor para os alunos de uma turma de sexto ano, a fim de descobrir como a *figura* do professor é vista pelos seus respectivos alunos e tentar encontrar alternativas para o estabelecimento de relações positivas e pacíficas entre eles, pois, desse modo, a pesquisa estará contribuindo para o trabalho do docente acerca da compreensão de seus alunos. O *corpus* estudado constitui-se de 25 redações feitas pelos alunos, respondendo à seguinte pergunta: “O que é ser professor para você?”. Essas redações foram analisadas primeiramente como um todo, tentando compreender os aspectos predominantes nessas amostras, buscando delinear semelhanças nos textos e tentando procurar os principais argumentos que respondem à citada questão. No segundo passo, foram feitas mediações entre as produções escritas dos discentes com as teorias que sustentam esta pesquisa. Por fim, no terceiro passo, identificamos as representações a respeito do papel do professor. Após a realização dos passos I e II,

⁴⁰ Trabalho apresentado na disciplina “Núcleo de Estudos Linguísticos” do Curso de Letras - Português da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

⁴¹ Aluna de Iniciação Científica. Acadêmica do 6.º semestre do curso de licenciatura de Letras - Português e Literaturas da Língua Portuguesa. Professora orientadora: Profª Drª Verli Petri da Silveira.

descritos na metodologia, o material coletado foi dividido em três categorias: i) *a representação do professor pelos valores*; ii) *a representação do professor pelas atitudes*; e iii) *a representação do professor pela aprendizagem*. A primeira categoria é composta pelas seguintes características atribuídas ao professor: ser respeitoso com seus alunos e ensiná-los a ter respeito; ser responsável pela turma inteira e ter responsabilidade de preparar os exercícios, aprovar e reprovar os alunos; ensinar os alunos a sentar corretamente, prepará-los para o futuro e repassar os valores da vida. A segunda categoria compõe-se pelos seguintes atributos: ser professor é dar conselhos, ideias, sugestões e elogios; ser professor é ser legal, sorridente, paciente e sincero; é se importar com seus alunos e manter um diálogo constante com eles. Na última categoria, foram inseridos os seguintes elementos: ser professor é ensinar e aprender com seus alunos coisas novas; é ler os textos dos alunos e verificar se estão escritos corretamente e se há sentido neles; é transformar pequenas crianças em grandes adultos inteligentes; é ensinar coisas que servirão para a vida toda. A partir das produções escritas dos alunos da turma de 6º ano da Escola Augusto Ruschi, foi possível delinear a representação do professor através de três eixos: valor, atitude e aprendizagem. Os alunos mostraram saber, em suas redações, o papel que o docente exerce na sociedade, uma vez que ele é o principal responsável pela educação em nosso país. Esses alunos buscam aquele professor que, ao mesmo tempo, é responsável e respeitoso, também companheiro, que revela características como: ser alegre, simpático, sincero e preocupado com as aprendizagens. Além disso, o professor não deve apenas ensinar, mas também aprender, pois o ambiente escolar é o lugar de trocas, de reciprocidade e de intensa e permanente integração. O estudo dessa representação docente é importante para contribuir no trabalho em sala de aula, pois, ao compreendermos os alunos, poderemos tentar buscar alternativas para pacificar a relação docente/discente, esta que anda tão difícil nos dias de hoje.

Referências bibliográficas

ANTUNES, I. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

Que discursos sobre o "Gaúcho" circulam em instrumentos linguísticos que funcionam no ensino/aprendizagem de História?

MARTINS, Patrícia Gaier (UFSM)⁴²
patygaier@hotmail.com

A formação identitária do sujeito gaúcho não é nem nunca foi uma questão estanque. Há séculos havia, nos relatos históricos, vários discursos que pretendiam afirmar o gaúcho pela bravura, pelo tino guerreiro e pela voz de comando. Historiadores da atualidade tentam desmitificar essa visão, colocando este sujeito (do passado) como um pária, à margem da sociedade (BRAZ, 2000). Consideramos essas duas visões, que estabelecem um espaço de litígio para a circulação das imagens de gaúcho, como ponto de partida para nossa pesquisa, uma vez que há, pelo menos, dois discursos sobre o gaúcho instaurados nas materialidades que fazem da História uma disciplina. Contudo, não intentamos, aqui, eleger o correto ou o mais aceitável, mas, a partir da perspectiva teórica e metodológica da Análise de Discurso (AD) de escola francesa pecheutiana, e como vem sendo desenvolvida no Brasil por Orlandi, propomo-nos a investigar a produção e a circulação de sentidos nos discursos da História do Brasil, mais especificamente naqueles que dizem da Revolução Farroupilha. Nossas primeiras pesquisas indicam que tal fato histórico aparece narrado em diferentes épocas e em diferentes instrumentos linguísticos, dentre os quais selecionamos o livro didático e a enciclopédia. Ainda é importante ressaltar que esta pesquisa está vinculada a um projeto maior, coordenado pela professora Dr.^a Verli Petri, intitulado “Língua, sujeito e história: o gaúcho no processo de dicionarização da Língua Portuguesa no/do Brasil”. O objetivo geral da nossa pesquisa é analisar, de forma comparativa, como os discursos históricos descrevem o sujeito gaúcho em livros didáticos e enciclopédias; para isso, selecionamos estes

⁴² Orientanda de Iniciação Científica, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Verli Petri da Silveira, e bolsista do Programa de Educação Tutorial - Letras do Laboratório Corpus.

instrumentos linguísticos via elementos lexicais utilizados para adjetivar este sujeito. Assim, almejamos estudar tais discursos, mobilizando conceitos básicos da Análise de Discurso, como sujeito, ideologia, história, condições de produção, efeito de sentidos e interdiscurso. Nosso *corpus* de análise constitui-se de três livros didáticos de História e uma enciclopédia: *História: das cavernas ao terceiro milênio* (2002), de Mota & Braick, *História do Brasil: do descobrimento à abdicação* (2007) e *História do Brasil: império e república* (2001), de Fernandes, Annarumma & Barreto, e, finalmente, um capítulo do primeiro volume da *Enciclopédia Rio-Grandense* (1968), de Walter Spalding. Neles, iremos analisar, de forma comparativa, como a história é contada, o que se mantém e o que se perde nesses discursos; também, como a imagem do sujeito gaúcho é construída nesse espaço de litígios, aproximações e diferenças. O projeto se encontra na fase de levantamento dos elementos lexicais utilizados para adjetivar o sujeito gaúcho. Nesse sentido, o que pôde ser verificado nos livros da História no Brasil produzidos no Rio de Janeiro é que a Revolução Farroupilha não aparece no discurso histórico. Pretende-se, assim, analisar que ideologia atravessa os discursos produzidos neste local, uma vez que, para a AD, o sujeito é dotado de inconsciente e afetado pela ideologia, em que os elementos exteriores são constitutivos do sentido no discurso. Já em Mota & Braick, publicado em São Paulo, há um breve relato do acontecimento em um capítulo intitulado “Revolta dos farrapos”, o que *pede* outra análise, pois a troca do vocábulo “revolução” por “revolta” nos direciona a outros sentidos. Ainda neste primeiro livro analisado, há presença de juízo de valor. Exemplo disso é a expressão “*poderosos* pecuaristas gaúchos”, exprimindo uma única imagem de gaúcho, que vai se opor ao discurso da enciclopédia. A enciclopédia, diferentemente do livro didático, apresenta um longo discurso histórico, produzido no Rio Grande do Sul, em que há certa exaltação do gaúcho, encontrada nas seguintes adjetivações/afirmações: “*prestigiosos* chefes liberais”, “*ato de inqualificável leviandade* do govêrno da Regência”, “*perseguições e contínuas preterições* do govêrno central”, “*lutou heroicamente*”, entre outras. Assim, percebe-se a produção e circulação de sentidos em livros didáticos e enciclopédias, pois o sujeito que produz o discurso é

tomado por uma ou várias ideologias que o direcionam a uma visão ou outra em relação ao sujeito gaúcho. São estas diferenças e aproximações que instituem diferentes imagens de gaúcho nos instrumentos linguísticos, conduzindo várias gerações por uma caminhada identitária ainda marcada pelo litígio. Enfim, nossa pesquisa, ainda inicial, persegue estas marcas linguístico-discursivas para melhor compreendê-las.

Referências bibliográficas

- BRAZ, E. M. *Manifesto gaúcho*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.
- FERNANDES, A. D.; ANNARUMMA, N.; BARRETO, W. R. *História do Brasil: do descobrimento à abdicação*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2007.
- _____. *História do Brasil: império e república*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.
- MOTA, M. B.; BRAICK, P. R. *História: das cavernas ao terceiro milênio*. São Paulo: Moderna, 2002.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2007.
- SPALDING, W. A revolução farroupilha. In: *Enciclopédia Rio-Grandense*. Volume 1. Porto Alegre: Sulina Editora, 1968.

Escola e racismo: uma abordagem discursiva sobre livros didáticos de História

MATHIAS NETTO, Mário Sérgio (UFF/LAS)

Abdala.netto@hotmail.com

Este trabalho é resultado de pesquisa sobre um dos efeitos produzidos pela sanção da lei 10.639 que, a partir de 2003, tornou obrigatória a inclusão de temas relacionados, especificamente, à história e à cultura afro-brasileira, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): a produção de livros didáticos de História voltados exclusivamente para o estudo da história e cultura afro-brasileira em salas de aula em todo o território nacional, como forma de combate ao racismo no Brasil. Entendemos haver no tratamento dado à questão do racismo, no Brasil, uma postura paradoxal do Estado brasileiro. Postura essa que estabelece, como um de seus desdobramentos fundamentais, a produção da evidência de sentido de que experimentamos – no Brasil – uma democracia racial (todos somos brasileiros e iguais perante a lei). Consideramos também que a evidência da democracia racial implica na produção de uma outra evidência, a de que o racismo, no Brasil, se restringe a uma prática individual, residual, isolada, e, por isso mesmo, combatível, até a sanção da lei 10.639/03, com sanções de leis penais que consideramos apenas garantir a inibição de atitudes individuais de racismo, sem, de fato, atingir o questionamento sobre o que o constitui e assegura sua existência. Veja-se os inúmeros relatos que colhemos, ao longo dos últimos dois anos, de falas racistas em circulação no interior das duas escolas públicas que atuamos como professor. São falas que, de certa maneira, nos convocaram para a elaboração deste trabalho. Com a lei 10.639/03, desloca-se a atuação do Estado para uma intervenção ao racismo via escola. E foi justamente a relação entre racismo e escola a que elegemos para abordar a questão racial no Brasil. Nosso intuito é o de questionar a efetiva ação da lei 10.639/03 sobre as evidências de sentido produzidas, historicamente, sobre a África e o negro, a partir das quais, visceralmente, se condicionam e se fortalecem as existências sociais de posições ideológicas racistas com

as quais os sujeitos se identificam para (re)produzirem seus dizeres. Com o auxílio teórico da Análise do Discurso, tal como é formulada por Pêcheux, na França, e Orlandi, no Brasil, este trabalho propõe, a partir da análise de sequências discursivas recortadas do texto da apresentação e do sumário da obra *História e cultura africana e afro-brasileira*, de Nei Lopes, questionar até que ponto esta obra representa, enquanto desdobramento da lei 10.636/03, um movimento na direção de um efetivo combate ao racismo no Brasil. Entendendo, da perspectiva discursiva, que as palavras assumem diferentes efeitos de sentido, quando enunciadas do interior de diferentes formações discursivas, a análise, ao longo de seu percurso, demonstra que, da posição-sujeito africanista, os referentes “África” e “negro” assumem efeitos de sentido diversos – e antagônicos – daqueles produzidos do interior de uma formação discursiva eurocêntrica, em que autores de livros tradicionais de História ocupam uma posição-sujeito para narrar a história (oficial) do Brasil. Em luta, esses sentidos concorrem para se estabelecerem hegemonicamente. E o fato de que a contribuição dos povos africanos à formação do Brasil – como preza o Art. 26 da lei 10.639 – só possa ser formulada em uma edição à parte daquela – oficialmente – destinada ao estudo de história geral e do Brasil em sala de aula demonstra o limite de atuação da lei em questão, além do paradoxo que constitui a sua sanção. Em suma, verificamos haver tanto no silenciamento da África e da contribuição dos povos negros para a formação do Brasil – na perspectiva de uma história oficial eurocêntrica –, quanto na necessidade de constituição de uma identidade negra – na perspectiva do ativista africanista – não um movimento na direção da superação do racismo, mas, antes, um movimento que vai na direção de seu acirramento.

Dizeres de língua nacional nos anos 1920: Amadeu Amaral e Antenor Nascentes

MATTOS, Thiago (UFF/FAPERJ/LAS)⁴³
thiago_loc@yahoo.com.br

Este trabalho integra a pesquisa *Dizeres de língua nacional nos anos 1920: entre o literato e o filólogo*, iniciada em setembro de 2011 com apoio da FAPERJ e sob orientação da Prof.^a Dr.^a Vanise Medeiros (UFF/FAPERJ/LAS). A pesquisa, partindo de duas obras fundamentais para os estudos dialetológicos no Brasil (*O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, e *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes), busca identificar posições-sujeito, formações discursivas e memórias discursivas que comparecem no discurso do filólogo da década de 1920 no que diz respeito à língua do/no Brasil: que impacto terão para o imaginário de língua daquele momento e, mais e principalmente, para o próprio imaginário acerca do falar do brasileiro?; de que modo essas duas obras se tocam e se relacionam (em confronto ou em aliança), projetando uma discursividade sobre língua do/no Brasil? Tendo em mãos as produções textuais desses dois lugares de fala, pretendemos analisar os discursos da década de 1920 (surgidos em grande medida colados aos eixos definidores da Semana de Arte Moderna) no que dizem respeito a posições e olhares assumidos sobre a língua do/no Brasil. Num primeiro momento, detivemo-nos sobre *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, ali identificando uma posição-sujeito em grande medida alinhada com o sujeito lusitano, significando a língua do/no Brasil como da ordem do erro, do desvio, da deturpação – em relação a uma língua materna, a uma língua matriz de natureza puramente portuguesa, lugar de estruturas legítimas e estáveis, lugar da alta literatura e da escrita. Concluímos que *O dialeto caipira* constitui, com efeito, um discurso fundador e um acontecimento linguístico: consideramos como um acontecimento linguístico em função da tensão da nomeação – por um lado, o gesto de nomear e demarcar consiste

⁴³ Pesquisador de Iniciação Científica, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Vanise Medeiros.

em um acontecimento na língua, por outro, este não acontece sem a tensa memória da língua do colonizador –; e consideramos como um discurso fundador na medida em que se funda com Amaral um lugar dentro e fora da língua – dentro, na medida em se põe como parte de outra língua (no caso, corrompida), fora, na medida em que é parte que não se quer nem deve falar (erro a ser evitado e que irá terminar com a colonização branca chegando). Tal é a posição ocupada por Amadeu Amaral. Sendo assim, ao debruçarmo-nos sobre *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes (momento atual de nossa pesquisa), torna-se impossível não nos perguntarmos em que medida não comparece em Antenor Nascentes um modo de significar língua do/no Brasil que, afinal, filia-se àquilo que comparecia em Amadeu Amaral; torna-se impossível não nos perguntarmos em que medida a memória positivista/naturalista fartamente presente em Amadeu Amaral (sobretudo na sua proposta metodológica, que vai beber nas fontes do positivismo) não comparece também em Nascentes; torna-se impossível não nos perguntarmos, enfim, em que medida o modo de Nascentes significar língua do/no Brasil contribui para a formação de uma determinada língua imaginária⁴⁴ brasileira e em que medida não traz consigo, articuladas, uma posição-sujeito lusitana e uma memória naturalista que colocam a língua do/no Brasil no lugar do erro, da patologia, da moléstia, organismo lacunar e degenerado, variação doente da língua matriz portuguesa. Afinal, Nascentes afirma que “iremos ver os erros, tentar explicar a razão de ser deles, do mesmo modo como o médico estuda a etiologia das moléstias” (NASCENTES, 1953, p. 14) num gesto que parte do lugar do naturalista que nomeia e categoriza os elementos de terras brasileiras, que coloca a língua do/no Brasil como da ordem da variação doentia e deturpada da matriz portuguesa, inscrevendo-se numa memória naturalista, positivista – e numa memória lusitana de significar, tal como Amaral, a língua do/no Brasil como desvio da língua-mãe portuguesa. Filiamo-nos, para tanto, à História das Ideias Linguísticas (AUROUX) articulada à Análise do Discurso (PÊCHEUX/ORLANDI), pensando o conhecimento como um

⁴⁴ “A língua imaginária é a que os analistas fixam com suas sistematizações e a língua fluida é a que não se deixa imobilizar nas redes de sistemas e fórmulas” (Orlandi, 2002, p. 22).

discurso (PÊCHEUX, 1988) e, daí, compreendendo um instrumento de produção de conhecimento metalinguístico como discurso, objeto simbólico e histórico, e não imparcial objeto descritivo da língua. Entendemos a língua como lugar de disputa de sentido: lugar onde trabalha a ideologia. É olhando para o texto que identificamos os movimentos ideológicos, as posições-sujeito, a memória discursiva. Analisamos discursos sobre a e da língua trabalhando, de um lado, “com a história do pensamento sobre a linguagem no Brasil mesmo antes de a Linguística se instalar em sua forma definida” (ORLANDI, 2001, p. 16), e, de outro, com “a especificidade de um olhar interno à ciência da linguagem” (Idem, p. 16). Dessa articulação advém um modo de abordagem do objeto que “leva em conta a historicidade dos sentidos e dos saberes linguísticos” (NUNES, 2006, p. 17).

Referências bibliográficas

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].

NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil*. Campinas: Pontes; São Paulo: FAPESP; São José do Rio Preto: FAPERP, 2006.

ORLANDI, Eni (Org.). *História das ideias linguísticas*. São Paulo: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. São Paulo: Ed. Unicamp, 1988.

Pontos de fissura / continuação de espaços e de história: uma análise comparativa entre os contos “A caçada”, de Lygia Fagundes Telles, e “Continuidade dos Parques”, de Julio Cortázar

MELLO, Pricilla Marchiori (UFSM/PET Letras/CORPUS)⁴⁵

O presente trabalho tem por objetivo realizar uma análise comparativa entre os contos “A caçada”, de Lygia Fagundes Telles, e “Continuidade dos Parques”, de Julio Cortázar. No exercício de análise comparativa na Literatura, é muito mais interessante privilegiar, durante o percurso de leitura, a investigação e o apontamento das diferenças do que elencar as semelhanças e deter-se nelas, pois é nos traços distintos que residem o valor crítico e a especificidade de cada autor. A partir disso, examina-se como é constituído o ponto de fissura em cada conto e que reflexões a continuação de espaços e de história(s) pode provocar. Os princípios teóricos e metodológicos deste trabalho são baseados nos estudos desenvolvidos em Literatura Comparada, sobretudo por Tânia Franco Carvalho. No intuito de realizar uma análise comparativa, selecionam-se e confrontam-se dois textos literários: os contos “A caçada”, publicado em 1965, por Lygia Fagundes Telles, e “Continuidade dos Parques”, lançado em 1974, por Julio Cortázar. Após a análise, foi possível verificar que os dois contos sugerem continuação de espaços e de história(s) a partir de um condutor, que é definido, neste trabalho, como ponto de fissura, o qual se entende como aquilo que promove um deslocamento ou continuidade de um lugar, de uma situação para outro plano, outro espaço, estabelecendo uma inter-relação entre diferentes realidades. O conto lygiano narra a história de um homem que, ao visitar uma loja de antiguidades, lança seu olhar para uma velha tapeçaria com o desenho de uma caçada. Ele se concentra na tapeçaria de tal forma que passa a ver “além” desse objeto. Nesse conto, o ponto de fissura seria bem específico: poderia ser o pontinho minúsculo do buraco de traça na tapeçaria. Este faz o

⁴⁵ Professora orientadora: Prof.ª Dr.ª Andrea do Roccio Souto.

homem ver “além”, colocando, assim, a narração do conto em dois níveis: um para uma realidade possível e outro para uma realidade fantástica. Isso provoca também a (con) fusão do espaço físico (a loja de antiguidades) com o espaço fantástico (a floresta do desenho na tapeçaria). O conto de Cortázar, por sua vez, trata da história de um homem que regressa para a sua fazenda e lá reinicia a leitura de um romance. Este lê o livro na sala de seu escritório, em uma poltrona, de costas para a porta e de frente para janelões com vista para um parque de carvalhos. Contudo, o enredo do romance, as imagens dos heróis protagonistas, as palavras, o diálogo envolvente levam-no a penetrar tanto na leitura, que a história, na sua imaginação, é levada às últimas consequências, pois ele “entra” no livro, passa a ver “além” da sala do escritório, “além” dos janelões, e, mais ainda, “além” dos parques. O ponto de inter-relação de realidades, nesse conto, dá-se através do livro. Esse objeto também (con)funde dois acontecimentos. De um lado, um homem de negócios chega a sua casa, acomoda-se em sua poltrona e penetra na leitura de um romance. De outro, há um crime passionai: dois amantes tramam o assassinato de um homem (cena que o protagonista do conto passa a ver mais de perto quando se encontra penetrado na leitura). O livro é como uma ponte que leva para a continuidade, como o próprio título do conto define: a continuidade dos parques, uma continuação de espaços e de histórias. Acerca das reflexões que a continuação de espaços e de história(s) sugerem, pensa-se que no conto “A caçada” pode ser sugerida uma profunda reflexão sobre a relação entre a razão e a loucura e sobre o papel do homem na sociedade: papel de opressor ou oprimido. No conto de Cortázar, por seu turno, podem ser sugeridas reflexões a respeito de como a realidade fantástica do conto é capaz de nos mostrar algo “textual circular infinito”: eu leio que ele lê que outro lê que ele lê, ou seja, há vários observadores, um observando e abarcando o outro. Além disso, a continuidade dos espaços parece ter o desejo de instigar o leitor a se questionar, a perceber novas realidades e novas possibilidades, fazer com que saia da leitura linear, deixe de ser um leitor passivo. Portanto, é possível observar que há diferentes pontos de fissuras, os quais, no entanto, levam a história para um mesmo nível: o nível da realidade fantástica. Os contos analisados permitem

“viajar”, “ir além”, “viver” a “continuidade dos parques” junto das personagens. As lacunas e os não ditos do texto, bem como as sobreposições, funcionam para o leitor como pontos de fissuras.

Referências bibliográficas

CARVALHAL, T.F. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1986.

CORTÁZAR, Julio. *Continuidade dos Parques*. Disponível em: <<http://www.dubitoergosum.xpg.com.br/recorte20.htm>>. Acesso em: 3 de outubro de 2011.

TELLES, Lygia Fagundes. A Caçada. In: MORICONI, Italo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 265-269.

Arquivo e (re)documenta(riza)ção: a criação do Centro de Documentação e Memória

OLIVEIRA, Simone de Mello de (UFSM /CORPUS/CAPES)⁴⁶
simone.mo@gmail.com

Para este evento, propomos apresentar o andamento de nossa pesquisa sobre a questão da (re)documenta(riza)ção na era da internet, pertinente à questão da constituição do “Fundo Documental Neusa Carson”, e à criação do Centro de Documentação e Memória, que é parte do nosso projeto de pós-doutorado desenvolvido junto ao Laboratório Corpus - PPGL/UFSM, integrando o projeto “Linguística no sul: estudos das ideias e organização da memória”, sob a coordenação e supervisão da Prof.^a Dr.^a Amanda Eloina Scherer, do Departamento de Letras Clássicas e Linguística, da mesma universidade. O projeto tem, como um de seus objetivos principais, recuperar a devida dimensão de estudos e de estudiosos já esquecidos ou relegados a uma posição secundária na área de Letras, na História das Ideias Linguísticas, no sul do país. Segundo Scherer (2011), falar de Linguística no sul é falar em produção de conhecimento, de saber; é falar também de sentido em movimento, de sujeito, de ideias que circulam e deixam de circular para voltar a circular em outro lugar, em outro momento, com outros sujeitos e outras instituições; é considerar os modos de dizer e os processos de sua institucionalização; é falar das condições históricas de produção do saber e de sujeito do conhecimento como parte integrante dessas condições para chegar às normas de cientificidade e alcançar a sua formulação, a formulação da Linguística como parte integrante do profissional de Letras. Assim, trabalhamos, também, sobre a divulgação e a circulação das ideias linguística no Sul, na constituição da história disciplinar, inscrita em uma visão histórica das Ciências da Linguagem. Nosso eixo de pesquisa no projeto é a reflexão

⁴⁶ Pós-Doutoranda (Bolsista PNPd/CAPES 2011-2014), sob supervisão da Prof.^a Dr.^a Amanda Eloina Scherer.

sobre a questão da (re)documenta(riza)cão (PEDAUQUE, 2007) na era da internet. Entendemos (re)documenta(riza)ção como tratamento (descrição, informação) digital de documentos, livros, coleções à luz da internet (meta-dados, XML e indexações). Diferenciamos “documentarizar” de “documentar”, e jogamos com essas possibilidades, entendendo que o primeiro remete à criação de documentos para explicar um objeto, além de remeter à possibilidade de alimentar esse documento com informações, tornando esse documento acessível, encontrável e utilizável por um número muito maior de pessoas e, principalmente, de forma mais eficaz. É pela informação agregada pela “redocumentarização” que podemos responder a mecanismos de buscas e assim recuperar informações aparentemente perdidas na rede mundial de computadores. E, sendo os documentos parte de arquivos pessoais de pesquisadores, consideramos o princípio da proveniência ou de respeito aos fundos, que é um fundamento básico para o tratamento da informação arquivística (LOPES, 2000), e que trata sobre manter os documentos provenientes de uma fonte (instituição ou pessoa física) agrupados, sem misturar a outros (DUCHEIN, 1986), como é o caso do Fundo Documental Neusa Carson e do Fundo Maria Luiza Ritzel Remédios. Como procedimento de arranjo e descrição, em arquivística é considerado o “ciclo vital” dos arquivos, que são classificados em: corrente, intermediário e permanente (ROUSSEAU e COUTURE, 1998). Popularmente, isso é dito de outro modo, dizemos *arquivo vivo* e *arquivo morto*, sendo que o morto é o que fica vivo, é o que é “permanece” nos arquivos para a história. E é nesse arquivo, permanente, que trabalhamos. Dessa forma, também se faz necessário, para nosso estudo, refletir sobre a noção de arquivo, definido no sentido amplo por Pêcheux (1994, p. 57) como sendo o “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”. Nesse sentido, é preciso considerar a incompletude como característica inerente ao arquivo e, assim, trabalhar na sua leitura e organização/constituição sob a perspectiva discursiva. E esse é o nosso desafio. O público-alvo de nosso trabalho é a própria comunidade universitária, formada por docentes, pesquisadores, alunos do conjunto de universidades do país e/ou do exterior, assim como a

comunidade externa à universidade, através das atividades de extensão (exposições etc.).

Referências Bibliográficas

CASTAGNO, Denise; GARCIA, Olga; SILVA, Rosani. *Arranjo e descrição de documentos arquivísticos*. Santa Maria: UFSM, 2006.

DUCHEIN, Michel. O respeito aos fundos em arquivística: princípios teóricos e problemas práticos. *Arquivo & Administração*. Rio de Janeiro, v. 10-14, n.1, p.14-33, abr.1982/ago.1996.

LOPES, Luis Carlos. *A nova arquivística na modernidade administrativa*. Rio de Janeiro: Edill, 2000.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: Orlandi, Eni Puccinelli et al. (Org.) *Gestos de leitura: da história no discurso*. Trad. Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994 [1982], p. 55-66.

PÉDAUQUE, R. T. *La redocumentarisation du monde*. Toulouse: Cepaduès-Éditions, 2007.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. *Os fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa, Portugal: Nova Enciclopédia, 1998.

SCHERER, Amanda E. *Linguística no sul: estudos das ideias e organização da memória*. PNPd/CAPES/2011. Santa Maria, CAL/PPGL/UFSM/Laboratório Corpus, julho de 2011.

Revista Acadêmica: os modos de circulação e visibilidade do saber, dos sujeitos e dos sentidos

PAIM, Zélia Maria Viana (UFSM/CORPUS/CAPES)⁴⁷
zeliamvp@gmail.com

Em nossa pesquisa, visamos compreender a história dos estudos linguísticos nos cursos de Letras do Brasil, pesquisa esta que se insere no projeto intitulado “Linguística no sul: estudo das ideias e organização da memória”, de autoria e supervisão de Scherer (2011). Nesse, nosso objeto material de pesquisa constitui-se pelas revistas acadêmicas, cuja função principal é a divulgação do conhecimento científico. A nosso ver, a universidade se constitui no espaço institucional da pesquisa científica, função esta diretamente ligada à capacidade de produzir conhecimentos e formar pesquisadores. Segundo Guimarães (2003, p. 195): “As universidades têm como objetivos indissociáveis a docência e a pesquisa”. Se a pesquisa é inerente à função da universidade, a divulgação, como etapa final do processo de produção do conhecimento científico, também faz parte de suas atribuições. Assim, as revistas acadêmicas constituem-se como um dos veículos para o desempenho dessa função, através de seus centros, departamentos e laboratórios. Estas são publicadas a intervalos regulares e numeradas progressivamente, sob responsabilidade de um coordenador e de uma equipe editorial. A revista acadêmica constitui-se como um instrumento de ação extremamente simples que, mais sutilmente que um livro, estabelece os lugares entre grupos de linguistas (CHEVALIER, 1998). Por meio das revistas acadêmicas, “pesquisadores, grupos de pesquisa, estudantes em pós-graduação e professores universitários mantêm uma ligação entre o que/como se faz em pesquisa e entre teoria e prática” (SCHERER, 2003, p. 73). Assim, a revista acadêmica é um importante

⁴⁷ Pós-Doutoranda (PNPD 2011-2013/CAPES), sob supervisão da Prof.^a Dr.^a Amanda Eloina Scherer.

meio de circulação e visualização desse movimento na universidade brasileira. Tendo em vista essas observações, constituímos o arquivo de nossa pesquisa, que é formado por números/volumes esparsos das revistas *Letras*, *Alfa* e *Letras de Hoje*, três periódicos da área de Letras, de publicação corrente, os mais antigos do país. A revista *Letras* foi fundada em 1953, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná. A revista *Alfa* foi fundada em 1962, como publicação do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília. A revista *Letras de Hoje*, fundada em 1967, é uma publicação do Curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. O enfoque de nosso estudo inicia na década de 30 do século XX, período de fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, e estende-se até 1975, último ano da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília como instituto isolado. Entendemos que se trata de um momento rico em pesquisas linguísticas no meio acadêmico. No desenvolvimento de nossa pesquisa, interessa-nos estabelecer a relação entre a história das instituições e os estudos linguísticos que nelas se fundam e movimentam sentidos. Visamos, portanto, ao estudo das instituições e das condições que elas trazem para a prática científica, como a de divulgar pesquisas (NUNES, 2008) acadêmico-científicas. Objetivamos, ainda, compreender a constituição do sujeito pesquisador que, por sua vez, está relacionada às estratégias de enunciação utilizadas para situar sua pesquisa em relação à de seus predecessores e/ou contemporâneos e à sua percepção de fazer parte – ou não – de um grupo (ALTMAN, 1998). Entendemos que cada revista tem sua especificidade, pois sua ordem discursiva se apoia sobre um suporte institucional. Essa ordem é reforçada e reconduzida pela maneira como o saber circula na comunidade científica em questão. “A circulação diz respeito aos trajetos dos dizeres que se dão em certas conjunturas. A circulação ocorre por meios que nunca são neutros” (NUNES, 2008, p. 86). Nesse sentido, a publicação dos artigos pressupõe compatibilidade com o que a comunidade científica em que se insere considera relevante. A revista se constitui, assim, como uma “bússola para a identificação dos rumos preferenciais seguidos por uma comunidade científica” (ALTMANN, 1998, p. 45). Em nossa análise, a revista

acadêmica é tratada como discurso documental, a partir de Horta (2008), o qual é distribuído de diversos modos, considerando-se os discursos de divulgação, as publicações, os periódicos, tudo aquilo que faz o texto circular ou não circular. Para realizarmos essa análise, filiamo-nos à perspectiva teórico-metodológica da História das Ideias Linguísticas (HIL) em articulação com a Análise de Discurso (AD), ambas institucionalizadas no Brasil por Eni Orlandi. As revistas servem, então, à pesquisa, tanto como “objeto de análise”, quanto “fonte”, permitindo, em seu discurso, estudarmos essa história das ideias linguísticas.

Referências bibliográficas

- ALTMAN, Cristina. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.
- CHEVALIER, J.-C. Places des revues dans la constitution d'une discipline; La Linguistique Française (1945-1997). In: *Langue Française* 117. Paris: Larousse, p. 68-71, 1998.
- GUIMARÃES, Eduardo. (Org.). *Produção e Circulação do Conhecimento*. v. II. Campinas, SP: Pontes Editores, 2003, p. 21-29.
- NUNES, José H. O discurso documental na história das ideias linguísticas e o caso dos dicionários. In: *Alfa*, São Paulo, n. 52, v. 1, p. 81-100, 2008.
- SCHERER, Amanda E. *Linguística no sul: estudos das ideias e organização da memória*.____PNPD/CAPES/2011. Santa Maria, CAL/PPGL/UFSM/Laboratório Corpus, julho de 2011.
- _____. A história e a memória na constituição do discurso da linguística aplicada no Brasil. In: CORACINI, M. J. e BERTOLDO, E. S (Orgs.). *O desejo da teoria e a contingência da prática: discursos sobre e na sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003, p. 61-82.

Palavras sobre o silêncio: que silêncio?

PATTI, Ane R. (USP-RP/FAPESP/EL@DIS)⁴⁸
anepatti@hotmail.com

Em sua função de (des)velar, a linguagem possibilita tanto a introdução de tudo o que existe em termos simbólicos, quanto a insistente ausência que se faz presente nestes mesmos termos. Falar sobre o silêncio é falar de algo (supostamente) ausente, pois há fala *sobre* ele e não a (presentific)ação dele enquanto tal, pois ele não está em (dis)curso. A sua presença, o seu comparecimento, a sua “voz” pode emergir, em manifestações inconscientes, durante um dizer em curso, em uma apresentação de trabalho, por exemplo. Nesta via, precisamos da linguagem como via de existência também do silêncio. Este silêncio que funciona como um “anterior absoluto”, um tempo (onto)lógico, visível e suposto somente por seus efeitos, como vórtice de um furacão que coloca tudo ao seu redor em um movimento espiralado, onde o sujeito pode estar no silêncio e, ao mesmo tempo, também no sentido, é aquele em que “as próprias palavras transpiram silêncio. Sentido e silêncio, assim, estão presentes na linguagem, o primeiro como efeito, o segundo como fundador” (ORLANDI, 2007, p.14), considerando que a “linguagem é condição do inconsciente” (LACAN, 2003, p.404) inclusive. E se o inconsciente aparece por/para um sujeito na linguagem, é preciso tanto um sujeito que o represente na linguagem quanto um outro que o escute e dê consequência à sua aparição, ao seu ruído que provoca efeitos de *non-sense* na linguagem, impressão de um “fora-de-lugar” que condensa e desloca figuras discursivas, rompendo com os acordos espaço-temporais que as normas das línguas preconizam. Um ato-falho, um lapso, um sonho, um chiste, portanto, podem ocorrer em qualquer língua, em qualquer tempo, por um sujeito falante de qualquer lugar: basta ser sujeito de e à linguagem. É com um olhar para

⁴⁸ Doutoranda em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP), com apoio FAPESP (2011/ 01395-3). Integrante do E-l@dis, Laboratório Discursivo - sujeito, rede eletrônica e sentidos em movimentos (FAPESP 2010-510290).

a linguagem que buscamos as emergências do sujeito, compreendido aqui como sujeito dividido, efeito da linguagem, sujeito que participa da cultura em suas errâncias, tanto como *sujeito* (“o sujeito se constitui pelo ‘esquecimento’ daquilo que o determina” (PÊCHEUX, 2009, p.150)), quanto como *forma-sujeito* (ou sujeito do discurso: “é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais” (ALTHUSSER *apud* PÊCHUEX, 2009, p.150)). Há uma outra diferença importante entre sujeito (em Lacan) e sujeito do discurso (em Pêcheux, op. cit.). Este é constituído por sucessivas interpelações ideológicas que o assujeitam ao discurso; e o primeiro é constituído como uma função desprovida de conteúdo, mas que emerge no espaço intervalar entre dois significantes. Ele representa um significante a outro significante (LACAN, 1998). Para ambas as teorias a linguagem precede o sujeito e é condição de existência deste, que é sempre sujeito de um discurso, ainda que sem palavras (discurso imagético, por exemplo). É ainda neste par silêncio-linguagem que iremos nos aproximar de outras junções e disjunções entre Análise do Discurso (AD) e Psicanálise. A perspectiva teórico-metodológica da AD de escola francesa leva a sério o entrelaçamento do sujeito com a historicidade e os atravessamentos moveidos na linguagem, o que nos permite fazer deslocamentos teóricos por seu andaime de sustentação: Pêcheux (2006, 2009), Jacqueline-Authier (1998, 2004), Orlandi (2005,2007, 2010), Romão (2006, 2006a, 2011), Ferreira (1998) e Mariani (1998, 2006) são alguns dos autores que abordaram a temática do silêncio neste campo teórico. Freud (1977, 2004, 2006), Lacan (1998a, 2003a), Mrech (2009) e Nasio (2010) nos levam ao outro campo, que também nos dá pistas *sobre* o silêncio, a Psicanálise. Daremos sequência à discussão teórica sobre o silêncio diferindo-o do *silenciamento*, conceito privilegiado pela AD de escola francesa, especialmente trabalhado por Eni Orlandi (2010). Abordaremos um recorte de *corpus* de nossa pesquisa de doutorado (em andamento) em que o silêncio aparece associado ao que a AD chama por silenciamento, ou seja, o silêncio que funciona por uma exterioridade em que fala-se por/para um boneco (*reborn-babies*), apagando/silenciando a criança “de verdade”, que poderia ser a portadora de um discurso, de palavras, de demandas. Importante frisar que não daremos um tratamento

moralizante para esses dados coletados (especialmente) em *blogs* que discursivizam sobre a prática da rebornagem, mas buscaremos escutar como a ideologia opera aqui, naturalizando o brincar da pseudo-mãe, o silenciamento da criança, a tagarelice do infantil, o deslocamento de sentidos de termos antes utilizados na maternidade num geral, dando voz, em curto-circuito, a um silenciamento: assim são as palavras, porosas, heterogêneas, escapando de sentidos únicos e fechados, possibilitando ao humano “mortificar” o “vivo” e “avivar” o “morto”. Interessa-nos, nesse trabalho, trazer alguma reflexão sobre este fenômeno dos *reborn-babies*, que coloca discursos da cultura contemporânea a significar, mais uma vez na história, o silenciamento da criança. Qual é a historicidade que embasa esta nova “prática”? Como a infância é falada neste contexto do brincar de bonecas? Como o brincar/cuidar é discursivizado na linguagem destas “reborneiras”? Haveria um apagamento da alteridade e, portanto, um silenciamento da criança de fato? Estaríamos vivendo em uma sociedade que faz um silenciamento da infância através do apagamento da alteridade? Como escutar o silêncio nessas condições-de-produção da rede? Pretendemos, com esta pesquisa, recuperar alguns sentidos históricos sobre a infância, o brincar, investigar os efeitos da cibercultura sobre esses sujeitos-cuidadores-de-*reborn-babies*, assim como fazer avançar os estudos sobre o silêncio e o silenciamento da teoria peuchetiana com uma visada privilegiada na Psicanálise.

Referências bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

BLOG “WELCOME TO MY BLOG”. Disponível em:

<<http://hausderpuppen.blogspot.com/2010/08/entrevistando-outros-colecionadores.html>>. Acesso em: 17/04/2012.

FERREIRA, M. C. L. Nas trilhas do discurso: a propósito de leitura, sentido e interpretação. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *A leitura e os leitores*. Campinas, SP: Pontes Editores, 1998.

FREUD, S. A interpretação das afasias. In: VERDIGLIONI, A. *Matemática do inconsciente*. Tradução de Antônio Pinto Ribeiro. Marsílio Editori, 1977 [1891].

_____. O recalque. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Vol 1. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004 [1911-1915].

_____. O inconsciente. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Vol 2. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006 [1915-1920].

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu* tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. (Comunicação feita ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise, Zurique, 17 de julho de 1949). In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998 [1949].

_____. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. (Relatório do Congresso de Roma, realizado no Instituto Di Psicologia Della Università Di Roma em 26 e 27 de setembro de 1953). In: *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998a [1953].

_____. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998b [1964].

_____. Radiofonia – Respostas a sete perguntas formuladas pelo Sr. Robert Georgin para a radiodifusão Belga. In: *Outros Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro; Versão final: Angelina Harari e Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003 [1970].

_____. *O seminário, livro 19: “Ou pior...”*. Bahia: Publicação interna da Associação Freudiana Internacional, Espaço Moebius de Psicanálise, 2003a [1971-1972].

MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa*. Campinas: Editora da Unicamp e Editora Revan, 1998.

_____. Sentidos de subjetividade: imprensa e psicanálise. *Revista Polifonia*, v.12, Cuiabá, 2006.

MRECH, L. M.; SANADA, E. dos R.; NUBILE, M.V.F.C. e VALIONE, Y. A criança na contemporaneidade: sujeito ou objeto? *Col. LEPSI IP/FE-USP*, Ano 7, ISBN 978-85-60944-12-5, 2009. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032008000100046&script=sci_arttext> Acesso em: 19 de agosto de 2010.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 6ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso - uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Orlandi (et. al). 4ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009 [1969].

ROMÃO, L. M. S. O cavalete, a tela e o branco: introdução à autoria na rede eletrônica. *Delta*, vol 22, n. 2, p. 303-328, 2006.

_____ e PACÍFICO, S. M. R. Da notícia ao discurso jornalístico: a tentativa de silenciar a heterogeneidade. *Verso e Reverso - Revista da Comunicação* [Online]. Ano XX - 2006/2 - Número 44, ISSN1806-6925, 2006a.

_____. Opacidade e incompletude: essa estranha tessitura do sujeito no discurso. In: _____ e ZANDWAIS, A. *Leituras do Político*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

O que se diz da morte: análise do discurso nos atestados de óbitos da Santa Maria - RS do final do século XIX

PEDRAZZI, Fernanda Kieling (UFSM/CORPUS)⁴⁹
fernanda.pedrazzi@gmail.com

“Os mortos têm negócios a resolver, tanto com seus próximos como com a comunidade da qual são parte integrante.” É nas palavras de Vovelle (2010, p. 31) que se introduz o resultado social prático diante da morte: o registro da morte, o atestado de óbito. Esta pesquisa analisa o discurso sobre a morte em documentos do século XIX e é resultado do desenvolvimento do projeto de Tese de doutoramento em Letras/CAL/UFSM, Estudos Linguísticos, Linha de Pesquisa “Língua, sujeito e história”. A pesquisa está sendo realizada sob uma perspectiva da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, em documentos arquivísticos do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria.⁵⁰ Na Tese são utilizados manuscritos do Fundo Intendência Municipal (um dos quatro fundos fechados existentes), que é composto pela documentação (14 tomos que contêm 908 documentos) da administração de Santa Maria entre 1892 e 1929. O *corpus* da pesquisa é o conjunto de documentos⁵¹ do Tomo 13 que contém 86 atestados de óbitos do ano de 1896. Com Pêcheux (2009, p. 146) sabe-se que “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe ‘em si mesmo’ [...] é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)”. Toma-se como pressuposto que o sujeito se revela ao relacionar-se com a língua e com a história. Tanto a história como a memória estão marcadas na expressão da língua, em um discurso com materialidade própria. “Cadaver”, “falecido”, “indigente”, “vítima” são palavras que se repetem, bem como as doenças: “mal de sete dias”, “tuberculose pulmonar dupla”, e, entre outras, a “morte natural”. É nesse campo de

⁴⁹ Doutoranda, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Amanda Eloina Scherer.

⁵⁰ Criado pela Lei Municipal nº 784 de 22/12/1958.

⁵¹ Pesquisa feita na cópia digital disponível no Arquivo.

sentidos que a língua comunica a morte, diz da morte. A análise se dá pela leitura do arquivo, aqui, numa perspectiva de Pêcheux (2010). Para Nunes (2005, p. 1), o arquivo é “uma materialidade discursiva que traz as marcas da constituição dos Sentidos”. Assim, todo o conteúdo de um arquivo “está sujeito à interpretação e, mais do que isso, à confrontação entre diferentes formas de interpretação”. Propõe-se fazer uma leitura dos atestados de óbito num gesto de leitura que é uma “relação entre o autor e o leitor”, sendo que o sentido é dado na própria leitura e por aquele que lê (LUCAS, 1996, p. 34). Com os primeiros resultados percebe-se que a maioria dos documentos comunica a morte de crianças. Na apresentação formal são utilizadas palavras comuns a esta tipologia: “atesto” ou “atesto” (um escrevente), e “attestamos” ou “attestamos” (quando há um “abaixo assignados” ou “abaixo firmados”). Poucos documentos diferem disso, mas foram usadas outras palavras, como “declaro”, “participo” e “certifico”. Estas palavras ou expressões de entrada são encontradas no texto propriamente dito, parte central do documento por ser nele que se observa a manifestação e vontade do autor, a razão de existir do documento do ponto de vista jurídico e histórico (BERWANGER; LEAL, 2008). Os documentos fornecem nome, filiação, data e hora da morte, local, enfermidade, condições do falecimento, do corpo, etc., com mais detalhes quando o signatário é médico. Ao retomar o percurso da Análise de Discurso fundada por Pêcheux, Zandwais (2009, p. 29) esclarece que o autor “insere o objeto discursivo, isto é, a materialidade significante do discurso, na materialidade histórica, de tal modo que é pelo viés da inscrição do discurso em uma ordem ao mesmo tempo simbólica e histórica que a linguagem carrega os ‘pesos’ das diferentes ideologias em seu interior”, sendo, por isso, importante a verificação da autoria.

Referências bibliográficas

BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. *Noções de paleografia e de diplomática*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2008.
LUCAS, Clarinda Rodrigues. *Indexação: gesto de leitura do bibliotecário*. Tese. Doutorado em Letras. Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 1996.

NUNES, J. H. *Leitura de arquivo: historicidade e compreensão*. III SEAD, 2005. Disponível em:

<http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/interpretacao/Jose_horta.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2012.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In ORLANDI, Eni P. *Gestos de leitura: da história no discurso*. 3 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010, p. 49-59.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

VOVELLE, Michel. *As almas do purgatório, ou, O trabalho do luto*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

ZANDWAIS, Ana. *Perspectivas da análise do Discurso fundada por Michel Pêcheux na França: uma retomada de percurso*. Santa Maria, RS: UFSM, PPGL, 2009. Série Cogitare, v. 8.

De língua nacional a transnacional: a língua brasileira no mundo globalizado

RANGEL, Vanessa Lacerda da Silva(UFF/LAS)⁵²
v.rangel@yahoo.com.br

O estudo desenvolvido neste trabalho tem como objetivo investigar os saberes “em língua” e “sobre língua” produzidos no século XXI, momento em que o português se projeta como língua transnacional em meio ao fenômeno da mundialização (ZOPPI-FONTANA, 2009). Tomando como *corpus* os prefácios e textos de apresentação das gramáticas publicadas no século XXI, uma vez que tais materiais metalinguísticos são importantes recursos para a descrição e instrumentação de uma língua (AUROUX, 2009), esses saberes serão mobilizados enquanto dispositivos de reflexão, com base na perspectiva teórico-metodológica da História das Ideias Linguísticas (HIL), buscando-se uma análise de como a língua brasileira se constitui e como a história do conhecimento sobre essa língua também se constitui, em especial, no Brasil (GUIMARÃES, 2008). Tudo isso em meio a um cenário em que são observados investimentos do Estado brasileiro em iniciativas para a internacionalização do português (DINIZ, 2010), tais como a criação do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (CELPE-Bras), cujos objetivos, dentre outros, são divulgar o português e coordenar a Rede Brasileira de Ensino no Exterior, por meio da Divisão de Promoção da Língua Portuguesa (DINIZ, 2010a). Aliado a isso, a liderança do Brasil diante da proposta de um Novo Acordo Ortográfico para a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), com o objetivo de unir o português no mundo, impulsionou a produção de gramáticas no século XXI, seja para apresentar a língua portuguesa para os estrangeiros, seja para delimitar, nos países lusófonos, como seria o português após o acordo ortográfico. Nesse contexto, analisando-se os títulos das gramáticas

⁵² Doutoranda pela Universidade Federal Fluminense, participante do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS).

brasileiras publicadas no século XXI, pôde-se observar que uma antiga discussão a respeito da língua do Brasil (MARIANI, 2004), muito comum na 2ª metade do século XIX (ORLANDI, 2001), volta à cena, tendo em vista que alguns desses instrumentos metalinguísticos produzidos recentemente determinam o português como “brasileiro”. Diante desse quadro, surgiram algumas inquietações quanto a essa nomeação, orientando que este trabalho seja uma oportunidade para se observarem as tensões que estão em jogo, as disputas por trás de tal divergência quanto à determinação da língua brasileira, num momento em que o Brasil se projeta, no cenário internacional, como uma importante nação, do ponto de vista econômico. E, nesse contexto, torna-se interessante observar o lugar da gramática, especialmente em nosso país, a fim de se compreender os processos de significação e o que tem sido posto no que diz respeito aos discursos sobre a língua brasileira. Deseja-se, ainda, analisar os efeitos de sentidos desses saberes metalinguísticos, uma vez que alguns deles se dirigem a brasileiros, enquanto outros estão voltados para os estrangeiros. Um outro ponto que merece atenção diz respeito ao fato de que muitas gramáticas voltadas para o ensino do português como língua estrangeira não foram publicadas no Brasil, o que dificulta, inclusive, a que os brasileiros tenham acesso a esses materiais. E essas questões, ao se conjugarem, mostram-se como um rico material para se compreender os processos de significação, não apenas pelo que está dito, na ordem da evidência, mas principalmente pelo que está silenciado, pelo que é opaco e, por isso mesmo, fala sobre a língua brasileira (ORLANDI, 2002).

Referências bibliográficas

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Unicamp, 2009.

DINIZ, Leandro. A promoção da língua nacional brasileira no exterior: uma análise das iniciativas do Ministério das Relações Exteriores. In: *Livro de Resumos V FÓRUM DE PARTILHA LINGUÍSTICA*, Lisboa, 16 e 17 de Setembro de 2010.

_____. *Mercado de línguas*. A instrumentalização brasileira do português como língua estrangeira. Campinas: Editora RG, 2010a.

MARIANI, Bethania. *Colonização linguística*. Campinas, São Paulo: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni. *Língua e conhecimento linguístico*; para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

_____ e GUIMARÃES, Eduardo. *Língua e Cidadania* - O Português no Brasil. Campinas: Pontes, 2008.

_____. *História das ideias Linguísticas* – Construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. Campinas: Pontes, 2001.

ZOPPI-FONTANA, Mônica Graciela. (Org.) *O português do Brasil como língua transnacional*. Campinas: Ed. RG, 2009.

Rapensando discursivamente o imaginário sobre a resistência em *A marcha fúnebre prossegue*

RESENDE, Mariana (UFF/LAS)⁵³
marianaresende@id.uff.br

A presente pesquisa, que se filia ao escopo teórico da Análise de Discurso da escola francesa, objetiva analisar o funcionamento do *rap underground* (LIPPOLD e SANTOS, 2004) a partir de um *corpus* constituído pelas quinze letras das músicas que compõem o álbum *A marcha fúnebre prossegue*, produzido no ano de 2001 pelo grupo paulista de *rap* Facção Central – após esse grupo ter sofrido um processo de censura sob alegação de incitação ao crime devido ao lançamento da música e do videoclipe de título “Isso aqui é uma guerra”, pertencentes ao álbum *Versos Sangrentos*, lançado em 1999 e censurado em 2000 pelo órgão de repressão ao crime organizado do Ministério Público do Estado de São Paulo –, com base nas noções de língua imaginária e língua fluida (ORLANDI, 2009), e de ordem e organização da língua (ORLANDI, 1996). Vimos que o álbum *A marcha fúnebre prossegue* procura produzir um efeito de resposta, em forma de música (de protesto), contra o processo de censura sofrido pelo grupo e contra a “ditadura” da justiça que, sob o véu da pretensa igualdade entre todos os cidadãos, segundo a posição ocupada por esses sujeitos-*rappers*, só existe para os ricos – e, sendo o grupo formado por cantores da periferia e pobres, sendo eles representantes da favela, essa justiça não existe para eles, mas contra eles. E, assim, eles se posicionam, ao “atacar”, na música que leva o mesmo título do álbum, o promotor que os acusou. Partimos do conceito de resistência proposto por Pêcheux (1980) e vimos como funciona esse verbete “resistência” no dicionário do Instituto Houaiss. A hipótese que norteou as análises foi a de que esse sujeito enunciador, o *rapper*, resiste aos sentidos: de língua, tal como a gramática tradicional procura

⁵³ Mestranda da Universidade Federal Fluminense, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Bethania Mariani.

estabelecer/fixar; de trabalho, tal como a formação ideológica capitalista busca sedimentar; e de movimento musical, tal como a mídia corporativa (esse grupo seletivo de seis ou sete famílias que controlam a radiodifusão no Brasil, tais como o grupo Roberto Marinho, Victor Civita etc.) tenta cristalizar. Procuramos mostrar como o silêncio e a política do silêncio (ORLANDI, 1993) implementada pelo Ministério Público, na ação que promoveu contra o grupo, trabalham os sentidos nesse movimento de resistência representado pelas produções do Facção Central. As pistas a partir das quais trabalhamos o material foram os aspectos formais que mais nos chamaram a atenção devido tanto à presença ostensiva de marcas no texto, quanto à necessidade que tínhamos de buscar mecanismos que nos permitissem observar o funcionamento das possíveis diferentes matrizes de sentido que ali conflitavam ou formavam alianças. Gramatical e linguisticamente, essas formas marcam os efeitos discursivos de causa (“porque” / “se”), adversidade (“mas” / “só (que)”), condição (“se”) e negação (“não”), chamadas de conjunções coordenativas ou subordinativas e de advérbios. Passamos, ainda, por uma breve análise das denominações, a fim de que pudéssemos ter acesso aos sentidos sobre o outro representado no discurso do *rap underground* produzido pelo grupo Facção Central no álbum em questão. Pudemos observar como esse sujeito-*rapper* constrói discursivamente as referências para *rapper* e para o próprio *rap*. A análise permitiu que verificássemos a existência de duas matrizes de sentidos, ou formações discursivas (FD), que estabelecem uma relação de oposição entre si: a da barbárie e a questionadora. Com a ajuda de textos produzidos no início do século XX, pelo revolucionário da União Soviética, Lênin, e pelo filósofo e fundador do partido comunista italiano, Antônio Gramsci, conseguimos também verificar que o sujeito-*rapper*, embora no fio discursivo se signifique de modo oposto aos sentidos historicamente sustentados como “oficiais”, devido à interpelação ideológica e ao funcionamento do inconsciente, se cole aos sentidos da FD da barbárie, contra a qual deveria se opor, uma vez que buscaria seus sentidos na formação discursiva questionadora. Assim, verificamos que, embora resista a alguns sentidos da FD da barbárie, o discurso do *rap underground* produzido pelo grupo Facção Central não é capaz de romper

totalmente com a formação ideológica que domina seus processos de identificação: a ideologia capitalista, na sua realização neoliberal. Verificar que existe uma contradição inerente ao discurso produzido pelo grupo confirma, com a análise, o enunciado que percorre todos os textos consultados sobre o próprio movimento *hip-hop*, segundo o qual o movimento é heterogêneo em suas propostas e, conseqüentemente, nos públicos que alcançam e com os quais parece dialogar. Constatação que não descaracteriza nem invalida os esforços visivelmente empreendidos por esses sujeitos-*rappers* no sentido de se descolar dos sentidos postos em circulação pela FD da barbárie.

Referências bibliográficas

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento*: as formas do discurso. Campinas, SP: Pontes, 2009.

_____. *As formas do silêncio*: no movimento dos sentidos. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

Efeitos de sentidos do verbete *idoso* em dicionários de língua portuguesa

RIBEIRO, Juliana L. (UFSM)⁵⁴

julih_ribeiro@hotmail.com

Nos dias de hoje, muito se fala sobre a inclusão do idoso na sociedade, de como ele deve ser tratado com respeito e seriedade, fazendo com que se sinta parte de algo maior, um cidadão como qualquer outro. Atos de respeito, por menores que sejam, têm-nos despertado o desejo de estudar mais profundamente esse tema. O dicionário é um instrumento que, muitas vezes, alimenta o sentimento de preconceito, uma vez que propõe definições vagas. Diante disso, nossa proposta é analisar discursivamente o verbete “idoso” em três dicionários distintos, com a finalidade de ressaltar os efeitos de sentidos que os conceitos desse verbete trazem na definição. Para tanto, este trabalho utiliza como fundamentação teórica os princípios da Análise de Discurso e tem como *corpus* três dicionários de Língua Portuguesa: o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), o *Mini Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2009) e o *Mini Dicionário Silveira Bueno da Língua Portuguesa* (1996). O termo analisado inicialmente foi “idoso”; porém, após ler as definições, a análise continuou de forma que os verbetes citados em cada definição formem/formassem uma rede de significação. No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), temos o verbete “idoso” descrito da seguinte forma: “Quem tem muitos anos de vida; velho”. Após esse conceito, a fim de estabelecermos a rede de significação, procuramos o verbete “velho” e encontramos o seguinte conceito: “Que não é jovem, novo; que tem muito tempo de vida ou de existência; que se deteriorou ou gastou pelo uso; que se contrapõe ao moderno; antiquado, desatualizado, obsoleto”. Com essa caracterização do verbete “velho”, pode-se perceber o quanto esta palavra está posta de maneira preconceituosa, pois pode-se inferir que, se o idoso é, porventura, chamado de *velho*,

⁵⁴ Aluna de Iniciação Científica. Acadêmica do 5º semestre de Licenciatura em Letras - Português da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor orientador: Profª Drª Verli Petri da Silveira.

ele é desatualizado, obsoleto, deteriorado, antiquado. Por “antiquado”, temos o conceito: “Que se tornou antigo; fora de moda, ultrapassado”. Percebemos que, a cada página virada, o termo torna-se cada vez mais preconceituoso e excludente, fazendo com que o termo *idoso* seja pejorativo. No *Mini Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2009), o verbete “idoso” é assim descrito: “Que ou quem tem bastante idade; velho”. Para “velho” temos a seguinte definição: “Muito idoso, antigo; ou gasto pelo uso; experimentado, veterano; que há muito exerce uma profissão ou tem certa qualidade; desusado, obsoleto”. Seguindo as definições propostas pelo dicionário, o próximo verbete é “antigo”: “Do tempo remoto; que existiu ou sucedeu no passado; que é ou existe desde muito tempo; velho”. Ambos os dicionários já analisados trazem a palavra *velho* como característica principal da pessoa idosa, sendo que esse verbete carrega consigo uma carga pejorativa muito grande, uma vez que ninguém quer aquilo que é velho, pois está desatualizado, obsoleto. Idosos carregam experiências já vividas, porém, em nenhuma definição de *idoso* encontramos como característica a palavra *sábio*. Nenhum termo respeitoso foi usado de forma a caracterizar essa pessoa. O terceiro dicionário, de Silveira Bueno, traz como conceito de “idoso” a seguinte definição: “Velho, avançado em anos”. Para “velho”, temos a definição: “Antigo; com muito tempo de existência; gasto pelo uso; muito usado; que há muito possui certa qualidade ou exerce certa profissão; antiquado”. Para fechar este ciclo, temos a definição de “antiquado”: “Tornado antigo, arcaico, obsoleto, desusado, fora de uso”. Pode-se perceber, na análise desse último dicionário, que há o início de uma caracterização respeitosa em relação ao idoso, no momento em que diz que “há muito possui certa qualidade”. Contudo, a ideia de qualidade é rapidamente abatida com a definição seguinte: *antiquado*. Com essa rede de significação, pode-se presumir que o *idoso*, segundo os três dicionários acima estudados, é considerado como uma pessoa que não pode mais ser valorizada, uma vez que é antiquado, sem valor, esquecido. A partir dos resultados encontrados, concluiu-se que o dicionário é um reflexo da sociedade em que está inserido, pois essas palavras somente são validadas no momento em que a sociedade aceita utilizá-las para definir determinadas pessoas ou fatos. O idoso, portanto, é alguém que é discriminado, tanto pela

sociedade quanto pelo dicionário, pois não há quem não se sinta excluído, de certa/alguma forma, quando o instrumento de consulta da sociedade traz definições tão preconceituosas sobre sua idade, ou sobre você mesmo.

Referências bibliográficas

BUENO, Francisco da Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: FTD, 1996.

HOLANDA, Aurélio Buarque. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2008.

HOUAISS, A; VUILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

Dando voz aos saberes: oficina na CUICA

RODRIGUES, Thainara Petri (UFSM/CORPUS)⁵⁵
hainara_rodrigues@hotmail.com

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar um relato sobre a atividade desenvolvida na Associação CUICA (Cultura, Cidadania, Inclusão e Arte), na qual foram conjugados princípios de Ensino, Pesquisa e Extensão. Tal atividade tem como objetivo trazer à nossa sociedade, tanto acadêmica quanto escolar, resultados obtidos na realização de oficinas voltadas à importância da leitura, interpretação e produção do discurso entre crianças e jovens, visando à formação cidadã no contexto atual. Essas oficinas foram preparadas pelos alunos petianos (Pet Letras-UFSM) e aplicadas para alunos participantes da Associação CUICA, estudantes do 4º ao 6º ano. O CUICA é um grupo criado no ano de 2005 por iniciativa da Organização não Governamental Oficina de Percussão de Camobi (bairro próximo à Universidade), a qual conta com o apoio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura, além das empresas locais que apostam na ideia. Tem por objetivo promover a inclusão social de crianças e jovens da rede pública de ensino. As oficinas foram divididas em três etapas e pensadas de maneiras distintas, com o propósito de, a cada encontro, obter resultados diferentes. Mas todas tiveram um mesmo tema norteador: “O que faz você feliz?”. Na primeira oficina, mostramos o vídeo de uma propaganda que se intitulava “O que faz você feliz”. Nesse vídeo, elencavam-se pequenas situações que poderiam deixar uma pessoa feliz. A proposta era que os alunos, a partir do que vissem no vídeo, elencassem o que os fazia felizes. Após a discussão inicial, eles elaboraram um texto. Portanto, esta oficina teve como foco a produção de textos e, após, a produção de paródias das músicas escolhidas por eles. Para isso, a turma foi dividida em grupos pequenos de, no máximo, cinco integrantes. Cada subgrupo era acompanhado de um ou mais alunos petianos. Após o término dessa atividade, houve a apresentação em forma de música com apresentação oral. No segundo encontro, promovido na semana posterior, os objetivos foram o

⁵⁵ Aluna de Iniciação Científica, sob orientação da Profª Drª Verli Petri da Silveira.

desenvolvimento da retórica e o trabalho com entrevistas, focando na postura frente a um público, uma vez que eles necessitam dessas características para se apresentarem no meio artístico e, conseqüentemente, darem entrevistas. Após a explicação de procedimentos de oratória, dado por uma aluna da graduação em Letras - Licenciatura - Hab. Português e Literaturas da Língua Portuguesa do sétimo semestre, os alunos produziram uma entrevista em duplas, com o objetivo de apresentarem para a turma e, simultaneamente, posicionarem-se diante de câmara filmadora. A terceira e última oficina contou com um vídeo produzido pela equipe PET - Letras, fazendo um retrospecto das atividades realizadas anteriormente. Em seguida, distribuímos fotos sobre as quais eles deveriam elaborar legendas para a confecção de um painel. Tal material visual ficou exposto no *hall* de entrada da Associação CUICA pelo restante do ano. A partir das oficinas, dos registros disponíveis e das pesquisas efetuadas, concluímos que é relevante a sensibilização do aluno com a leitura tanto de materiais textuais, quanto de materiais audiovisuais, pois o trabalho com a leitura não deve ser ingênuo. O aluno deve ser capaz de ir além do que está no texto e/ou na apresentação audiovisual, porque os sentidos se excedem. É preciso desconstruir as evidências. Além disso, a prática com a leitura e produção de textos colabora com uma possível formação e transformação do aluno enquanto cidadão. Nestas oficinas, buscamos capacitar os alunos a fim de que possam se posicionar criticamente a respeito dos temas propostos e interpretar as questões levantadas, relacionando-as com dados e fatos de sua vivência pessoal. Com as atividades promovemos a interpretação, pois, segundo Orlandi (2007, p. 9), “a interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem”. Para a Análise de Discurso de linha francesa, “a linguagem é tomada como prática” (ORLANDI, 2007, p. 28). Ao falar o sujeito significa e constitui identidade. A proposta desta pesquisa foi desfazer a estabilidade de sentidos e proporcionar aos alunos um lugar de interpretação, pois “não há sentido sem interpretação” (ORLANDI, 2007, p. 9).

Referências bibliográficas

ORLANDI, Eni Pucinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2007.

Diferentes tipos de liderança: a discursividade jovem na mídia impressa

SALES, Viviane (UFF/FAPERJ/LAS)
vivianesa20@hotmail.com

Com base no arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso (PÊCHEUX, 1969 e ORLANDI, 1988), pretendemos, com esta pesquisa, depreender e analisar a representação da liderança jovem na mídia brasileira, fazendo um estudo comparativo sobre o modo de como esta caracteriza a liderança de jovens traficantes que vivem na periferia e a liderança exercida por jovens bem-sucedidos que nasceram em famílias de classes média e alta. Visando uma delimitação maior do tema, este trabalho tem como objetivo examinar os processos de produção de sentidos no discurso jornalístico acerca de dois jovens em posições sociais desiguais: do empresário Thor Batista, 20 anos, filho de Eike Batista, e do traficante Bruno Silva da Costa, 19 anos, conhecido como "Pé de Porco", que tinha ligações com Antônio Francisco Bonfim Lopes, o Nem da Rocinha. O *corpus* da análise foi recortado a partir de reportagens transmitidas e publicadas em duas datas distintas e significativas: 03/12/2011 e 18/03/2012. O traficante Bruno Silva da Costa foi preso com armas e munição no morro do Vidigal, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, na primeira data. Na segunda, Thor Batista foi acusado de atropelar e matar, na noite anterior, o ciclista Wanderson Pereira dos Santos na Baixada Fluminense. No caso de Thor, ainda será analisada uma matéria de capa intitulada "O poderoso Thor" e publicada na *VejaRio* (em 02/06/2011). Assim, será possível fazer uma comparação de como este sujeito era falado na mídia antes e depois do acidente. Algumas posições do sujeito na reportagem sobre Thor na matéria da *VejaRio*, antes do acidente, são: um grande empresário, com o nome de divindade nórdica, herdeiro de uma fortuna estimada em 30 milhões, primogênito do oitavo homem mais rico do mundo, amante da velocidade, personalidade que mais se aproxima da figura de um príncipe herdeiro, rapaz, moço, rico, bonito e jovem. Nas matérias após o acidente, Thor é nomeado como: suspeito

de atropelar e matar o ciclista, filho do bilionário [Eike Batista], filho mais velho do empresário Eike Batista e da ex-modelo Luma de Oliveira, o empresário, Thor Batista, filho de Eike, primogênito de Eike Batista, jovem, não é considerado foragido. Nas matérias sobre Bruno Silva da Costa, as posições deste sujeito são: traficante Bruno da Silva Costa que atuava no morro do Vidigal, traficante, Costa, conhecido como pé-de-porco, liderança emergente na estrutura do tráfico no Vidigal, preso, jovem preso, jovem, criminoso, acusado de ser um dos seguranças dos traficantes Nilo e Pônei, pé de porco, Bruno, suspeito, homem, preso acusado de tráfico de drogas e um homem identificado como Bruno Silva da Costa. A fim de destacar não somente as posições destes sujeitos, mas também o discurso, formações discursivas e efeitos de sentido na mídia, este trabalho visa estudar se estes jovens são considerados líderes ou não, e como a liderança é tratada nos meios de comunicação. Curioso é ler, no manual de *O Globo*, no apêndice intitulado “Palavras Perigosas – expressões que se prestam a erros diversos” (GARCIA, 1992, p.119), a orientação dada ao vocábulo “líder”: “Palavra de conotação positiva, o que recomenda não usá-la para pessoas que comandam ações antissociais, como chefes de quadrilhas de traficantes”. Mas esta palavra é encontrada em diversos meios de comunicação, inclusive no próprio jornal *O Globo*, para identificar um traficante em posição de destaque. A palavra *líder* não aparece como vocábulo no manual de redação da *Folha de São Paulo*, seção de padronização e estilo – “Convenções e recomendações para escrever um texto claro” (PUBLIFOLHA, 2001) –, mas está inserida na orientação de quando utilizar a palavra “carisma”, da seguinte forma: “Não empregue este termo como conceito da ciência política, de modo indistinto para qualquer líder que aparente ter prestígio pessoal. Reserve-o para políticos como Getúlio Vargas, Juan Domingues Perón, Charles de Gaulle, Fidel Castro, Adolf Hitler.” No entanto, esta recomendação também não é seguida em muitas reportagens da *Folha de São Paulo*, pois *carisma* é usada para nomear também outras personalidades, como cantores e atores. A Análise do Discurso de linha francesa será a minha base teórica, através da qual poderei trabalhar conceitos como sujeito, discurso, formações discursivas e efeitos de sentido. A análise busca compreender também, como explica Maia

(1990, p.54), "os lugares de produção de sentidos, em que se colocam em jogo apagamentos, operações de inclusão e exclusão, as formações discursivas e as condições relacionado com a significantização dada pela língua na história". Com este referencial teórico, analisarei se a produção de efeitos de sentido de líder na mídia é a mesma quando se trata de indivíduos de condições sociais desiguais, mas que se encontram em situação de conflito com a lei e que são nomeados (ou não) como lideranças jovens.

Referências bibliográficas

MAIA, Maria Claudia Gonçalves. A produção do discurso jornalístico sobre o adolescente em conflito com a lei: jovem ou menor? In: *Caderno de Letras da Universidade Federal Fluminense*. Niterói: O Instituto, p. 51-58, 1990.

Manual da Redação Folha de São Paulo. São Paulo: Publifolha, 2001.

GARCIA, L. *Manual de redação e estilo*. Rio de Janeiro: Globo, 1992.

Sujeito e discurso:

Aspectos da constituição identitária em redes sociais

SANTOS, Ester Dias de Barros (UFF/LAS)⁵⁶
ester.dias.barros@hotmail.com

Não é novidade o fato de que as mídias e outras fontes de informações (TV, rádio, jornal, comunicações via satélite, internet, etc.) possibilitam aos sujeitos usuários um acesso quase que imediato aos dados sobre algum fato ou situação presente ou passada. Tais informações não se reduzem somente ao que acontece no bairro, cidade, estado e país, mas possibilita um “saber sobre” que transcende a esses espaços, dando acesso às informações sobre o que se passa no mundo. Como possível consequência dessa possibilidade de “saber sobre”, temos presenciado, atualmente, uma nova configuração de relacionamento entre os sujeitos; por isso, temos ouvido falar hoje em “sociedade da informação” (CASTELLS, 2000), “geração digital” (TAPSCOTT, 2010), etc. Graças ao que chamamos de Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC’s), estamos vivenciando, mais do que nunca, o processo de expansão contínua das redes sociais, sobretudo as redes de relacionamentos via *web* (*Orkut*, *Hi5*, *Facebook*, *Myspace*, etc.). Entendendo o sujeito discursivo como um ser social, sendo, portanto, apreendido em um espaço coletivo, o presente trabalho consiste em compreender os processos de produção de sentidos e problematizar os sentidos mobilizados através dos discursos provenientes de contos e minicontos que circulam em redes sociais, mais especificamente em comunidades do *Orkut*, *Facebook* e *Twitter*. Esses contos e minicontos a serem analisados se caracterizam por narrativas (*fakes*) sobre o “ídolo” *Michael Jackson*. Entretanto, cabe ressaltar que essas narrativas não são abertas ao público, mas são moderadas por um sujeito usuário,

⁵⁶ Pesquisa de Mestrado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras da UFF, desenvolvida no Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS), sob orientação da Prof^a. Dr^a. Silmara Dela Silva.

sendo destinadas aos sujeitos que, depois de aceitos, passam a ser membros desses espaços virtuais. Como consequência da aceitabilidade do moderador, o sujeito passa a pertencer a um grupo específico: fãs do Michael Jackson, tendo acesso a todas as informações contidas naquele espaço. Considerando que é por meio de significados produzidos pelas representações que damos sentidos à nossa experiência e àquilo que somos, e que falar de si é trazer à tona a própria subjetividade (WOODWARD, 2004), compreendo que os discursos derivados desses contos e minicontos podem apontar como esses sujeitos constroem sentidos em suas interlocuções ao colocarem em latência processos intersubjetivos (sempre via simbólico) através das vozes sociais que os interpelam como sujeito do discurso. Segundo Orlandi (2007, p. 92), “a ideologia é constitutiva tanto do sujeito quanto da produção dos sentidos”, o que nos possibilita dizer que ela nos constitui mesmo antes de termos “consciência” (essa que é a ilusão necessária) do nosso “Eu”. Sob tais considerações, a perspectiva subjacente deste trabalho parte da ideia de que, quando usamos a linguagem, não a usamos simplesmente como um usuário ou interlocutor, mas como um jovem, um brasileiro, um homem mulato, etc. Sendo assim, nós somos membros de vários discursos e em cada discurso apresentamos nossos matizes identitários (MOITA LOPES, 2003). Nesse sentido, pretende-se compreender os processos de produção de sentidos e problematizar os sentidos mobilizados através dos discursos provenientes do sujeito que ocupa a posição de fã do Michael Jackson e que, portanto, constrói narrativas (*fakes*) sobre um sujeito que, de acordo com a narrativa (construção ficcional), representa um sujeito específico, a saber: *Michael Jackson* na posição de pai, na posição de marido, de amante, etc. Diante dessa questão, surgem os seguintes questionamentos: como abordar a temática identidade e subjetividade a partir dessa nova configuração de interação entre sujeitos?; o que está em jogo no processo de interação entre os sujeitos que assumem a posição de fãs?; o que leva esses sujeitos a manter contato diariamente com os membros desses espaços?; quais sentidos podemos depreender desses discursos sobre um sujeito ficcional, considerado ídolo? No que tange ao campo teórico, serão mobilizadas a teoria da Análise do Discurso de orientação

pecheutiana, que compreende a linguagem (esta que nos permite enunciar) como não vazia, mas que possui efeitos de sentidos graças a sua inscrição no jogo das múltiplas formações discursivas (ORLANDI, 2002), e a Psicanálise, que está pautada na ideia de descrever e interpretar esse sentido, que é considerado não transparente. O trabalho, ainda em etapa introdutória, pretende utilizar como objeto de análise registros dos discursos de sujeitos que fazem parte desse determinado grupo, considerando que o sujeito advém pela linguagem, mas perde-se nela, justamente por estar apenas representando (CHNAIDERMAN, 1998). Em consonância com a perspectiva teórica aqui evocada, busco em Pêcheux (2008) a ideia de que os sentidos são construídos numa interlocução e que sujeito, linguagem (identidade) e história estão entrelaçados. A partir dessa ideia, busco sentidos nos discursos desses sujeitos, pois levo em consideração que o sujeito *falha* ao dizer, porque as palavras *escapam* do seu domínio (TEXEIRA, 2005), o que possibilita capturar, no fio do discurso, traços identitários, marcas (inter)subjetivas que denunciam um “eu”, graças às posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas (ORLANDI, 2007). À luz dessas considerações, a partir do *corpus* de análise (discursos sobre as narrativas produzidas pelos sujeitos fã)s e juntamente à perspectiva teórica aqui subjacente, proponho questionar principalmente sentido(s) idiossincrático(s) que, graças às vicissitudes das representações (da ordem do simbólico), demarca(m) o lugar social em que está situado o sujeito do discurso.

Referências bibliográficas

- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede* – a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CHNAIDERMAN, M. Língua(s) – Linguagem (ns) – identidade (s) – movimento (s): uma abordagem psicanalítica. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Linguagem e identidade*: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, S.P: Mercado de Letras, 1998.
- MOITA LOPES, L. P. *Discursos de Identidades*. Discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade, profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 7 ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, M. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

TAPSCOTT, Don. *A hora da geração digital*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2010.

TEXEIRA, Marlene. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 5ª edição. S.P: Vozes, 2004.

Arquivos sobre o EaD na rede eletrônica

SANTOS, Roberta Kerr dos (UFF/LAS)⁵⁷
roberta_kerr@hotmail.com

O ensino a distância (EaD) vem crescendo cada vez mais. Segundo dados da Associação Brasileira de Ensino a Distância (ABED), é crescente o aumento do número de alunos virtuais no Brasil e no mundo, em que essa modalidade de ensino é vista como uma excelente alternativa para a democratização da educação. Mais especificamente em nosso país, onde se busca atender a diversas demandas de capacitação profissional, é corrente a afirmação de que o EaD pode levar o conhecimento aos mais diversos locais e ao mais variado público. Isso porque possui um potencial de flexibilidade e adaptabilidade que o torna bastante versátil. Para a análise dos dizeres sobre o EaD, faz-se necessário considerar as suas condições de produção, partindo, primeiro, do conceito de ensino a distância, que é bastante abrangente, já que envolve quaisquer cursos aplicados com a separação em termos de espaço físico, conforme a legislação brasileira: “Art. 1º – Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos” (Art. 80 da Lei nº 9.394, 2006). O acesso, portanto, pode ser concretizado de acordo com as tecnologias disponíveis. Conforme a história do EaD e segundo Golvêa & Oliveira (2006), já no século XVIII, um curso da Gazeta de Boston oferecia material para tutoria por correspondência. Porém, oficialmente, somente em 1829, na Suécia, foi fundado o instituto Líber Hermondes, responsável pela formação de mais de 150.000 pessoas a distância. Se, em outros países, essa realidade foi sendo, de alguma forma, solidificada, no Brasil, o registro de formações que ocorriam não

⁵⁷ Pesquisa de Mestrado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras da UFF, desenvolvida no Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS), sob orientação da Prof^a. Dr^a. Silmara Dela Silva.

presencialmente, também por correspondência, se deu por volta do início do século XX, através do Instituto Universal Brasileiro. Porém, considerando a tradição do ensino, a introdução das tecnologias educacionais nem sempre foi bem aceita pelos teóricos da educação. Historicamente, os programas de EaD têm desempenhado basicamente um papel complementar, ratificado, inclusive, pelas leis instituídas pelo MEC. Dessa forma, durante muito tempo ele foi entendido como um modo não-tradicional, contrário aos pressupostos que garantiriam qualidade ao processo de ensino-aprendizagem, e principalmente vinculado à questão da autonomia do aluno, distante fisicamente do seu docente. Identificar a memória discursiva nos discursos contemporâneos sobre esse tema é o interesse da presente pesquisa, visto que muitas mudanças ocorreram nos caminhos do interdiscurso percorridos por essa prática em nossa sociedade. Por isso, a partir das publicações sobre o EaD, este estudo se propõe a analisar os dizeres sobre essa modalidade de ensino nos principais jornais e revistas eletrônicas, *sites* e *blogs* disponíveis na *web*. A rede eletrônica, portanto, servirá à pesquisa para que sejam percorridos alguns trilhamentos de dizer sobre o objeto de estudo na análise das formações discursivas que são constituídas em diversos arquivos virtuais. Principalmente considerando que “o confronto discursivo prossegue através do acontecimento” (PÊCHEUX, 1997, p. 17), a motivação destas análises envolve os falares críticos acerca da possível ausência de uma devida qualidade em um ensino que não mantém práticas tradicionais.

Dessa forma, busca-se perceber, na cenografia sobre o EaD, como os sentidos são constituídos como acontecimento no contexto sócio-histórico, partindo da compreensão da existência de diversas possibilidades interpretativas para o mesmo dizer. Concernente a essa questão teórica, seguem palavras da estudiosa em Análise de Discurso no Brasil, Eni Orlandi: “No momento em que se assume a incompletude da linguagem, sua materialidade (discursiva), o gesto de interpretação passa a ser visto como uma relação necessária (embora na maior parte das vezes negada pelo sujeito) e que intervém decisivamente na relação do sujeito com o mundo (natural e social), mesmo que ele não saiba” (1996, p. 37). Essa busca, portanto, é importante para entender

a sua formação discursiva, cuja prática, principalmente incentivada pelas comunicações virtuais em crescimento, tem se expandido significativamente. A fundamentação teórica de todo o trabalho segue os pressupostos da Análise de Discurso de linha francesa, a partir de Michel Pêcheux, Eni Orlandi e outros pesquisadores dessa área de pesquisa.

A dissertação está em andamento seguindo a proposta de pesquisa já citada, e, para este momento, analisar-se-ão dois textos disponíveis na rede eletrônica, sendo eles: “Ensino a distância rebaixa qualidade da educação no país Brasil”, por Lúcia Rodrigues, publicado no *site* da revista eletrônica *Caros Amigos*, e “Aprendizagem a Distância: dos Mitos às Evidências Científicas”, por Fredric M. Litto, publicado no *site* da Associação Brasileira de Ensino a Distância (ABED), ambos datados no ano de 2011. Urge esclarecer que o segundo texto é uma publicação em resposta ao primeiro, em função de o primeiro apresentar uma crítica muito severa ao EaD. Por último, as análises desses e de outros discursos disponíveis em textos publicados na rede eletrônica serão importantes para a identificação de regularidades, assim como a configuração dos sentidos discursivos sobre um tema que deve ser aprofundado para fins educacionais e sociais nos estudos da linguagem.

Referências bibliográficas

ABED. Disponível em: <http://www2.abed.org.br/faq.asp?Faq_ID=22>.

Acesso em: 12 de agosto de 2012.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 2006.

GOUVÊA, G. e OLIVEIRA, C. I. *Educação a Distância na Formação de Professores*: Viabilidades, potencialidades e limites. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2006.

LITTO, Frederid M. *Aprendizagem a Distância: dos Mitos às Evidências Científicas*. Disponível em:

<http://www.abed.org.br/informe_digital/447.htm>. Acesso em: 12 de agosto de 2012.

ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas: Pontes, 1996.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

RODRIGUES, Lúcia. Ensino a Distância rebaixa a qualidade da educação no país. Disponível em: <<http://carosamigos.terra.com.br/index2/index.php/component/content/article/157-edicao-175/2069-ensino-a-distancia-rebaixa-qualidade-da-educacao-no-pais>>. Acesso em: 21 de junho de 2012.

Considerações sobre um percurso em andamento: a noção de língua nos anos de 1950 e sua constituição

SCHNEIDERS, Caroline M. (UFSM/CORPUS/CAPES)⁵⁸
carollettras2005@yahoo.com.br

No estudo que estamos empreendendo em nossa pesquisa de tese, buscamos compreender a constituição da noção de língua no discurso científico dos anos de 1950, estudo este que procura dar continuidade ao que desenvolvemos em nossa dissertação. Interessa-nos tal questão devido ao fato de o discurso em torno da língua portuguesa dessa conjuntura ser atravessado por diferentes domínios que circulam junto às produções científicas desse período, em especial pelo domínio da Linguística e da Filologia. Para tanto, a noção teórica que dá a base aos procedimentos analíticos e que procuramos desenvolver é a noção de discurso-transverso (PÊCHEUX, 2009 [1988]), a qual nos permitirá compreender a historicização em torno da constituição da noção de língua nos anos de 1950, bem como refletir sobre as filiações teóricas inscritas no discurso científico em torno do português do Brasil, considerando que tais filiações têm consequências para a compreensão do que é a língua enquanto objeto dos estudos sobre a linguagem. O enfoque de nosso estudo recai sobre a década de 50 do século XX, pois se trata de um momento fecundo em estudos relacionados à língua portuguesa e em pesquisas linguísticas que se iniciam junto ao meio acadêmico. Além disso, trata-se de um período que antecede à obrigatoriedade da Linguística enquanto disciplina nos cursos de Letras. No desenvolvimento da pesquisa, interessa-nos compreender, sobretudo, como o domínio da Linguística se atravessa no discurso sobre a língua portuguesa do Brasil. Privilegiamos o atravessamento dos saberes da Linguística, visto que é um domínio que passa a ter um maior reconhecimento na década em questão, reconhecimento este que, para nós, contribui para que, na década seguinte, mais precisamente em 1962, esse domínio de saber se institucionalize como

⁵⁸ Doutoranda, sob orientação da Prof.^ª Dr.^ª Amanda Eloina Scherer.

disciplina. Para analisar o processo discursivo em torno da noção de língua, é necessário entender melhor a produção de um autor em específico e refletir mais sobre sua obra, a fim de compreender não só o processo discursivo, mas também como o sujeito do discurso se inscreve ao longo desse processo. Assim, selecionamos as obras da década de 1950 de Serafim da Silva Neto, devido à sua importância no que tange aos estudos sobre a língua portuguesa do Brasil. Diante da vasta produção do estudioso e da temática das obras, analisamos e delimitamos quais delas se configuram como as mais pertinentes ao nosso interesse de pesquisa. O primeiro critério de escolha estabelecido envolve o tema das obras, privilegiando as que tratam da língua portuguesa por um viés histórico, bem como as que estão sob um viés filológico, excluindo as que tratam de textos medievais portugueses, cujo enfoque recai num estudo crítico sobre as fontes manuscritas da literatura medieval portuguesa. Após essa primeira delimitação, adentramos as obras para observar como a noção de língua está constituída e, assim, selecionar as obras que contribuem para o objetivo proposto. Tendo em vista essas delimitações, constituímos o arquivo de nossa pesquisa, que é formado pelas seguintes obras: *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil* (1950); *Manual de Filologia Portuguesa* (1952); *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa* (1956); *História do Latim Vulgar* (1957). A partir do arquivo, realizamos recortes para constituir nosso *corpus* de análise. Trabalhamos com a noção de recorte, uma vez que se refere a uma operação descritiva, onde cada fragmento é tratado como uma unidade de análise, constituída por uma forma material. Para Orlandi (2005), por meio do recorte, pode-se explicitar como uma forma material, tomada em sua especificidade, que é linguística e histórica, produz sentidos. Selecionamos RDs que se fazem significativos para nossa questão de pesquisa, possuindo como critério para delimitá-los a noção de língua, ou enfatizando recortes que trazem conceitos vinculados e constitutivos de tal noção. O desenvolvimento analítico parte, principalmente, do modo como se linearizam as citações referentes aos saberes do domínio da Linguística, compreendendo que a citação pode estar inscrita no discurso via paráfrase discursiva, que, por sua vez, permite compreender o funcionamento do discurso-transverso, visto

que, pela paráfrase, há o atravessamento e a articulação de saberes outros na horizontalidade do discurso. Através da mobilização dessa noção, poderemos compreender como o processo discursivo se constitui por meio do atravessamento de saberes, além de compreender as filiações e os sentidos que se estabelecem no que diz respeito à noção de língua, observando os deslizamentos, deslocamentos desse conceito no período que compreende uma década da produção de conhecimento de Serafim da Silva Neto. Desse modo, propomos mobilizar a noção de discurso-transverso, partindo das redes parafrásticas, a fim de observar a determinação histórica constitutiva do nosso *corpus* de análise e compreender o modo como os já ditos são retomados e se inscrevem na horizontalidade da formulação discursiva em análise. Tal determinação decorre do fato de que, como sabemos, a partir de Pêcheux (2009 [1988]), não há discurso científico puro, ele é sempre determinado historicamente e está em relação a outros dizeres, instaurando uma determinada filiação histórica no discurso, filiação esta que permite a constituição do sujeito e dos sentidos. Nossa pesquisa inscreve-se, pois, à História das Ideias Linguísticas (HIL) tal como vem se realizando no Brasil, vinculando-a aos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso (AD) de orientação peuchetiana.

Referências bibliográficas

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4 ed. Trad. Eni Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009 [1988].

ORLANDI, Eni. *Discurso e Texto: formulação e circulação de sentidos*. 2 ed. Campinas: Editora Pontes, 2005.

Investigações iniciais acerca da imagem “oficial” do gaúcho

SCHWUCHOW, Valéria (UFSM)
Valeriadecassias@hotmail.com

O presente trabalho procura refletir sobre a constituição e a instituição de sentidos capazes de revelar um imaginário sobre o sujeito gaúcho e a história através de instrumentos linguísticos. Dentre as inúmeras possibilidades de seleção de instrumentos linguísticos, optamos por investigar como se constrói tal imaginário a partir do que é oficial, há pelo menos duas décadas, na legislação estadual, atentando especialmente para a lei estadual do Rio Grande do Sul, número 8.813, de 10 de janeiro de 1989, que torna oficial o uso da vestimenta “pilcha gaúcha” como traje de honra, a ser usada em atos oficiais públicos desse Estado, e suas relações com os sentidos presentes em dicionários de Língua Portuguesa. Como objeto de estudo, tomamos os seguintes instrumentos linguísticos: *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, de 1975 (em sua primeira edição), e o *Dicionário de Língua Portuguesa Houaiss*, de Antônio Houaiss, de 2001 (na primeira edição). Concebemos o instrumento linguístico dicionário como objeto discursivo, e vemos nos verbetes a reprodução das práticas sócio-históricas. Temos, assim, nos verbetes, “uma imagem da sociedade, imagem construída, parcial, que produz identificações e silenciamentos que se projetam em um espaço-tempo” (NUNES, 2006. p. 16). Deste modo, os dicionários contemplam o reflexo da sociedade com suas especificações, conforme o local e a época em que se configuram. E, para o trabalho de análise, seguimos como referencial a teoria da Análise de Discurso de linha francesa, como foi concebida por Michel Pêcheux, e, especialmente, no tocante ao Brasil, os estudos desenvolvidos por Eni Orlandi, tanto em Análise de Discurso (AD) quanto em História das Ideias Linguísticas (HIL), acrescentando, ainda, os trabalhos de José Horta Nunes. O referido instrumento linguístico é visto pela HIL como um discurso, e entendemos por discurso, pela perspectiva da AD, “efeito de sentido entre locutores”

(ORLANDI, 2005, p.21). Observamos, assim, os sentidos neste instrumento se fundando na vinculação entre os locutores. Os dicionários, com seus sentidos, constituem-se como uma prática; inscritos num espaço linguístico-histórico, eles estruturam uma sociedade: “Como todo discurso, o dicionário tem uma história, ele constrói e atualiza uma memória, reproduz e desloca sentidos, inscrevendo-se no horizonte dos dizeres historicamente construídos” (NUNES, 2006, p.18). O encontro das duas teorias, AD e HIL, resulta num olhar histórico da ciência, caracterizando-se como “ciências da linguagem [...] qualquer saber produzido sobre a linguagem na história” (NUNES, 2008, p. 107). Temos, assim, a AD composta por uma forma de leitura baseada em princípios teóricos e de análise que mobiliza as condições de produção, e a historicidade dos sujeitos e dos sentidos, fugindo da transparência e tendo como efeito o conhecimento em circunstâncias históricas específicas. Assim, a dupla AD e HIL complementam-se, e ambas veem os instrumentos linguísticos gramáticas e dicionários como objetos discursivos, passíveis de constituírem ciência. No intuito de observar a produção dos efeitos de sentido nas relações entre sujeito e história, recortamos os verbetes que tratam das qualificações e preceitos elencados na Lei, revelando-se como adjetivos e substantivos que determinam (e indeterminam) as características da vestimenta típica do gaúcho. São eles: “autenticidade”, “elegância” e “sobriedade”, como podemos observar neste fragmento: “Será considerada ‘Pilcha Gaúcha’ somente aquela que, com autenticidade, reproduza com elegância a sobriedade da nossa indumentária histórica, conforme os ditames e as diretrizes traçadas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho”. Buscamos, então, os sentidos abarcados pelos dicionários – instrumentos que são vistos, de acordo com a teoria referida, como objetos discursivos que, inscritos em determinado tempo e espaço, sob a égide de uma determinada ideologia, mostram/não mostram os efeitos das práticas sócio-históricas que ultrapassam as formulações dos verbetes neles contidos, acabando por reproduzir e/ou mudar as relações de sentido que se estabelecem na sociedade. Vemos, através da prospecção do verbeito nos dicionários, que a memória da sociedade produz efeitos de sentido na história oficial, uma vez que os sentidos estão inscritos num espaço

discursivo já instituído como tal, que antecede a dos dicionários observados; portanto, já deveria estar estabelecida a relação da “pilcha gaúcha” com a imagem do gaúcho. Ressaltamos que os dicionários contemplados nesta pesquisa estão inseridos em contextos diferentes e refletem a imagem da sociedade a qual se dirigem, produzindo identificações e silenciamentos.

Referências bibliográficas

NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. Campinas, SP: Pontes, 2006.

_____. Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas. *Revista Letras*. Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 107–124, jul./dez. 2008.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

Dicionários consultados:

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.

NUNES, R. C.; NUNES, Z. C. *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre, RS: Martins Livreiro, 1984.

A designação da indumentária do gaúcho no *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul* e no dicionário *Houaiss*

SILVA, Kelly Fernanda Guasso da (UFSM/CORPUS/ FAPERGS)⁵⁹
kellyguasso@gmail.com

A imagem do sujeito gaúcho sempre chama bastante atenção diante do outro, seja ele gaúcho ou não. Estamos tratando da imagem produzida por uma caracterização física com uma indumentária bem particular. É partindo desta constatação que nos propomos analisar o discurso que representa esse gaúcho, através da comparação de como é designada a sua indumentária no *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*, de Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes, e no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, de Antônio Houaiss. A partir do fato de que o gaúcho tem uma expressão diferenciada (desde sua seleção vocabular até a escolha da indumentária) e considerando o projeto “A constituição do sujeito na/pela língua: investigações acerca do processo de gramatização, manutenção e atualização do saber nos e sobre os instrumentos linguísticos – Segunda Fase”, em que esse trabalho está inserido, é que pretendemos examinar os fatores que influenciaram a imagem que se formou acerca do gaúcho. A indumentária do gaúcho é a chamada *pilcha*, e a pilcha masculina é diferente da feminina. Para esse trabalho selecionamos designações próprias à pilcha masculina, que é formada por alguns elementos que podem ser nomeados de maneira diferenciada no resto do Brasil ou podem até mesmo ser desconhecidos; são eles: a alpargata, as bombachas, o chiripá, a guaiaca, o pala e o poncho. O gaúcho acredita que, ao diferenciar-se dos demais, faz do Rio Grande do Sul um estado privilegiado, pois conserva especificidades em relação ao restante do Brasil, possuindo vestimenta, culinária e linguajar característicos que, com o passar do

⁵⁹ Acadêmica do curso de Bacharelado em Letras e Literaturas da Língua Portuguesa na Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista Probic - FAPERGS, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Verli Petri da Silveira.

tempo, formaram e fazem parte do tradicionalismo gaúcho. Tudo isso advém do imaginário que o gaúcho tem sobre si mesmo, revelando seus modos de identificação com a ideologia dominante. O dicionário foi escolhido por nós como instrumento linguístico da maior importância, e vamos tomá-lo como “objeto discursivo” (NUNES, 2008) passível de análise. Segundo Auroux (1992), é através do dicionário (e da gramática) que se pode *descrever e instrumentar uma língua*, não servindo apenas para correção ortográfica, mas, principalmente, auxiliando na produção de sentidos na medida em que fornece ao falante as possibilidades de uso das palavras de determinada língua. Ainda segundo Auroux, o dicionário e a gramática são adventos que marcaram a *Revolução Tecnológica da Gramatização*, servindo como materialidades discursivas para a perpetuação de uma língua e a consequente construção do saber linguístico. O dicionário é um instrumento linguístico que trabalha para produzir um efeito de homogeneização de uma língua, mas *não pretende, e nem pode, manter intacta essa língua*, segundo Petri (2010), visto que a prática discursiva renova constantemente o sentido de qualquer vocábulo. O dispositivo analítico prevê um levantamento de verbetes relacionados à indumentária do gaúcho, tanto em um dicionário regionalista Sul-Rio-Grandense, quanto em um dicionário nacional. Os princípios básicos seguidos serão os da História das Ideias Linguísticas e da Análise de Discurso de linha francesa tais como são desenvolvidos no Brasil. Como é nosso objetivo perceber as designações dos verbetes relacionados à indumentária do gaúcho, analisaremos apenas os verbetes relacionados à indumentária masculina, já que a indumentária feminina é designada diferentemente e possui suas peculiaridades. Nesse trabalho, tomamos o dicionário como *um discurso sobre a língua*, conforme Nunes (2010), e é a partir disso que analisamos como a indumentária do gaúcho é discursivizada em um dicionário nacional, o *Houaiss*, e em um dicionário regional, o *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. Como primeiros resultados de nossas análises, percebemos que algumas palavras consideradas *gaúchas*, como “alpargatas”, “bombachas”, “chiripá” e “guaiaca”, que num primeiro momento foram pensadas como símbolos, na verdade receberam maior abrangência no dicionário nacional *Houaiss* do que no *Dicionário*

de *Regionalismos*. Fato esse que indica a importância do estudo dos dicionários, na medida em que é a partir das designações que constam nele, ou não, que há a produção de conhecimentos.

Referências bibliográficas

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

NUNES, José Horta. Dicionários: história, leitura e produção. *Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília*. Vol. 3, nº 1/2, Ano III, 2010. Disponível em:

<<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewFile/1981/1305>>

NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 1948.

PETRI, Verli. *Um outro olhar sobre o dicionário: a produção de sentidos*. Santa Maria: PPGL Editores, UFSM, 2010. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/CORPUS/public/livroVerli2010.pdf>>

Não somos números: formas de resistência no Morro da Favella⁶⁰

SOARES, Paula (UFF/LAS)⁶¹
splsoares@gmail.com

Este trabalho é parte da pesquisa desenvolvida para dissertação de mestrado, com a finalidade de analisar a inscrição na mídia das formas de resistência à violência na sociedade contemporânea a partir de um movimento social que surgiu no Morro da Providência em resposta às ações do Programa Morar Carioca – desenvolvido pela Secretaria Municipal de Habitação do Rio de Janeiro na Providência, com o intuito de se tornar um legado das Olimpíadas de 2016. O movimento mostrava fotos dos moradores, em preto e branco e tamanho grande, coladas em suas próprias casas marcadas – com tinta *spray* – pela Secretaria Municipal de Habitação (SMH) para serem removidas. Dito isto, um dos objetivos primeiros da pesquisa consiste em analisar a produção de sentidos a respeito do Morar Carioca em *sites* e *blogs* oficiais e privados. Serão tomados quatro lugares, a saber: (1) o *blog* de Raquel Rolnik, relatora da ONU para moradia adequada, de onde destacamos a postagem intitulada *Intervenção artística chama atenção para remoções no Morro da Providência, no Rio de Janeiro*; (2) o *site* Cidade Olímpica, página da Prefeitura do Rio para divulgação de seus projetos para os futuros jogos internacionais, de onde destacamos a notícia *Condomínio da Providência livra famílias de áreas de risco*; (3) o

⁶⁰ O título da dissertação traz o enunciado de uma das moradoras da Providência que tiveram sua casa marcada com a sigla da Secretaria Municipal de Habitação – SMH –, seguida de um número de identificação para remoção. Morro da Favella é o nome dado ao morro da Providência quando os ex-combatentes da Guerra de Canudos instalam-se naquela região, batizando-a em referência a Canudos. Segundo Valladares (2000, p.9), há duas explicações para o nome: “A existência neste morro da mesma vegetação que cobria o morro da Favella do Município de Monte Santo, na Bahia; [...] e o papel representado nessa guerra pelo morro da Favella de Monte Santo, cuja feroz resistência retardou o avanço final do exército da República sobre o arraial de Canudos”.

⁶¹ Mestranda pela Universidade Federal Fluminense, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Vanise Medeiros.

site da ONG Rio On Watch, que busca visibilidade para as favelas cariocas nos preparativos para as Olimpíadas, de onde escolhemos analisar a postagem *Perdendo a Providência*; e (4) o *blog* de uma moradora da Providência, que está alocado no Portal Agência Redes para a Juventude,⁶² de onde elegemos a postagem intitulada “*Projeto Sem-Teto Carioca*”. A pesquisa terá como suporte teórico-metodológico a Análise de Discurso (PÊCHEUX e ORLANDI). Nosso objetivo mais amplo será o confronto destes *sites* e *blogs* para investigar, em primeiro lugar, os diferentes sentidos para o projeto Morar Carioca, e, a partir de então, analisar de que forma o movimento pelas fotos é discursivizado nestes diferentes espaços – as postagens e notícias sobre as quais nos debruçaremos nessa segunda parte ainda serão definidas. Em nossa análise, tomaremos algumas questões norteadoras, a saber: (1) que sentidos para *remoção* estão em jogo?; (2) em que medida estes sentidos para *remoção* (re)direcionam os sentidos para o Morro da Providência e para *favela*, uma vez que a Providência é a primeira favela carioca?; (3) em que medida as condições de produção do Morar Carioca afetam esses diferentes sentidos para *remoção*, *Morro da Providência* e *favela*?; (4) até que ponto o movimento pelas fotos configura-se como uma resistência às remoções, mantendo ou deslocando o sentido para *remoção* e *favela*?; e (5) em que medida as condições de produção desse movimento afetam seu processo de resistência?

Referências bibliográficas

Cidade Olímpica. *Condomínio da Providência livra famílias de áreas de risco*. Rio de Janeiro. Publ. em 21 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.cidadeolimpica.com/morar-carioca-condominio-da-providencia-livra-familias-de-areas-de-risco>>. Acesso em: 2 mai. 2012.

⁶² Um projeto realizado pela ONG Avenida Brasil Instituto de Criatividade Social, com patrocínio do Governo Federal e da Petrobras, e com apoio do Programa UPP Social – da Prefeitura/RJ – e de organizações sociais. 300 jovens moradores de comunidades com Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) participaram de oficinas para que cada um tivesse condições de criar um projeto atuante em sua comunidade. Cada participante criou um *blog*, alocado no Portal da Agência, para postar detalhes do projeto. O intuito é que esse espaço traga como legado um novo mapeamento destas comunidades por seus habitantes.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. 2a. ed. Campinas: Pontes, 2007 [1990].

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectiva. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

RÖLLER, Zoe. *Perdendo a Providência*. Publ. em 23 fev. 2012. Disponível em: <<http://rioonwatch.org.br/?p=2808>>. Acesso em: 21 mai. 2012.

ROLNIK, Raquel. *Intervenção artística chama atenção para remoções no Morro da Providência, no Rio de Janeiro*. Publ. em 23 mai. 2011. Disponível em: <<http://raquelrolnik.wordpress.com/2011/05/23/intervencao-artistica-chama-atencao-para-remocoes-no-morro-da-providencia-no-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 21 mai. 2012.

SANTANA, Cintia. *"Projeto Sem-Teto Carioca"*. Rio de Janeiro. Publ. em 7 jul. 2011. Disponível em: <<http://agenciarj.pontaodaeco.org/node/2518>>. Acesso em: 7 jul. 2012.

VALLADARES, Licia do Prado. A gênese da favela carioca. A produção anterior às Ciências Sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 15, n. 44, p. 5-34, 2000.

Reflexões da e sobre a prática docente por futuros professores

SPENCER, Louise Cervo⁶³
oucspencer@gmail.com

A profissão docente tem sido objeto de discussões em diversos estudos, e este trabalho vem se somar a essas pesquisas já desenvolvidas, pois é uma das ações do projeto “Representações do Agir Docente”, que está vinculado à Linha de Pesquisa Linguagem e Interação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. O objetivo geral do projeto é analisar as representações do agir docente que estão presentes nos diferentes textos relacionados à atividade educacional; no caso deste trabalho, nos textos que configuram o discurso dos alunos de Letras, futuros professores. O objetivo desta pesquisa é perceber a (des)construção das representações pertinentes ao agir docente apresentadas por esses sujeitos em seus discursos, por meio de questionamentos como, neste trabalho, especificamente, os processos de decisão e reflexão sobre a prática (O que é ser professor? Quer ser professor?), visto que estão inseridos em um Curso de Licenciatura. A metodologia é de cunho longitudinal, uma vez que pretende acompanhar alunos ingressantes em 2011, no primeiro semestre do Curso de Letras - Licenciatura (Habilitação em Português e Literaturas da Língua Portuguesa) de uma Universidade do interior do Rio Grande do Sul, durante todo o seu período acadêmico. A concepção de linguagem que sustenta este estudo e orienta os procedimentos metodológicos é baseada na perspectiva interacionista. Nesse sentido, a linguagem é vista como lugar de interação e de interlocução, para que, ao mesmo tempo em que constitui os polos da subjetividade, seja constantemente modificada pelo sujeito que atua sobre ela. De acordo com essa concepção de linguagem, o presente estudo tem sua sustentação teórica nos processos teórico-metodológicos do Interacionismo

⁶³ Acadêmica do curso de Letras, sob orientação da Prof.ª Dr.ª Márcia Cristina Correa.

Sociodiscursivo (ISD), de Bronckart e Bronckart e Machado. Essa escolha deve-se ao fato da importância dada pela teoria ao papel da prática de linguagem (agir discursivo) em situações de trabalho, neste caso, trabalho docente. Assim, a proposta do Interacionismo Sociodiscursivo é analisar (compreender) as relações entre linguagem e trabalho docente. Como este projeto tem por objetivo analisar as representações do agir docente em textos, principalmente em discursos de alunos, foram propostas questões em busca de respostas que possibilitariam a compreensão dessa relação. Fazendo uma adaptação à proposta de Machado e Bronckart (2009), as questões pertinentes são: a) como se caracterizam, nos diferentes níveis de textualidade, os diversos textos produzidos *sobre esse* e *nesse* trabalho? b) quais são as representações e avaliações sobre o agir docente que são construídas nos textos? c) quais são as representações e avaliações dos elementos constitutivos desse trabalho? Para se chegar às respostas a essas questões, tomaremos por base de análise os textos orais produzidos sobre esse e nesse trabalho docente. Deve-se constatar que os resultados obtidos até então são preliminares, visto que a presente pesquisa será desenvolvida em 4 etapas. Cada uma dessas etapas é dividida em ações específicas referentes ao estágio da pesquisa. Até o momento, o trabalho consistiu na leitura de questões teóricas em paralelo com a coleta das entrevistas. A leitura dos textos teóricos relativos à primeira etapa do projeto resultou em um primeiro contato com a teoria do Interacionismo Sociodiscursivo. Para constatar e pensar essas relações, o presente trabalho trouxe também a realização de duas entrevistas com estes alunos ingressantes em 2011 no Curso de Letras - Licenciatura (Habilitação em Português e Literaturas da Língua Portuguesa) de uma Universidade do interior do Rio Grande do Sul, sendo uma entrevista no primeiro semestre (ingresso no curso) e outra no terceiro semestre (período anterior às disciplinas didáticas) do Curso de graduação. Essas entrevistas continuarão sendo feitas como forma de acompanhamento, em alguns momentos pontuais da graduação: quinto semestre (período posterior às disciplinas didáticas, mas anterior ao estágio) e oitavo semestre (período posterior ao estágio). Por enquanto, foram feitos

levantamento de dados, a fim de que, no segundo semestre de 2012, comecemos a proceder às análises.

Referências bibliográficas

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 1999.

_____. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

_____. *O agir nos discursos*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

MACHADO, Anna Rachel; ABREU-TARDELLI, Lília Santos; CRISTOVÃO, Vera Lucia Lopes (Orgs.). *Linguagem e Educação*: o trabalho do professor em uma nova perspectiva. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

_____. (Orgs.). *Linguagem e Educação*: o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

A Linguística e o seu discurso sobre o ensino de Língua Portuguesa no Brasil

STURZA, Simone de Moura (UFSM/Bolsista PET/CORPUS)⁶⁴
WINCH, Paula Gaida (UFSM)

Este trabalho faz parte do projeto “A ciência linguística e o ensino de língua portuguesa no Brasil”, o qual tem por objetivo geral fazer uma investigação a respeito do discurso da ciência linguística para o ensino de língua portuguesa no Brasil. Esta pesquisa faz-se necessária, visto que a ciência Linguística é uma disciplina mais recente nos currículos de Letras, constando nesses somente a partir da década de 1960. Em virtude disso, é importante verificar quais os apontamentos que a Linguística traz para o ensino de língua portuguesa. O *corpus* de análise é a *Revista Letras* do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, a qual foi lançada em 1991 pelos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras, sendo que, atualmente, está no seu 43º volume, com sua publicação semestral. Nela, são publicados artigos de pesquisadores reconhecidos tanto em âmbito local, nacional, quanto internacional, seja na área da Linguística, seja na da Literatura, contendo também artigos em Língua Estrangeira. A análise consistiu, primeiramente, na seleção, em cada volume da revista, dos artigos pertencentes à área da Linguística vinculados ao ensino de língua portuguesa, excluindo-se os da Literatura e os da Língua Estrangeira. Após a seleção, os textos foram lidos e discutidos com a orientadora. No momento, a investigação ocorreu até o volume 4. Na sequência, elaboramos um quadro panorâmico, constituído pelos seguintes itens: 1. referência bibliográfica, sobressaindo-se o nome do autor do artigo, o nome do artigo, a edição, o semestre e o ano da revista em que se localiza o artigo e o endereço eletrônico do mesmo; 2. o foco do artigo; 3. a vertente teórica; 4. os conceitos abordados; 5. a articulação com o ensino. A partir da análise realizada, verificou-se que os textos em estudo pertencem às mais diversas correntes teóricas, tais

⁶⁴ Pesquisa sob orientação da Prof.ª Dr.ª Graziela Lucci de Angelo.

como a Sociolinguística, a Psicolinguística, a Linguística Aplicada, a Linguística Textual, dentre outras áreas. Para exemplificar a atividade desenvolvida, apresentaremos dois artigos analisados. O primeiro denomina-se “Gramática: Metalinguagem e tradição” (BASTOS, MATTOS, 1992), o qual tem por foco a gramática. Nele há os seguintes conceitos: língua como expressão do pensamento (*Gramática de Port Royal*); aquisição da linguagem pela criança (KARMILOFF – SMITH, de LEMOS); capacidade metalinguística/metaconhecimento (TFOUNI). Na articulação com o ensino, as autoras, apesar de reconhecerem que é possível trabalhar com a capacidade metalinguística dos alunos, justificam a necessidade da formalização do ensino por ela manter a precisão e a organização e refletir em um aspecto analítico. Elas apontam, ainda, que se deve incentivar a reflexão metalinguística nas aulas de língua portuguesa, isto é, a capacidade de operar sobre a linguagem; assim, as mesmas defendem que o ensino de gramática não deve ficar restrito à reprodução da análise contida no material didático. O segundo artigo intitula-se “O problema da completude textual em sala de aula” (KUREK, 1992), centrando-se na leitura enquanto interpretação. Aborda os seguintes conceitos: leitura ligada à compreensão (KUREK, 1992); leitura como transação entre leitor e autor (GOODMAN, 1991); leitura como um processo de construção de significado a partir do texto (Idem); estratégias cognitivas gerais (Ibidem); importância do conhecimento do leitor no processo de compreensão (SMITH, 1973); papel dos esquemas, pois é da ativação dos esquemas que depende a compreensão de textos (Idem); teoria da leitura ligada à concepção de linguagem que a embasa (PEREIRA, 1987); leitura como uma das formas de compartilharmos o mundo do outro (SILVA); interpretação como um descobrimento dos níveis de significação implicados no sentido literal (RICOEUR). A respeito do ensino, a autora – com base em sua experiência e através dos dados obtidos na pesquisa – chega às seguintes conclusões sobre o processo de leitura na escola: o aluno lê para o professor, lê superficialmente, aplica estratégias irrelevantes; o aluno possui pouca familiaridade com a leitura; não são realizadas atividades que desenvolvam habilidades cognitivas indispensáveis. Em decorrência desses aspectos, o aluno não consegue interagir com o texto, ou seja, depreender o seu significado.

A pesquisa está em seu percurso inicial; por isso, não foi produzido ainda nenhum trabalho escrito a respeito, como, por exemplo, um artigo acadêmico. No próximo semestre, pretende-se dar continuidade à pesquisa, visando à elaboração de um trabalho escrito, divulgando os resultados parciais da pesquisa.

Referências bibliográficas

BASTOS, L. K. X.; MATTOS, M. A. B. de. Gramática: Metalinguagem e tradição. *Revista Letras*, 4.ed., jul-dez, 1992. Programa de Pós-Graduação em Letras - UFSM. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r4/lucia_kopschitz.pdf>.

Acesso em: 08 jun. 2012.

KUREK, E. L. R. V. O problema da completude textual em sala de aula. *Revista Letras*, 4.ed., jul-dez, 1992. Programa de Pós-Graduação em Letras - UFSM. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r4/edi_kurek.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2012.

Subjetividades na mídia: as posições sujeito brasileiro e espanhol em propagandas multinacionais

TEIXEIRA, Karoline da Cunha (UFF/LAS)⁶⁵
karoline_ct@hotmail.com

O projeto de iniciação científica aqui apresentado está vinculado ao projeto de pesquisa docente *Mídia, sujeito e sentidos: o discurso midiático na constituição do sujeito urbano brasileiro*, em andamento junto ao Departamento de Ciências da Linguagem (GCL/UFF), bem como aos trabalhos desenvolvidos no Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS/GCL/UFF), que tem como objetivo depreender, discutir e analisar a subjetividade em materialidades diversas. No caso deste projeto – *Subjetividades na mídia: as posições sujeito brasileiro e espanhol em propagandas multinacionais* –, pretendemos analisar propagandas cuja circulação alcance outros países além do Brasil, com o intuito de compreender como são construídos os efeitos de sentido para os sujeitos nelas representados. Pela noção de posição sujeito no discurso, torna-se possível pensar o sujeito não como uma forma de subjetividade, mas como um “lugar” ocupado para ser sujeito do que diz. O sujeito consiste em uma posição marcada sócio-historicamente e que, segundo Orlandi (2001, p. 49), corresponde a uma “posição entre outras”. Isto porque as posições sujeito são constituídas a partir da forma-sujeito do discurso, da interpelação do sujeito pela ideologia. Conforme Orlandi (2010, p. 45), “o sujeito se constitui por uma interpelação – que se dá ideologicamente pela sua inscrição em uma formação discursiva – que, em uma sociedade como a nossa, o produz sob a forma de sujeito de direito (jurídico)”. Pêcheux (1997, p. 159), ao abordar a forma-sujeito do discurso como um produto de um “processo de interpelação-identificação” do sujeito pela ideologia, aponta o texto jurídico das leis como responsável pela constituição do sujeito de direito, a forma sujeito do capitalismo. Na constituição do

⁶⁵ Pesquisa de Iniciação Científica, com bolsa PIBIC/UFF, desenvolvida no Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS), sob orientação da Prof^a. Dr^a. Silmara Dela Silva.

sujeito de direito, conforme tratada em Haroche (1992), em seus estudos teórico-analíticos, a interpelação do sujeito pela ideologia se dá pelo Estado. Em estudo sobre o sujeito contemporâneo, em sua relação com a mídia e o mercado, Payer (2005, p. 14) aponta o movimento de fortalecimento do mercado em detrimento ao próprio Estado, uma decorrência da “diluição das fronteiras nacionais” e da “formação de novas entidades supraestatais”, “de cunho estritamente comercial”, nos termos da autora. Em consequência dessas mudanças na sociedade, a constituição do sujeito contemporâneo ocorreria também pela interpelação do mercado, e não mais apenas do Estado. As interpelações na constituição da subjetividade nesses novos tempos seriam igualmente promovidas pelo texto da lei jurídica, do Estado Moderno, conjuntamente pela mídia, em sua dispersão de textos. Segundo Payer (2005, p. 15): “Este grande texto da atualidade, no meu modo de entender, consiste da Mídia, daquilo que está na mídia, em um sentido amplo, e em especial no marketing e na publicidade”. Reflexões teóricas como as de Payer (2005) pensam as alterações nos processos de interpelação do sujeito pela ideologia diante das mudanças sociais e políticas, e do fortalecimento da mídia na sociedade atual. Ao considerar a mídia como um lugar de produção de sentidos, esta pesquisa também a assume como um lugar de constituição de posições sujeito, e busca analisar, assim, os sentidos para os sujeitos que se constituem nas propagandas multinacionais, que fazem parte deste “grande texto da atualidade”. A pesquisa aqui proposta foi recém-aprovada. Inicialmente trabalharemos a composição do *corpus* com propagandas da Coca-Cola, mais especificamente com a campanha “Razões para acreditar. Os bons são a maioria – 125 anos abrindo a felicidade”, comemorativa aos 125 anos da marca Coca-Cola e que teve ampla circulação na mídia durante o ano de 2011. Esta campanha nos interessou devido à grande circulação de diversas versões em diferentes países, de modo que a propaganda sofria modificações de acordo com o público a que se destinava, a fim de construir uma identificação do sujeito consumidor com o produto anunciado. Basicamente podemos dizer que as modificações feitas nas propagandas buscam que todo indivíduo se identifique com a posição sujeito consumidor da marca Coca-Cola. De modo mais específico,

focamos inicialmente nas propagandas da campanha que circularam no Brasil e na Espanha. Em tais propagandas, os sentidos são construídos a partir de apelos emocionais e comparações com estatísticas duvidosas. Na segunda versão do comercial da campanha na Espanha, com circulação exclusiva neste país, a marca faz uma relação em que o compartilhamento de 20.000 garrafas de Coca-Cola aparece como, de alguma forma, a justificar ou minimizar a compra de armas no mundo. Já no Brasil, a declaração de que 98% das latas de refrigerante são recicladas não leva em consideração questões sociais, como o fato de que, na maioria das vezes, esta é a única fonte de renda de muitas famílias. Diante desta campanha publicitária, questionamos: (i) qual a posição sujeito constituída para o sujeito brasileiro nas propagandas que circularam no Brasil?; (ii) qual a posição sujeito constituída para o sujeito espanhol nas propagandas que circularam na Espanha?; (iii) em que elas se diferem e quais sentidos reafirmam para esses sujeitos nacionais, tendo em vista que tais propagandas são dirigidas a diferentes sujeitos nacionais e adaptadas para línguas distintas?, Essas são algumas das questões que procuraremos responder neste estágio inicial de nossa pesquisa, que tem como objetivo principal analisar os processos de sentido e as posições sujeito que as propagandas multinacionais atribuem aos sujeitos a quem se dirigem, em diferentes condições de produção.

Referências bibliográficas

- HAROCHE, C. *Querer dizer, fazer dizer*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- MÚSICA anúncio Coca-Cola “Hay razones para creer em um mundo mejor-125 años” (version Española). Disponível em: <http://www.lascancionesdelatele.com/2011/01/musica-anuncio-coca-cola-hay-razones.html>>. Acesso em: 09. Agost. 2012.
- ORLANDI, E.P. *Análise de discurso*. Princípios e procedimentos. 9 ed. Campinas: Pontes, 2010.
- _____. *Análise de discurso*. Princípios e procedimentos. 3 ed. Campinas: Pontes, 2001.
- PAYER, O. Linguagem e sociedade contemporânea – sujeito, mídia e mercado. *RUA*, Campinas. n. 11, p. 9-25, 2005.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

RELISE Coca-Cola “Razões para acreditar”. Disponível em:

<http://www.cocacolabrazil.com.br/release_detalhe.asp?release=251&Categoria=38>. Acesso em: 09. Agost. 2012.

Os sentidos do embate urbano – cidade e(m) movimento: produção de subjetividade em materialidades discursivas do *hip hop* fluminense

TRAJANO, Raphael de Moraes (UFF/LAS)⁶⁶
raphademorais@gmail.com

A sociedade brasileira apresenta contradições que impõem à maior parcela da população um tipo de sobrevivência à margem de desfrutes fundamentais e constitucionais, tendo a voz jugulada por entraves de uma bruta ferida social que acarretam circunstâncias de descaso e intolerância, suscitando indignação e exclusão. Em posição de combate ao descaso e contra a naturalização da indiferença, erguem-se movimentos de cultura e artilharia reclamatória, com mostras de caráter artístico-político, a partir da necessidade de resistir, ratificar valores, celebrar costumes, exibir habilidades, impulsionando mente, corpo, voz e(m) movimento. Trata-se de ânimos que se proliferam como exclamação dos menos abastados, escancarando palcos de produção de subjetividade, atuando como instrumento “barulhento” de transformação. Este estudo tem como objetivo observar os efeitos de sentido produzidos em materialidades discursivas do movimento *hip hop*, com base na análise de suas expressões verbais e não verbais. O *hip hop* funciona como suporte para construção de subjetividades que se formulam pela narrativa, impregnando-se em seu fio, uma a uma, e impregnando-a. Está, pois, na língua, nos sons, nas cores, no lugar, na plasticidade, vinculando-se todos, numa relação de intimidade composicional. Cada elemento produz sentido acoplado a outros, devido a uma espécie de constituição particular que conforma integração de propósitos. Seu tablado é o gueto e em suas veias corre o sangue pisado do protesto. A plasticidade da matéria fala, seja em seus contornos aparentemente escassos de formalidades, com suas misturas de cores e movimentos híbridos, seja na provocação de identificações

⁶⁶ Doutorando pela Universidade Federal Fluminense, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Bethania Mariani.

às avessas, com vistas a se equiparar a um inimigo e seu suposto “requisite”, para dizer: “Eu posso ser como você, ostentar o que ostenta e fazer o que faz, do meu jeito, em meu lugar”. Que jeito é esse? Que lugar(es) antagônico(s) é(são) esse(s)? Propõe-se compreender o que essa expressão do gueto, em seu desempenho como voz de contestação e prática de promoção do orgulho, aponta como emergência, com o intuito de que se ampliem os juízos a mais âmbitos e classes envolvidas nos processos de discriminação que vilipendiam muitos em detrimento de poucos. Mais precisamente, olhar-se-á para o modo como se configura a produção de subjetividades em *clipes* postados no sítio Youtube.com (que geram comentários, embates e concordâncias), tendo como alicerce teórico-metodológico a Análise de Discurso francesa. A busca por novas estratégias, pelo entendimento sobre questões sociais, para aplicá-los em atividades de trabalho e de vida, justifica o interesse pela elaboração de uma pesquisa sobre as implicações provocadas por desigualdades, contradições, segregações e luta de classes. Encarar os efeitos do abandono, dar corpo e ouvidos ao discurso de insatisfação e colher frutos apodrecidos de aberrações sociais fizeram aflorar o desejo intimador de realizar uma abordagem que investigue a problemática social, erguendo demandas, provocando mais inquietações, não necessariamente em busca do encerramento de incômodos, ou do desmascaramento, enfim, de uma verdade imanente, mas de modo que se forneçam compreensões possíveis sobre os sujeitos que se promovem discursivamente e sobre as razões que os excitam a entender o mundo de tais ou quais maneiras. Há razões políticas, sociais, existenciais que produzem reflexos do passado, protagonistas na elaboração do presente, alimentando a circulação de práticas com *status* de “arquiteto” do futuro. Acreditamos que este estudo se faça primordial do ponto de vista teórico, por um lado, e de aplicação prática das reflexões, por outro. Seguimos pelas vias do desafio de analisar materialidades não verbais, perseguindo avanços, ora por meio de conversas, entrando em fluxos iniciados por outras tentativas que se vêm arquitetando Brasil afora, ora por meio de rupturas que possibilitem a abertura de novos caminhos. Direciona-se o olhar à mobilização de debates produtivos, buscando novas reflexões e

resultados fecundos, tendo como foco produções discursivas realizadas no interior de paragens em que se exibem estados de precariedade econômica, violência social e miserabilidades diversas. Muito do que se faz em ciência relacionado à linguagem de movimentos e práticas reproduzidas em favelas, guetos, morros, etc., em diferentes campos do conhecimento, leva em conta questões de autoestima, gênero, cidadania, variedade linguística, tomada de consciência política e organização das cidades. Nesse sentido, torna-se indispensável revisar bibliografias, compartilhar ou rejeitar pontos de vista, priorizando o debate, sem ilusão de fechamento, completude e resolução. Deseja-se, com base nos resultados, o aprimoramento das atividades docentes (no ensino de Língua Portuguesa) e educacionais, em face de uma demanda específica, em contextos escolares que se inserem no cerne das contradições sociais, operando como mola propulsora para o nascimento e desenvolvimento de nosso objeto de estudo.

O imaginário da política de pacificação nas correspondências midiáticas cariocas

VALENÇA, Marcio (UFF/LAS/CAPES)⁶⁷
marcciogrv@hotmail.com

Este projeto constitui parte de uma pesquisa de dissertação de mestrado, em processo de desenvolvimento, voltada para uma análise discursiva das cartas enviadas pelos leitores à imprensa carioca, focalizando, nessas correspondências, os dizeres e seus efeitos a respeito da implantação, manutenção e consequências da política de pacificação em comunidades marcadas pela existência do tráfico de drogas, atualmente em curso na cidade do Rio de Janeiro. Tomaremos, inicialmente, como base para composição de nosso *corpus* as cartas dos leitores dos seguintes jornais impressos cariocas: *O Dia*, *O Globo* e *Extra*, de abril até julho de 2012. Uma de nossas questões é: até que ponto, nas cartas dessas mídias, comparecem questões relativas à pacificação? Num primeiro debruçar sobre as correspondências do jornal *Extra*, notamos que questões relativas à pacificação não apareceram. Além disso, a partir do dia 27 de Abril de 2012 a seção de carta dos leitores foi substituída pela coluna diária do escritor Paulo Coelho. Faz parte de nossa reflexão pensar esse gesto que apaga e/ou silencia as vozes dos leitores. Até que ponto é um gesto isolado neste jornal? Os jornais *O Globo* e *O Dia* mantêm diariamente uma seção de cartas de leitores. Nossa questão em relação às correspondências dessas mídias é: o que se publica em relação à pacificação? À luz da perspectiva enunciativa proposta por Authier-Revuz sobre as possibilidades existentes de heterogeneidade e com a ancoragem teórica da Análise do Discurso (PÊCHEUX; ORLANDI), investigaremos, numa primeira fase, a forma de inscrição desses dizeres sobre a pacificação no fio discursivo, isto é, os vestígios significativos pulsantes da heterogeneidade mostrada. Pensar isso permitirá a observação dos

⁶⁷ Mestrando pela Universidade Federal Fluminense, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Vanise Medeiros.

movimentos de sentidos capazes de mostrar as possíveis negociações das formas de alteridade. Assim, a partir de uma análise na materialidade linguística, será possível uma reflexão sobre os elementos significativos encontrados nesse discurso de pacificação.

Referências bibliográficas

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidades Enunciativas. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, no.19, Campinas, SP: Unicamp, 1990.
- _____. Entre a transparência e opacidade: um estudo enunciativo do sentido. In: *Palavras mantidas a distância*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- CONEXÃO- LEITOR, Jornal O DIA, Rio de Janeiro, 2012.
- DOS LEITORES, Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 2012.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 9 edição. Campinas, SP: Pontes, 2010.
- _____. *As formas do silêncio*. 6 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- _____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4 edição. Campinas: Pontes, 2003.
- _____. Tralhas e troços: o flagrante urbano. In: *Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas: Labeurb/Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- _____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- _____. Análise automática do discurso. In: GADET, F. & HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

A narratividade urbana e os sentidos da oralidade em práticas discursivas constituindo a significação de sujeitos

VARGAS, André Luís Campos (UFSM/CORPUS)⁶⁸
anndrecampos@hotmail.com

O tema proposto em nosso estudo está centrado, em linhas gerais, no discurso, em como o discurso sobre o urbano faz produzir sentidos (notadamente pelo funcionamento da ideologia) observáveis em processos de narratividade urbana (ORLANDI, 2004). O presente trabalho inscreve-se na linha de pesquisa Língua, Sujeito e História, na área de concentração em Estudos Linguísticos, nível Doutorado, do PPGL/CAL/UFSM, inscrito SIE nº 32.054. Em síntese: propomo-nos a explorar recortes de discurso urbano afetados pelo atravessamento de saberes e domínios diferentes (memória discursiva) e seu relacionamento com a história e a ideologia no processo de constituição do sujeito. Partindo dessa reflexão, baseamo-nos na perspectiva metodológica segundo a qual o objeto é o discurso e, pelo funcionamento da discursividade, ressignifica o sentido e o torna uma questão aberta enquanto inscrição na história. Além disso, conforme pretendemos aprofundar em nossa investigação, há a existência material da ideologia – conforme Althusser (2008), a representação do mundo e a relação imaginária com as condições de existência, isto é, com as relações de produção –, onde é possível intervir a interpretação. Entendemos que não há manifestação da palavra, não há expressão de sentido em que não haja o funcionamento da ideologia. A ideologia é um conceito fundador da Análise do Discurso (AD) e é definida por processos histórico-discursivos enquanto linguagem, ou seja, um lugar da relação do sujeito com a língua, do sujeito com o simbólico e da língua com a história, na produção de sentido. Por conseguinte, nessa perspectiva, não perguntamos ao sujeito “o que ele quis dizer quando disse ‘x’”, pois o que ele “sabe”

⁶⁸ Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

não dá conta do modo como os sentidos se constituem na história e se presentificam na língua, independentemente de sua “vontade”. Não se está em busca de uma verdade, mas do sentido em sua materialidade linguística e histórica. Conforme Henry (1992), essas relações entre textos, palavras, discursos não se dão com quaisquer textos, palavras ou discursos, senão por “aquelas [palavras] que podem ser relacionadas com uma mesma forma-sujeito ‘sujeito-coletivo’, cujas condições materiais de existência será preciso definir”. Por essa perspectiva discursiva, inserimos a questão da historicidade para observação e análises de deslocamentos, deslizos, significações e ressignificações inerentes à opacidade da linguagem, os quais trazem à tona sentidos não previstos, via metáfora, como uma transposição marcada por sucessivas discursividades (mesmas palavras que ganham novos sentidos), mostrando o quanto o funcionamento pela língua (e pelo discurso) torna possível alcançar-se, pela “representação ideológica da ideologia” (ALTHUSSER, 2008), uma relação na qual o sujeito se acredita capaz de inscrever os atos de sua prática material e de suas ideias como sendo as de um sujeito livre e apto para intervir na realidade. Com efeito, nosso estudo vincula-se aos preceitos pecheutianos enquanto estes fundamentam uma teoria materialista dos sentidos, e tem como ponto norteador a questão da formação discursiva, “que caracteriza a instância ideológica em condições históricas dadas” (PÊCHEUX, 2009) e, mais, “lugar provisório da metáfora – representa o lugar de constituição do sentido e de identificação do sujeito” (ORLANDI, 2008), que nos possibilita pensar que, no político, os sentidos são divididos. Por esse conjunto de referências teremos como noções nucleares, conforme Orlandi (2012), a forma histórica (do assujeitamento e da existência da discursividade), a metáfora, o processo discursivo, a materialidade discursiva, a língua e o interdiscurso. Se, para Pêcheux (2008), o acontecimento discursivo pode ser compreendido como o ponto de encontro entre a atualidade e a memória, então é por essa confluência que queremos incidir nossa incursão investigativa, de modo a situarmos o movimento, o trabalho histórico das diferentes possibilidades de interpretação, do efeito e do jogo da ideologia (memória discursiva) sobre a opacidade de elementos

da narratividade urbana – o que há, ou o que possa haver, além da suposta evidência (transparência).

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. *Sobre a reprodução*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HENRY, Paul. *A Ferramenta Imperfeita*. Língua, Sujeito e Discurso. Trad. Maria Fausta P. de Castro. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

ORLANDI, Eni P. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia*. Campinas, SP: Ed. Pontes, 2012.

_____. *Discurso e texto*. Formulação e circulação dos sentidos. 2. ed. Campinas: Ed. Pontes, 2008.

_____. *Cidade dos Sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

“Um livro que propõe a feitura de laços entre pesquisadores e a trança de trajetos teórico-analíticos de analistas do discurso: assim poderia ser definida esta obra. Nossa proposta consiste em criar um campo para enovelar questionamentos e tecer fios de dizer de pesquisadores de três laboratórios brasileiros, quais sejam, Corpus (UFSM), LAS (UFF) e E-l@dis (FFCLRP/USP). Mas também haveria outro modo de dizer (sempre há vários deixados em silêncio a cada tomada de palavra...): este livro sintetiza e dá materialidade a uma série de encontros na teoria e na vida, saborosos e ricos, que vêm sendo construídos há anos e que agora ganham forma de uma cooperação regularizada por encontros de trabalho, publicações e estudos compartilhados”.



Laboratório
Arquivos do Sujeito
UFF



Laboratório Corpus
UFSM



Laboratório Discursivo
USP-RP